



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

327-6-19



FPS

384

CLARIDADES DO SUL

GOMES LEAL

CLARIDADES DO SUL

SEGUNDA EDIÇÃO (revista e augmentada)



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | 35. R. Ivens, 37
1901



A MEUS PAES

ADVERTENCIA DOS EDITORES

Este livro que gosa de uma tão notoria celebridade, e que representa a primeira fôrma, a primeira maneira, e até os primeiros ideaes do auctor, foi plano nosso, n'esta segunda edição, reeditado integralmente tal como elle saiu pela primeira vez.

O auctor, salvo as correccões indispensaveis na boa plástica, nem mesmo alterou a primitiva forma gráphica da inicial no principio de cada verso. O leitor, por isto, facilmente reconhecerá as poesias posteriores á primeira edição, e ainda não colligidas em volume. Como a critica rebusca sempre, com afan, as primeiras edições de um escriptor, para bem o conhecer, desde os seus primeiros passos litterarios, foi intento dos editores obedecer a este criterio, o qual tambem obteve a sancção do poeta.

Crêmos, com isto, ter procedido avisadamente.

Os EDITORES

PRIMEIRA PARTE

INSPIRAÇÕES DO SOL

HYMNO AO SOL

Vous, prêtres ! qui murmurez, vous portez ces
signes sur tout votre corps : « votre tonsure »
est le disque du « soleil », votre « étoile » est son
zodiaque, vos « chapellets » sont l'emblème des
astres et des planètes.

VOLNEY (*Les Ruines*).

Eu te saúdo ó Sol, bello astro amigo !
(Tão pontual ha tantos centos d'annos)
Mais reluzente que um broquel antigo,
Mais dourado que sceptros de tyranos:
Avé, heroica luz ! viva e sonora,
Vestindo o mundo, emquanto aos ceus erguidos,
As florestas extensas dão gemidos,
E o duro mar se chora !

Eu te saúdo, ó astro das batalhas !...
Por que atravez das cruas dissensões,
Douras o pó que se ergue das mortalhas,
E levantas os nossos corações !...
E por isso, ainda hoje, e eternamente,
Os romanticos te hão de a ti saudar,
— E os tristes sempre irão á luz poente,
Ver-te morrer no mar.

Tu és a Voz, a Côr, as *Harmonias*
Accordam com as tuas claridades:
És quem benze as aldeias e as cidades,
E quem fazes cantar as cotovias:
És quem inspira extranhas theorias,
És forte, são, consolador, e bom.
Tem a lua silencios e elegias:
— Mas tu a *Côr* e o *Som*.

Eu te saúdo, ó astro dos guerreiros!...
Eterno confessôr de madrigaes,
Que desgellas os densos nevoeiros,
Que alegras as sonoras capitaes:
Que dás valor nos campos marciaes,
E força e amôr aos aldeões trigueiros,
E que incitas os tigres carniceiros
A beber nos caudaes!

Desde a Chaldea ás êrmas solidões,
Tens tido cultos, templos levantados,
E velhos ritos barbaros sagrados,
E alegres, sensuaes religiões:
Tu foste *Mithras*, nome cabalistico,
Baal, *Agni*, *Apollo* (invocações)
— E hoje *Christo* — teu nome occulto e mystico --
Fere inda os corações.

Quem contará, ó luz, tuas bondades?...
E o amor no qual o coração abrasas,
E as tuas funeraes solemnidades
À ideal palpação das azas?...
Quem nos livra das flexas do peccado?
Quem faz na intima terra o diamante?
Quem gera o monstro, a pomba, o lyrio amado,
E a idéa extravagante?

Avé! pois, astro caro dos valentes...
Da Força, Vida, Gloria, da Paixão,
A fréxa d'ouro em corações ardentes,
Astro amigo das lutas e da Acção!
Avé! e em dias crús d'expição,
Vae e beija — nas hervas reluzentes —
Os que morrem, vencidos combatentes,
— A espada inda na mão!

À JANELLA DO OCCIDENTE

O mundo oscilla
LUTHERO

Os deuses ou são mortos ou caídos,
Quaes duros aldeões dormindo as séstas,
Ou andam, pelos astros perseguidos,
Chorando os velhos tempos das florestas.

Os reis ressonam nas devassas festas:
Já os fructos do Mal estão crescidos:
—Ó Sol, ha muito que tu já nos crestas!
—E aos nossos ais o Ceu não tem ouvidos!

Ha muito já que o Olympos está vazio,
E no seio d'um astro immenso e frio
È morto o Deus do Testamento Velho.

Apenas, sobre o mundo eterno e afflicto,
Fausto rebusca o x do infinito,
E Satan dorme em cima do Evangelho.

OS SANTOS

Les saints arrachaient leurs auréoles.
DUROIS

Viam-nos caminhar, exilados da luz,
As grandes povoações, as rochas, as paisagens,
E os corvos, os fieis amantes das carnagens,
Estes magros heroes, paladins de Jesus.

Andavam rotos, vis, os pés chagados, nós,
Finavam-se a rezar ante as santas imagens,
E ouviam-nos bradar no meio das folhagens:
— Ó arvores em flôr! vós sois esquite e cruz!

Onde estaes hoje vós?... Nas grutas dos planetas,
Inda hoje rezaes, ó pallidos ascetas,
Luzes vivas da Lei! martyres solitarios?

Na terra não: que ha muito a materia nos nutre,
E nem no Ceu talvez: — no entanto o negro abutre
Tem saudades de vós, nas cristas dos calvarios!

D. QUICHOTE

A LUCIANO CORDEIRO

O que é isto ?

Nos tempos medievaes dos campeões andantês,
E das balladas—como a do bom rei de Thule—
Andava D. Quichote em busca de gigantes,
Magro, tristonho, ideal, crente Fausto do Sul.

Batalhador juiz da Virtude e do Crime,
Defendendo o opprimido, a mulher, o ancião,
Corria o mundo ássim—ridículo e sublime—
Em seu magro corcel, sob arnez de cartão.

Cheio de tradições, o velho mundo absorto,
Da banda do Meio Dia, ouvia o seu tropel,
E como insectos vis sobre um cavallo morto,
Riam as multidões do ultimo fiel.

Ia triste a scismar, com a alma abatida,
Nos caminhos do mal rasgando as illusões,
Magro Fausto do Sul, buscando a Margarida,
—Cheio de apupos vis, d'escarneos, de irrisões.

Vinha de batalhar espancado e abatido,
Cheio de contusões e lodos d'atoleiros,
E ao pé montando um burro e o escudo já partido,
Sancho Pança, a Materia, e o rei dos escudeiros.

Vinha sereno e grave, escarnecido, exangue,
Emmagrecido e calmo, em meio dos estorvos,
— Vinham ladrar-lhe os cães: e presentindo sangue,
Grasnavam-lhe em redor, bandos negros de corvos.

Sancho Pança fiel, vasculhava a escarcella,
E auscultava a borracha emmudecida emfim,
Emquanto o Heroe scismava, inclinado na sella,
Na conquista ideal do escudo de Membrin.

— Piravam aldeões, lavrador's crestados.
— Vinham á porta as mães, fiando o linho fino.
E os magros charlatães viam passar, pasmados,
Na sombra d'um cavallo o extremo paladino.

Dançavam os truões: as sujas enxurradas
Com a lodosa voz, resmungavam: Que é isto?
Satan n'um corucheu, bradava ás gargalhadas:
— Ó campeão do Bem! ó victima do Christo!

O PUBLICANO

*Ils erraient sales et immondes, et avaient
des dévotions hypocrites.*

DUBOIS

Um grão doutor da Lei dizia ao publicano,
Junto ao atrio do templo, em tempos da Judéa:
— Também tu vens orar, publicano sereia?
— A tua casa ardeu, ou deu na vinha o damno?

Jejuas tu agora e résas todo o anno,
Tu que levas o pobre e o orphão á cadeia,
Que tiras á viuvez o pão, o leite, a teia,
Tu que és avaro e vil, pagão como um Romano!

Que não resas como eu... que nunca vi desfeito
Dos compridos jejuns, nem macerar o peito,
E que hospédas Satan, como o antigo Saúl!

Não vês como estou sempre erguendo ao Ceu os braços
— O publicano então, disse, olhando os espaços:
«Tambem os poços são voltados para o Azul.»

A LYRA DE NERO

Nos seus jardins pagãos, entre archotes humanos,
Na lyra de marfim sobre as cordas douradas,
Nero vinha cantar ás noutes estrelladas,
Elegias d'amor e canticos thebanos.

Essa lyra do Mal que ouviram os Romanos,
Que cantou entre o incendio, as casas abrazadas,
Os lutos, os truões, as ceias depravadas,
Que mysterios não viu, medonhos e profanos

E, no emtanto, apesar da sua historia triste,
Se os tempos tem corrido, a Lyra ainda existe
Do devasso real, do lyrico histrião...

Seu canto inda nos prende, e ouvimos-o sem susto.
E, ó terror! ó terror! eu que amo o Forte e o Justo,
— Ouço-o ás vezes tambem, dentro do coração!

MYSTICISMO HUMANO

Sunt lacrimae rerum...

VIRGILIO

A alma é como a noute escura, immensa e azul.
Tem o vago, o sinistro, os canticos do sul,
Como os cantos d'amor serenos das ceifeiras
Que cantam ao luar, á noute, pelas eiras...
Ás vezes vem a névoa á alma satisfeita,
E cae sombria, vaga, e meúda, e desfeita...
E como a folha morta, em lagos somnolentos,
As nossas illusões vão-se nos desalentos!

Tem um poder immenso as Cousas na tristeza.
Homem! conheces tu o que é a natureza?...
— E' tudo o que nos cerca — é o azul, o escuro.
É o cypreste esguio, a planta, o cedro duro,
A folha, o tronco, a flôr, os ramos friorentos,
É a floresta espessa esguedelhada aos ventos.
Não entra o vicio aqui com beijos dissolutos,
Nem as lendas do mal, nem os chóros dos lutos.

— E os que viram passar serenos os seus dias...
E curvados se vão, ás longas ventanias,
Cheio o peito de sol, atravez das florestas,
Á calma do meio dia... e dormiam as sêstas,
Tranquillos sobre a eira, entre as hervas nas leivas,
Vão cansados depois, entre os ramos e as seivas,
Outra vez sob o Sol — a sua eterna crença —
Em fructos resurgir á natureza immensa,
E, aos beijos do luar, descansarem felizes,
Da bem amada ao pé, no meio das raizes!...

Morrer é livramento!... oh deve saber bem
Sentir-se dilatar na Natureza mãe!
Ser tronco, ramo ou flôr, nuvem, herva ou alfombra,
A rosa que perfuma, a arvore que dá sombra,
Estremeçar, na encosta, ás nocturnas geadas,
E recortar o azul das noutes constelladas!...

Sim! pelo claro azul d'essas noites serenas,
Que o segador trigueiro entôa as cantilenas,
Tão tristes como a lua e o espinho dos martyrios,
E que atravez do azul parecem cair lyrios...
Quando a brisa baloiça as folhas inquietas,
Noivam os rouxinoes e se abrem as violetas,
E a Natureza tem como um sabor de beijos,
Que obriga a soluçar a alma de desejos...

Que segredos dirão, nas brisas mensageiras,
À doçura da lua, a flôr das laranjeiras,
O lyrio, a madresilva, os jasmins vacillantes,
Què foram já, talvez, seios fortes e amantes,
E que a hoje, á branca luz dos myrthos sideraes,
Conversam sobre o amor e os gosos ideaes
Do tempo... que a falar corriam breve as horas,
Que seus olhos leaes tinham a côr d'amoras,
E debaixo do ceu teciam longas danças,
Ao pé da amante meiga e de compridas tranças!...

No lago somnolento a flôr do nenuphar
Talvez é um coração que abre para chorar,
O lyrio um seio bom,—e as violetas curvadas
São os olhos talvez das dôces bem amadas...

Feliz o sementeiro que vive entre os arados,
O campo, os lentos bois, longe dos povoados,
Entre os rijos irmãos humildes e trigueiros,
Que vivem sob o sol, á chuva, aos nevoeiros,
E quando á noute finda os suarentos trabalhos,
Vem a dôce mulher buscal-o nos atalhos,
Cujo olhar, como a lua, é tranquillo e consola,
E descanta, chorando, á noute na viola!...

E os que andam pelo mar, trigueiros e contentes,
Entre as ondas e o Ceu, nostalgicos, clementes,
Entre os cantos do vento, olhos fitos nos ceus,
Entre o azul, o escuro, e os frios escarceus,
Hombro a hombroo abysmo,—abysmo sempre aos pés —
Que dormem á poesia, á lua das marés,
E morrem uma noute, ó mar, aos teus emballos,
Deixando uns olhos bons e meigos a choral-os!...

• Eu, por mim, não terei um astro bom nos Ceus,
Nem uns olhos leaes que chorem pelos meus,
E que inda a fronte mal me obscureça a magoa,
Como espelhos d'amor já sejam rasos d'agua!...
Sósinho passarei, e não irei jámais,
Pelas murtas, com *ella*, ás tardes outomnaes.
De inverno, não terei os consolos do lar,
Nem do estio a doçura immensa do luar,
Meus filhos não irão jámais colher os ninhos,
—Ninguem virá, á tarde, esp'rar-me nos caminhos.

OS MONGES DE ZURBARAN

(IMITADO DE TH. GAUTIER)

Monges de Zurbaran! ó magros solitarios,
Que ao longo deslisaes dos grandes claustros frios,
Correndo eternamente as contas dos rosarios!

Dos remorsos sentis os santos desvarios?
Que mal vos fez a Carne, algozes de tonsura?
Espectros monacaes cavados e sombrios?

Essa materia vil — que é divina esculptura,
E que o Justo vestiu nas santas tradições,
Com que lei e razão é que bradaes: — Impura?

Ó santos! eu entendo as allucinações!
Os chumbos em fusão, as abrasadas lenhas,
As grelhas, a polé, as fauces dos leões...

As rodas infernaes que rasgam as entranhas,
Tudo o que Roma ideou: — mas o que eu não entendo
É o suicidio e a fé sob essas estamenhas.

Porque pois, sempre assim, um suicidio horrendo?
E toda a noite a carne, entre as vis disciplinas,
Dilacerar até o sangue vér correndo?...

Não são só as crueis macerações mofinas,
E o continuo bater nos peitos angulosos,
Que em tuas letras só, ó Christo! nos ensinas.

Julgais que Deus só quer aos grandes ulcerosos,
E que essa morte lenta, esse ar austero e grave,
Vos faça abrir mais cedo os cens gloriosos?...

Julgais que tal suicidio os grandes crimes lave?
— Largae das magras mãos, unidas, as caveiras,
Vossas covas, mortaes, deixai que um outro as cave!

O espirito immortal ergue-se entre as fogueiras.
Mas continuo insultar a Carne com desdem,
É rebaixar-te, ó Deus, a charlatão de feiras!

E, comtudo, que força e que energia teem,
Esses monges de Deus, em vivo amortalhados,
A viver sem mulher, sem paes, e sem ninguem!...

Tão moços, e, assim já tão velhos e cavados!
Por horisonte um claustro e um muro, — indifferentes —
Sósinhos a resar, ante os Crucificados!

Teus frades, Lesneur, são d'estes diferentes!
O triste Zurbaran soube exprimir melhor
Os extases do olhar e as cabeças doentes...

E a vertigem do ceu, o tédio, o desamor
Da Carne, que lhes dá aureolas febris, —
E esse aspecto que faz gelar-nos de pavor.

Como o duro pincel lhes pinta a flôr de liz
Dos cilícios! e a luz dos olhos mortecidos,
E essas rugas que os faz magros, sublimes, vis!...

Como as pregas alonga aos habitos compridos!
Como ás faces lhes cava a pallidez da terra,
Como se fossem já uns mortos estendidos!...

Quando as visões do Ceu nos extases descerra,
Ao Crucifixo os pés beijando soluçantes,
E açoutando-se qual o mar açouta a serra...

Ou quando passeaes pelos claustros gigantes,
Nem mesmo a propria sombra atraz deixando ao muro,
— Sempre, ó monges! vos pinta eguaes e semelhantes!

Com duas tintas só — claro livido e escuro,
Só duas posições — a recta e a que inclina,
Pintou a vossa historia e o vosso viver duro !

A fôrma, o raio, a côr, a luz que nos fascina,
Nada são para vós, magros indifferentes,
Por que o Ceu vos desvaira e a Cruz vos allucina !

E assim mudos passaes nas Biblias reverentes...
Julgando sempre ouvir nos cens que se descobrem,
Trovejar de repente as trombetas dos crentes.

Ó monges ! ó fieis ! não entendeis o Homem !...
Talvez a herva cresça, agora, em vossos peitos,
Pois bem, que dizeis hoje aos vermes que vos comem?

Que sonhos maus fazeis n'esses extremos leitos ?
Choraes o ter gästado o tempo que nos fuge,
Entre essas solidões e esses muros estreitos ?...

Monges, o que haveis feito, inda o farieis hoje ?

A BELLA FLOR AZUL

Quem saberá esgrorras onde terá nascido
esse bello lyrio branco?

VEI HA COMEDIA ITALIANA

Eu não sou o fatal e triste Baudelaire,
Mas analyso o Sol e decomponho as rosas,
As rijas e imperiaes dahlias gloriosas,
— E o lyrio que parece o seio da mulher.

Tudo o que existe ou foi, morre para nascer.
Na campa dão-se bem as plantas graciôsas.
E, um dia, na floresta harmonica das Cousas,
Quem sabe o que serei, quando deixar de ser!

A Morte sae da Vida — a Vida que é um sonho!
A flôr da podridão, o bello do medonho,
E'a todos cnbrirá o mystico cypreste!...

E, ó minha Sphinge, a flôr pallida e azul no meio,
Que hontem tinhas no baile e que trouxeste ao seio,
— Levantei-a d'um chão onde passára a Peste.

HORA DO MEIO DIA

J'étois inquiet distrait, rêveur; je désirois
un bonheur dont je n'avois pas l'idée.

Confessions de J. J. RUSSEAU

— Sósinho no meu quarto retirado, --
Certas horas do dia calorosas,
Quando as flexas do Sol queimam as rosas,
Eu scismo no seu corpo esbelto e amado!...

As curvas do seu collo assetinado,
Mais fino que o das rôllas amorosas,
Dar-me-hiam as noutes voluptuosas
De que falam os dontos do Peccado.

Mas, no emtanto, lá fora o sol adusto
Queima as campinas e o aldeão robusto,
Vôam abelhas a colher o mel.

E eu cheio de tristeza e d'anciedade,
Continuo a scismar — como um abbade —
Na Virgindade olympica e cruel.

CANTIGA DO CAMPO

Como eu adoro as tuas «simplicidades!»

MEINA

Porque andas tu mal commigo,
Ó minha dôce trigueira?...
Quem me dera ser o trigo
Que, andando, pisas na eira!

Quando entre as mais raparigas
Vaes cantando entre as seáras,
Eu choro, ao ouvir-te as cantigas
Que cantas nas noutes claras!...

Os que andam na descamisa
Gabam a violla tua,
Que, ás vezes, ouço na brisa
Pelos serenos da lua.

E falam com tristes vozes
Do teu amor singular
A'quella casa onde cozes,
Com varanda para o mar.

Por isso nada me medra,
Ando curvado e sombrio!...
Quem me dera ser a pedra
Em que tu lavas no rio!

E andar contigo, ó meu pomo,
Exposto às chuvas e aos soes...
E uma noite morrer como
Se morrem os rouxinoes!

Morrer chorando, n'um chôro
Que mais as magoas consolla,
Levando só o thesouro
Da nossa triste viola!

Porque andas tu mal commigo,
Ó minha dôce trigueira?...
Quem me dera ser o trigo
Que, andando, pisas na eira!

A AGUIA

No tempo em que era a grande Deusa viva,
Os deuses, os heroes, e as Musas bellas,
Dizia uma aguia velha e pensativa,
Que fizera a viagem das estrellas:

— Vão-se indo as tradições... e hão-de ir com ellas
Apollo, Jove, Vichnú, e Siva!
Um astro é grão de luz, o mar saliva
De ti ó grande Pan!... Só Pan tu vélas!...

Mas quando assim falava a aguia, eis quando
Se ouviu aquella voz triste bradando
Na Sicilia: *Morreu o grande Pan!...*

Èpheso estremeceu, carpiu Eleusis.
Mas a aguia velha gargalhou: — Ó deuses!
Qual será o deus novo de amanhã?

ACCUSAÇÃO Á CRUZ⁽¹⁾

Ainsi lirait-il les antiques vérités, les tristes
vérités, les grandes, les terribles vérités.

DE QUINCY

Ha muito, ó lenho triste e consagrado!
Desfeita podridão, velho madeiro,
Que tens avassallado o munio inteiro,
Como um pendão de luto levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado
Foi realmente a Hostia, o Verdadeiro,
Elle está mais ferido que um guerreiro,
Para livrar das flexas do Peccado.

Ha muito já que espalhas a tristeza,
Que lutas contra a alegre Natureza,
E vences ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega-te o inverno, symbolo tremendo.
Queremos Vida e Acção — Fica-te sendo
Um emblema de morte e sepultura!

(1) Este soneto publica-o o auctor, para obedecer apenas ao plano de reedição integral da primeira edição.

LUTHERO

Ah, és tu diabo?...

lenda monacal

Luthéro, o frade austero e macilento,
Encontrou a Satan dormindo um dia,
N'uma rua d'Erfurt, á ventania,
Envelhecido, calvo, e vinolento.

Dorme! gritou-lhe o frade... a teu contento,
Guloso Pae da Indigestão, da Orgia!
Renunciaste ás lições de Theologia,
Ó velho corvo mau do Firmamento?

O mundo, como tu, está calvo é velho.
A Igreja é o lupanar do Evangelho.
E tu, ó ébrio, gulotão, descanças!...

Satan, olhando o azul, disse:— As estrellas
Vão pelo Ceu tão baças, amarellas,
Deus já deixou enferrujar as lanças!

A TERRA

Fecundará a terra com o suor de teu rosto.

**Cavae, eternamente, a velha terra!
Soffrei, suae, gemei na dura enxada,
Fecundae-a na paz ou pela guerra,
Quer seja pelo arado ou pela Espada.**

**O' Homem! trabalhar é tua herança,
Até que a Morte enfim grite — descança!**

**E' a Arvore a tua companheira,
O lar, a tenda, a sombra de teus passos,
Da tua amante a perfumada esteira,
Como benções t'estende os longos braços!**

**E ou seja em teu inverno, ou teu estio,
— E teu berço, teu leito, e teu navio!**

E' preciso que as lagrimas que correm
Façam crescer dos cardos os trigaes,
E, por cima dos corpos dos que morrem,
Se ergam verdes loureiros triumphaes.

E' preciso que em paz ou pela Guerra,
—Com pranto ou sangue se fecunde a Terra!

E' preciso caval-a!—Nos teus braços
Luza a enxada ou o gladio de destroços.
A vida é curta — e breves nossos passos,
E as flôres vivem, crescem, sobre os ossos!

E o berço não é mais, ó creatura,
—Que a linha d'união á sepultura!

E' preciso que a Morte, a dôr, os lutos
Se transformem em vinhas ostentosas,
Nossos prantos convertam-se nos fructos,
Do sangue dos heroes tinjam-se as rosas.

Soffrei, lutae, morrei, ó infelizes!
— O rosso sangue é util ás raizes.

O OURO

A THEOPHILO BRAGA

Dizia o ouro á pedra: — Ente mesquinho!
Que profundo scismar sempre te préga
À beira d'uma estrada, ou d'um caminho,
Pasmada, mas sem ver, eterna cega?

Em vão o orvalho a ti te lava e rega!
Em ti não cresce nunca pão, nem viaho.
Dura e inutil — o lodo é teu visinho,
E o homem só, por te pisar, t'emprega!

Em ti só medra e cresce o cardo e os lixos.
Tu serves só d'abrigo ao lodo e aos bixos.
E ensangentas os pés descalços, nós!

O' pedra! quanto a mim, sou a Riqueza!
A cega disse, então, com singeleza:
— Eu trago no meu peito occulta a luz.

O BUDHÁ

DE CATULLE MENDES

O Budhá scisma, as mãos sobre os artelhos.

Aquelle então que ouvira os seus conselhos
Diz: — Mestre! os que não forem resgatados
Do Mal, são como uns ceus annuviados!
Aos povos que d'aqui moram distantes,
Para que a Lei não errem, ignorantes,
Consente que, affrontando os soes e os frios,
Montes, rochas, passando a nado os rios,
Teu grande dogma, ó Mestre, eu vá prégando!...

— Mas se elles... o Budhá córta, sondando,
Te insultarem, eleito! que dirás?

— Direi só: — estas gentes não são más.
Pois vindo-lhes prégár de terra alheia,
Não me atiram aos olhos com areia,
Nem me espancam e ferem com pedradas!

— Mas se as gentes, acaso, allucinadas
Te espantarem, causando graves danos ?

— Estes povos, direi, são muito humanos,
E ha doçura n'aquelles corações.
Pois quando erguiam pedras e bastões,
Contra uma creatura tão mesquinha,
Não tiraram a espada da bainha.

— Se o ferro te ferir ?

— São bons, de sorte
Que me ferem, sem querer-me dar a morte.

— Se morreres ?

— A morte é grande esmolla.

— Vae pois, o Budhá diz, salva e consola.

NO CALVARIO

Maria, com sens olhos magoados,
Ceus espirituaes... lavava em pranto
As largas chagas de Jesus, enquanto
Ria ao pé um dos Tres Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
Escondiam a dôr no casto manto.
—Uma mulher d'Hennon chorava a um canto.
—Jogavam sobre a túnica os soldados.

Martha, os pingos de sangne, alva açucena,
Dir-se-hia no bom seio recolhel-os.
Alguns riam brutaes d'aquella pena...

Salomé tinha um mar nos olhos bellos.
João fitava a Cruz — Mas Magdalena,
Limpava a Christo os pés com seus cabellos.

HÉLI! HÉLI!

Quando elle, enfim, morrendo, elle o cordeiro,
Pomba mansa no ar pesado e immundo,
Pendeu-se como um lyrio moribundo,
Sobre a haste do tragico madeiro,

E lançando o espirito profundo
Ao reino bello, grande, e verdadeiro,
Finou-se, enfim, chagado e justiceiro,
Ainda, ainda, perdoando ao mundo...

Um soldado romano vendo-o exposto,
E já rôxo na Cruz, com um sol posto,
Com a lança enristada o trespassou...

Saiu d'aquella chaga sangue e agua.
— Ah, sangue que não deu a tanta mágua!
— Lagrimas, sim, talvez que não chorou!

AS ALDEIAS

Eu gósto das aldeias socegadas,
Com seu aspecto calmo e pastoril,
Erguidas nas collinas azuladas...
Mais frescas que as manhãs finas d'Abril.

Levanta a alma ás cousas *visionarias*,
A doce paz das suas eminencias...
E apraz-nos, pelas ruas solitarias,
Ver crescer as inuteis florescencias.

Pelas tardes das eiras — como eu gósto
Sentir a sua vida activa e sã!
Vêl-as na luz dolente do sol posto,
E nas suaves tintas da manhã!...

As creanças do campo, ao amoroso
Calor do dia, folgam semi-nuas,
E exhala-se um sabor mysterioso
Da agreste solidão das suas ruas.

Alégram as paisagens as creanças,
Mais cheias de murmurios do que um ninho,
E elevam-nos ás cousas simples, mansas,
Ao fundo, as brancas velas d'um moinho.

Pelas noutes d'estio, ouvem-se os rallos
Zunirem suas notas sibilantes...
E mistura-se o uivar dos cães distantes
Com o canto metallico dos gallos.

BENEFICIOS E PHILOSOPHIA DO SOL

Tem sido até agora — o scintillante
E antigo Sol, amigo da Harmonia,
Que me tem ensinado, cada dia,
A desprezar a Morte escura e errante.

As densas nuvens do porvir distante
Desdenha as a sua épica alegria,
E a sua heroica e sã philosophia
Nada, até hoje, eguala e é semelhante.

Decerto: é grato ao soffrimento insano
Dos tristes, quando surge o *rosto humano*
Da lua, abrandecer o Ceu com ais...

Mas, quando é que jámais dobrou á Sorte,
A alma do *fakir* — paciente e forte, —
Mais sereno que as plantas e os metaes?

DISPUTA

Voltair' dando co'o pé n'uma caveira, ria
Com certo riso mau, sinistro, mofador.
— A velha companheira, então, da Theologia
Dos Santos e da Cruz, bradou ao pensador :

— És tu impio Voltaire, ó verme roedor
Das folhas do Evangelho! ó Satan da ironia?
Cujos risos crueis fazem chorar Maria,
E desprégam do lenho a ensanguentada flor?..

Tu tens lançado o cuspo aos astros lancinantes,
Abalado da Cruz os cravos vacillantes,
E ladrado de Deus que julgas a dormir!..

Mas olha em cima é o Ceu, dos astros sementeira!..
— Voltair' disse-lhe então: Pois se assim é, caveira,
Por que te encontram, sempre, ao pé da cruz a rir?

AS CATHEDRAES

Como vos amo ver, ó cathedraes sosinhas,
A recortar o azul das noutes constelladas...
Ergnidos corucheus, misticas andorinhas,
— Ó grandes cathedraes do sol ensanguentadas!

Como vos amo ver, pombas alvoroçadas
Ogivas ideaes, anjos de puras linhas,
Catacumbas sem luz, aonde embalsamadas
Dormem, de mãos em cruz, as santas e as rainhas!

Em vão olhaes o Ceu sagradas epopeias!
Flores de renda e luz, d'incenso e aromas cheias,
Aves celestiaes, banhadas da manhã!

Em vão santos e reis, ó monges dos desertos,
Em vão, em vão resais, sobre os livros abertos,
— O Ceu, por que chorais, é uma ficção christã!

LYCANTHROPIA

L'auteur a remarqué que la mort de ceux qui nous sont chers, et généralement la contemplation de la mort, affecte bien plus notre âme pendant l'été, que dans les autres saisons de l'année.

(*Paradis artificiels.*)

Nuvens da tarde, azul fundo e sereno !
E astros inviolados, laranjeiras !
Para mim não valeis seu riso ameno,
E aquellas *lindas*, languidas olheiras!..

Nunca mais... eu bem sei que nunca mais. .
Ouvir-lhe-hei seus ais no ar calado,
Junto á janella á tarde, no bordado,
E entre as murtas do outomno... Nunca mais !

.....
Quando á tarde, no ocaso, os penetrantes
Cheiros das plantas nadam pelos ares...
E que as vermelhas nuvens singulares
Tomam formas de sonhos fluctuantes...

Quando ha no azul a mystica elegia,
Que nos lança nas lugubres chimeras,
Eu scismo então — ó rútilas espheras! —
N'aquella que já come a terra fria!..

E então, n'aquella vaga somnolencia,
Somnolencia em que a terra desaparece...
Mais immortal seu vulto me parece,
Mais cruel e sem fim *aquella ausencia!*

Nuvens da tarde, azul fundo e sereno!
E astros inviolados, laranjeiras!...
Nunca mais me dareis seu riso ameno,
E aquellas *lindas*, languidas olheiras.

Quando é que, ó grande e santa Natureza!
Me poderás um dia consollar
— D'aquella que já mais eu pôde amar —
Inacreditavel, lugubre crueza!...

D'aquella que talvez, alegre e louca,
Eu de certo amaria — amara, é certo! —
Mas que era pobre e só, e cuja boca
Tiuha a vermelha côr d'um cravo aberto.

Cuja voz era doce como um favo,
Voz que tocava as cordas mais secretas!..
Que nos fazia o coração escravo,
Cujos olhos... leaes tulipas pretas!..

Nuens d'Agosto, azul fundo e sereno!
E astros inviolados, laranjeiras!..
Nunca mais me dareis seu riso ameno
E aquellas lindas, languidas olheiras.

Nunca mais... Ah! mas não. Virá um dia,
— Dia livre de vis *conveniencias!*—
Que a ella me una, enfim, na terra fria,
E te ache, ó paz! nas santas florescencias.

O PECCADO

Nunca cessamos de peccar.

I

UBIQUE DÆMON

Bem sei... e mais que o sei, claro luar!
Que segundo a severa Theologia,
Pelas noutes sonóras de poesia
O aroma dos lyrios faz peccar!..

Quem vos diria!.. madresilvas, mar,
Lilazes, claros rios, cotovia...
Que, ao dizer da tirannica Theoria,
Vós farieis a Carne triumphar!

Ah! Natureza, pois, se és criminosa,
E nos levam ao mal urnas da rosa,
Bom coração do Christo inviolado...

Quantos não vês morrer, do ceu profundo,
Cheios de sangue, como heroes, no mundo,
— Exhaustos dos mil golpes do Peccado!



O PECCADO

Elle é antigo, tragico, venal.
Amando a Carne, o Crime, os assassinos,
E como a folha acerba d'am punhal,
— É quem golpeia os seios femininos.

É complicado, mystico, ritual,
Com sombrios escrupulos divinos,
E é quem faz estorcer os braços finos,
E escorregar a lagrima final...

No entanto, grato e funebre Peccado!
Attrahente, gostoso, desejado,
Negro nome de vicio e perdição...

A Igreja vê em tudo as tuas chagas,
E ha muito tempo já que o mundo esmagas,
E te embriaga o sangue da Paixão.

III

A CIDADE

Em vão busco na velha e hostil Cidade,
Beata amante, de gangrenas cheia,
As dispersas raizês da Verdade,
— Como uma flôr, n'um pateo de cadeia.

Quando, alta noute, *D. Juan* passeia,
Ella põe-lhe em leilão a mocidade.....
Tratada com a mystica anciedade,
Com que um sabio cultiva a flor da Idéa.

Mas, comtudo, ninguem receia tanto
O aspero Deus e o lenho sacrosanto
Da dorida tragedia do Calvario....

E, ó *D. Juan*, ás luzes das estrellas,
Tu bem sabes se encontras, nas ruellas,
Mais de uma vez, perdido algum rosario!..

IV

O INIMIGO

À genoux ! Je suis Pan !
(VICTOR HUGO.)

Ha muito que é chamado o Aborrecido,
O Rebelde, o Leproso, o Descontente,
O eterno Tentador sempre vencido,
Que habita o Ar, a Terra, e o Fogo ardente.

Elle é a Hydra, a Carne, o Incontinente,
O Orgulho nos abysmos submergido,
O que anda sempre em *nós*, o cão batido,
O espirito da Duvida, a Serpente,

Mas, mau grado, ó Igreja, a tua ira,
Elle não é nem Vicio, nem Mentira,
Nem synonimo de Mal e de Impureza!..

E eu bem sei, negro symbolo apupado,
Velho satyro, vil, calumniado,
— Diabo! que te chamas «Natureza.»

V

EM TODA A PARTE

*Elles teem dito e escripto que o Peccado
Anda disperso e rôe o mundo inteiro,
Que habita o duro coração guerreiro,
E o peito femenino e delicado.*

*Que anda no ar, em nós, da flôr no cheiro,
Das pugnas no ruído desolado,
No vinho, na paz doce do mosteiro,
— No corpo da mulher perfeito e amado!*

*É portanto, homem tímido e sujeito,
Quer te encostes, ou não, ao vão Direito,
O teu funebre gozo e teu tormento...*

*Habitua-te a tel-o na Desgraça,
No ar, no chão, na flor, no som que passa...
— E até, serpente vil, no Pensamento!*

VI

À JANELLA

Altas horas da noite, quando a rua
E' deserta da onda crapulosa,
No seu caminho em meio, vagarosa,
— Abro a minha janella, a vêr a lua.

Como uma branca divindade nua,
Ella avança celeste, e, á luz ditosa,
Qual copo de cristal que enche uma rosa,
O goivo do Peccado em luz fluctua.

Fluctua, e é n'estas horas recolhidas,
Que eu me ergo então ás cupulas subidas,
D'onde se avista o mystico ideal...

E rio, e admiro o vulgo obcecado,
Que cuida vêr, nas beiras d'um telhado,
—Abrir-se, n'um *craveiro*, a Flôr do Mal!

VII

ELLA

Quando *ella* enfim morrer, verão os vivos,
Cortando o ar uns ais de sentimento,
Como os lugubres côros dos captivos,
N'um triumpho, ou n'um grande saímento.

Ouvir-se-hão soluços pelo vento,
Elogios, ais fundos, fugitivos,
Que dirão:— «Lá se vão meus lenitivos!
Morreu a Espada, a Lei, Guia, e Sustento!

O seu tumulo terá goivões e rosas,
E vãs estatuas lividas, chorasas,
E epitaphios em lúgubre latim...

Terá palmas mais verdes que a Esperança.
—Mas a alma, em cima, escreverá:—Descança,
Serpente, irmã de Judas e Kain!

SONETO D'UM POETA MORTO

ACHADO NOS SEUS PAPEIS

Bem sei que hei de morrer cedo e cansado,
Alguma cousa triste em mim o diz...
E vagarei no mundo, desterrado,
Como o Dante, chorando a Beatriz.

Pelos reinos, irei talvez curvado,
Como um proscripto principe infeliz,
Ou como o indio pallido e exilado,
Chorando o vivo azul do seu paiz.

Mas no entanto, ah! ninguem, ao Sol divino,
Abrasou mais as azas, derretidas
Ante as duras, ferozes multidões.

E ninguem teve a torre d'ouro fino,
Aonde, quaes princezas perseguidas,
Morreram minhas doidas illusões!..

A UMA JUDIA

(SAUDAÇÃO)

Avé Regina !
(*Hymno Catholico*)

Le second soleil ! Le second soleil.
(*Phantasies scientifiques de Sam*)

O' filha d'Israel, ó vestal impolluta !
— Serena como a côr diaphana do azul —
O Rebelde da luz vencêra Deus na lucta
Se armára contra os ceus teus cabellos do Sul.

Filha de Cham e Loth, tu és o ideal vivo,
(O' onro, incenso e myrra, ó licor nunca visto !)
Quando nos queima a luz do teu olhar esquivo,
Teus olhos ferem mais do que os cravos do Christo.

São dous cravos de luz, dous limpidos espelhos,
— A luminosa cruz onde me ensangentei ! —
N'elles soletro claro os grandes Evangelhos,
E n'elles leio mais que nas taboas da Lei.

Quando passas por mim, toda a minha alma anseia,
E os meus olhares vão cobrindo-te de beijos,
E tu passas — archanjo em corpo de Phrynea, —
E Bíblia encadernada em lubricos desejos.

Ab! teus olhos crueis, límpidos, negros, baixos,
Se um dia o sol, morrendo, enoutecesse os ceus,
Ser-me-hiam, mulher! como dois grandes fachos,
À luz dos quaes iria a ver se achava Deus.

A VISITA ⁽¹⁾

Hontem dormia à noute — e, eis que desperto,
Sacudido d'um vento agudo e forte,
Como um homem tocado pela Morte,
Ou varrido d'um vento do deserto.

Accordei — era Deus, que de mim perto,
Me dizia: Alma sceptica e sem norte!
E' preciso que creias e te importe
Adorar o Deus Uno, Eterno, e Certo!

E' preciso que a fé cresça em tua alma,
Como no inutil saibro a verde palma,
Verme! filho da Duvida — *Eis-me aqui!*

Eu sou a Espada, o Antigo, o Onnipotente!
Crê, barro vil! — Mas eu, descortezmente,
Voltei-me do outro lado e adormeci.

(1) D'este soneto pôde dizer-se o que fica dito da «Accusação à Cruz.»

PALACIOS ANTIGOS

A ANTHERO DE QUENTAL

Bons castellos leaes, nas rochas construidos,
As contorsões do vento, á chuva ennegrecidos,
Que vamos admirar na angustia dos poentes...
Grandes sallas feudaes com tellas de parentes,
O que fazeis de pé, como entre os nevoeiros,
Os antigos heroes e as sombras dos guerreiros?

Uma grande tristeza enorme vos habita!..
No entanto, a alma antiga ainda em vós palpita,
Evocando a emoção das chronicas guerreiras;
E mau grado o destroço, a herva, e as trepadeiras,
— Como um desejo bom nas almas devastadas —
Cresce, ao vento, uma flor, no peito das sacadas.

A parasita hera avassalou os muros!
Aninha-se o bolor nos cantos mais escuros,
Tudo dorme na paz das cousas silenciosas...
E nos velhos jardins, aonde não ha rosas,
— Só resistindo ainda aos séculos injustos —
Uma Venus de pedra espera, entre os arbustos.

Paira em tudo o silencio e o lugubre abandono
Das cousas que já estão dormindo o grande somno,
Evocando inda em nós os velhos cavalleiros...
— E ás lufadas do vento, os grandes reposteiros,
Entre as nossas visões das épocas sublimes,
Agitam-se, ao luar, sanguentos como crimes.

Mas, no entanto, o poeta entende aquellas dôres,
E as mudas solidões, os largos corredores,
As boas castellãs, as góthicas janellas,
Abertas toda a noute, a olhar para as estrellas...
Sõ elle sabe os ais e os gemidos das portas,
— E inveja, ás vezes, ser o pó das cousas mortas!

KAIN

Kain, no mundo errante, desterrado,
Fugindo á sua dôr cruenta e dura,
Morria, sobre um valle, abandonado,
— No solo primitivo da Escriptura.

O Remorso — esse mal que não tem cura —
Não abatia o peito allucinado
Do que nasceu no seio do Peccado,
Que herdou depois a geração futura.

Do Ceu sem mendigar luz, nem consollo,
Conservava inda erguido e altivo o collo,
Mas, n'essa hora fatal que a todos vem...

Kain velho rebelde, — e athen primeiro —
Nosso pae, nosso irmão, como um guerreiro,
Bradou, caindo — *O' Terra! ó Minha Mãe!*

CHRYSANTHEMOS

MADRIGAL BIZARRO

As tuas mãos pequenas,
gotas de luz coalhadas,
são frias como hyenas
de garras afiadas.

Tuas unhas déveras
— tão róseas, mas compridas, —
lembram as das pantheras
tratadas e polidas.

Teus labios de coral
e as pérolas dos dentes
mordem mais que as serpentes,
e a vibora crotal.

Tenho lido em viagens
caçadas a leopardos.
Mas nunca vi carnagens,
como fazem teus dardos.

Tenho ouvido também
naufragios, derrocadas,
mas nunca vi ninguém,
que, a rir, desse facadas.

Ah!... continúa rindo
n'um rir fêro e espontaneo,
que um chrysanthemo abrindo
verei, morta, em teu craneo.

Qual remorso mordente
de tanta frase louca,
outro azul... suavemente...
tapará tua bocca.

E então, por ti passando,
as lagrimas em fio,
gritarei, uivarei, chorarei, gargalhando:
— *Meu bem, passou o estio!*

A UMA NOIVA

—A D. EMMA JERVIS PEREIRA, ESPOSA DO DR. JERVIS PEREIRA—

Vou-te erguer brinde festivo.
Mas ha de ser brinde em verso.
Deve ser alegre e vivo.
Não achas?... Teu universo
não é *elle*, o teu captivo,
e teu senhor?... Pois, vae verso.
E ha de ser brinde festivo.

Brindo a esse dia de flores
branquinhas, de laranjeira,
em que tu, com róseas côres,
baixinha a voz feiticeira...
Sim disseste aos teus amores.
Que aromas de laranjeira!...
Brindo a esse dia de flores.

Brindo aos dias tão amenos
que se seguiram depois!...
Que calmos dias serenos!
Não podem os rouxinoes
cantal-os... São tão pequenos!..
Tão larga a alma dos dois!...
Brindo a esses dias amenos.

Depois, os olhos suáves,
que os noivosolvem silentes...
e aquelles arrulhos graves,
o apertar das mãos tão quentes,
e os beijos, quaes beijos d'aves!..
A beijarem-se, silentes,
ólham-se os noivos suáves.

Mais tarde... a mãe beija os filhos.
Riem na casa as creanças.
Pois ha mais pompas, mais brilhos
que valham o oiço das tranças|
d'uns anjos louros casquilhos?..
Riem na casa as creanças.
Mais tarde, a mãe beija os filhos.

Pois brindo ao dia de flores
branquinhas, de laranjeira,
em que tu, com róseas côres.
baixinha a voz feiticeira,
sim... disseste aos teus amores.
Que aromas de laranjeira!...
Brindo a esse dia de flores.

PEQUENINOS NÚS

Dormem do povo as creanças
sobre as palhinhas dos pobres.
Meninos ricos e nobres,
vamos... deitae alguns cobres
àquellas loiritas tranças!...
Sobre as palhinhas dos pobres,
dormem do povo as creanças.

Migalhas dos vossos bollos
deitae n'aquellas palhinhas.
Não é certo, ó rosas minhas,
que ás implúmes andorinhas
levareis riso e consollos?...
Pois bem!.. deitae nas palhinhas
migalhas dos vossos bollos.

Recorta o mar uma vella
como uma penna de prata...
Assim formosa aquarella,
na vossa alma singella
debuxo idéa tão grata...
como, com pluma de prata,
recórta o mar uma vella.

FLORES, FLORES! . .

Senhoras, mercae as flôres
para ennastrar n'essas tranças! . .
São as galas dos amôres,
dos poetas e as creanças! . .
São tão cheirosas . . . As côres
falam d'amor e esperanças! . .
Para ennastrar vossas tranças
senhoras, mercae as flôres.

Quem diz flôres diz mulheres!
Fala em rosas e açucenas,
fala em amorosas penas,
em lyrios e em malmequeres . . .
Quem diz rosas ou verbenas
fala em vós, mimosos seres!
nas vossas vozes serenas,
tremidas falas amenas,
cantos, risos, ais, prazeres! . .
Quem diz flôres, diz mulheres.

Mercae a Rosa, a rainha
das mais plantas cheirosas!
Mercae-a vós, moreninha!...
Quem quer rosas! Quem quer rosas!
Mercae-a linda loiriuha,
de branca tez graciosa,
que é mesmo irmã, irmãinha,
das folhas da planta airosa...
Pois se ella é a mais magestosa,
mercae a Rosa, a rainha!...

Mercae o Lyrio real,
o branco lyrio de neve,
tão magestoso e ideal,
tão esbelto, casto, e leve!..
Quasi que o vento brutal
a tocal-o nem se atreve.
Tocae-o, ó mão de crystal!...
Tocae-o, mãosiua breve!
Mercae o lyro de neve.
Mercae o lyrio real!..

Mercae-me estes malmequêres!
São as flôres que as camponezas
consultam... Teem taes dizeres
Que agradam mesmo ás princezas!...
Pois se promettem prazeres
d'amor, promettem firmezas,

promettem sacros deveres
do coração... as duquezas
por elles se sentem prezas
como as mais frageis mulheres!..
Mercae, ó minhas princezas,
Mercae-me estes malmequeres!..

Mercae os amôr's perfeitos,
que são flôres de eleição!..
Ponde-os n'esses niveos peitos,
do lado do coração!
Dae-os tambem aos eleitos
do vosso amor sem senão...
para os trazerdes sujeitos,
sem arrúfos, sem defeitos,
todos mezûras, respeitos,
todos joelhos no chão...
Se são flores de eleição,
mercae os amor's perfeitos!

Senhoras! mercae as flores
para ennastrar n'essas tranças!..
São as galas dos amores
dos poetas e as creanças!
São tão cheirosas!.. As côres
falam d'amor e esperanças...
Para ennastrar n'essas tranças
senhora, mercae as flôres.

A PRIMAVERA

(DE JUL'O FORNI)

Hão de dizer-me — Insensatos!
Que tenha novos amores,
Que brilham já outros soes,
De novo se abrem as flores...
E é o tempo dos rouxinoes.

E dirão inda depois:
Que a primavêra comêça,
E andam aromas no ar,
Que nos sobem á cabeça,
Como um vinho singular.

E eu dir-lhes-hei: Que m'importa!
Faz frio, fechem-me a porta!
— Ella, o meu bem, meu abrigo,
Levou, desde que está morta,
A Primavera comsigo.

SEGUNDA PARTE

REALIDADES

ACCUSAÇÃO A CHRISTO

A THEOPHILO BRAGA

Bradava um dia ao Christo, ao Redemptor,
Satan, cançado d'insultar os astros:
— Eis-te pendido ahi qual velha flôr,
Propheta escarnecido nos teus rastros!.. '

Vê como a Igreja vae! baixel sem mastros!
Navio roto em mares do Equador!
E os seus padres tem ouros e alabastros...
E folga, Messalina sem pudor!

Tem lançado teu corpo aos cães e aos corvos!
Falsificado a Lei, cheia d'estorvos,
E fogueiras erguido, ó Christo! ó Cruz!..

Satan dizia mais... mas, lenta e lenta,
Uma lagrima viu sanguinolenta
Escorregar na face de Jesus.

DE NOUTE

A J.ÃO DE DEUS

Elle vinha da neve, dos trabalhos
Violentos, custosos, da enxada...
Cantando, a meia voz, pelos atalhos.

A mulher loura, infeliz, resignada,
Cosia junto á luz.— O rijo vento
Batia contra a porta mal fechada.

Ao pé havia um Christo, um ramo bento,
E uma estampa da Virgem, colorida;
Cheia de mágoa, olhando o firmamento...

Uma banca de pinho, mal sustida,
Vacillante nos pés, um candieiro;
— Companheiros d'aquella negra vida.

O homem alto, pallido, trigueiro,
Entrou: tinha as feições queimadas, duras,
Dos que andam, com a enxada, o dia inteiro.

A mulher abraçou-o. As linhas puras
Do seu rosto contavam já tristezas
De grandes e secretas amarguras.

Tinha chorado, muito, as estreitezas
D'aquella vida assim!... Talvez sonhadq
Um dia, com palacios e riquezas!

Elle deitou-se a um canto; fatigado
D'erguer-se alta manhã, todos os dias,
Mal voávam as pombas no telhado.

Lá fóra, nuvens grossas e sombrias
No pesado horisonte; elle assim esteve;
— As noites eram asperas e frias. —

Ella cobriu-o d'uma manta leve,
Esburacada, velha; — no telhado
Ouvia-se cair, sonóra, a neve.

Ella, então, meditou no seu passado;
No seu primeiro beijo; nas lembranças
Talvez, do seu vestido de noivado.

E nas tardes das eiras; e das danças
A's estrellas, e aquella vez primeira
Que a rosa lhe furtou das longas tranças!

E aquella tarde, junto da amoreira,
Que trocaram as mãos; e na janella;
E quando olhavam, juntos, a ribeira.

E quando era tímida e singella...

.....
Lá fôra, dava o vento nos caixilhos;
Não brilhava, no ceu, nem uma estrella.

E, áquella hora da noite, por que trilhos
Andariam no mundo — ella scismava —
Nas miserias, talvez, sem rumo, os filhos!..

Elle, na manta velha resonáva.

AQUELLE SABIO

N'aquellas altas janellas
Que deitam para o telhado,
Eu vejo-o sempre encostado,
A namorar as estrellas.

Tem assim ares d'um empyrico,
Mui lido em philosophástros :
E' um pobre poeta lyrico,
Que escreve cartas aos astros.

Traz luto nos seus vestidos,
Por uma Ophélia de menos :
Tem uns cabellos compridos,
E uns olhos tristes, serenos.

Parece um Jove proscripto,
E já descrente das Lédas.
Conhece o hebraico, o sanscrito
E os livros santos dos Védas.

Espelha na luz do olhar
Não sei que visões amenas:
Anda sempre a imaginar
Idyllos ás açucenas.

E aquella mulher vaidosa,
—Que elle chama a sua Egéria—
Ri d'aquella alma anciosa,
E aquella turva miseria...

.....
.....
.....

Mais de tres dias ou quatro
Que lhe falta o necessario.
Estava hontem, no theatro,
Com luvas côr de canario.

NA TABERNA

A JOÃO DE DEUS

Vejo apontar o hyverno...
os crepísculos frios
Me açoitam as vidraças...

FRANCISCO MANUEL

Alguns dormem, nas mezas, debruçados,
Junto aos restos de um vinho já bebido;
— Outros contam seus casos desgraçados. —

Um d'elles alto, magro, mal vestido,
Conta historias d'amor; lançando fumo
D'um cachimbo de gesso ennegrecido.

Um tenta levantar um outro a prumo
Sobre os hombros, e um calvo, e já vermelho
Faz das suas miserias um resumo.

Depois conta que o pae ético e velho
Lhe está para morrer; lastima a vida;
E sobre as vinhas péde um bom conselho.

A casa é escura, velha, ennegrecida
Do fumo. Noute velha ouve-se o vento
Bater na antiga porta carcomida.

O frio, a neve, a fome, o mau sustento -
Tem quebrantado muito aquellas fronte;
E em muitos esmagado o pensamento.

N'alguns extinguido, mesmo, as fontes
Da justiça e do bem; e feito errar,
No mundo, como os lobos pelos montes.

E o egoismo dos filhos e do Lar
Banido o dó das lastimas estranhas,
E tornado-os mais frios do que o mar.

Alguns vivem nas neves, nas montanhas:
Outros o rio tem por seu visinho,
E com a Fome travam más campanhas.

E — todos — tem o ar triste e mesquinho,
Dos que vão, sem prazer, habituados,
Como a um somno que tira maus cuidados...

Beber as suas lagrimas com vinho.

OS LOBOS

La neige batait les vitres...
GUSTAVO DROZ

Cae lentamente a neve em cima dos telhados.

Tres longos dias crus, horriveis, são passados,
Que o rude lavrador anda por fóra ao vento,
A' neve, ao frio, ao sol, em busca de alimento,
E ainda não voltou. Um dos tres filhos chora.
Rija e sonóramente, a chuva cae lá fóra.

Quem sabe se virá? Já tem corrido os dias :
Ella, pobre mulher, viúva d'alegrias,
Magra, branca, doente, aspecto macerado,
Ha muito que presente um caso desgraçado,
O assassinio talvez !.. Ha horas malfadadas.
A miseria é sinistra e extensas as estradas !

Talvez pelo caminho, entre atalhos perdidos,
Na dura escuridão matassem-n'os os bandidos ;
A fome, magra e escura, a tudo obriga e atreve...
— Talvez de sangue esteja ainda tinta a neve !

Elle era bom :— talvez um pouco rude e duro !
Mas é que a vida é triste: e o seu trabalho escuro
A' chuva, ao frio, aos soes, pelo luar gelado
Faziam-o cruel ; e ás noutes embriagado,
Talvez para esquecer, tinha — sinistro o vinho.
Mas, no emtanto, era o sol d'aquelle estreito ninho,
A Alegria, a Força ; e a fome macerada
—Tinha-a espancado sempre a sua forte enxada !

Então, cheia de dôr, pallida de receio,
Quiz il-o procurar, pegou n'um filho ao seio,
O mais novo, e accendeu, tremendo, uma lanterna.
Vinha, ás vezes, no vento uns risos de taberna ;
A noute era cruel, a chuva rija e fria ;
Riam-se os pinheiraes, a solidão gemia ;
Corriam tradições de mortes e de roubos ;
— E ouvia-se, na neve, uivar de fome os lobos.

Se saísse, talvez não encontrasse abrigo.

Os filhos, a chorar, queriam ir comsigo.
Um esfregava o rosto em prantos e cabellos,
Perto d'um gato esguio, involto entre novellos,
E outro, roto, magro, e definhado, em pranto,
— Soluçava e tossia, ao mesmo tempo, a um canto.

Ambos elles, sem côr, doentes, encovados,
Dormiam pelo chão, nos ásperos sobrados,
Magros, cheios de febre, em farrapos, sombrios,
Sórdidos, semi-nús, e lividos dos frios,
A mauta esburacada e cheia de rasgões;
De vez emquando, ao longe, ouviam-se os trovões.
Caía fina a neve; a chuva terminára;
E como um grande alvor o meigo azul limpára!—
Ella saiu então; na capa esburacada
Embrulhou bem o filho e foi-se pela estrada.
Mas, elles, a chorar, quizéram ir com ella,
E como o escuro azul tinha uma clara estrella
Deixou-os ir tambem: — que um d'elles se o levava
Era por ser aquelle a quem o pae beijava,
E affagava, sorrindo, e enchendo de carinhos,
— Quando o ia aguardar á noite, nos camuhos...

A miseria é fatal, dorida farça escura,
—Que termina o christão latim da sepultura!

E assim pensava só, vestida de tristeza
A nervosa mulher, n'aquella natureza
Sombria, dura, má; por entre aquelles gelos,
E aquelle vento crú rasgando-lhe os cabellos:
«Ella nascera só para a dôr! — da Desgraça
«Ha muito havia já que lhe amargára a taça!
«Não conhecera nunca os rícos e agasalhos.
— «Os miseraveis Deus só faz para os trabalhos!

«E, áquella hora, talvez, felizes e contentes,
«Cheios do bom calor, os ricos indolentes
«Comeriam, á luz das vélas perfumadas,
«Nas mesas sensuaes: e emquanto nas estradas,
«Pelos atalhos máus, e as veredas sombrias,
«Ella ia a tiritar por entre as nevoas frias,
«Sem pão, sem luz, sem Deus — alegres satisfeitos,
«Elles riam, talvez, da chuva nos seus leitos!

«O sol d'elles é bom! — Nos duros ceus serenos
«Parece que não ha um Deus para os pequenos!

E continuáva a errar, por campos, por florestas:
Era o inverno cruel, tinham-se ido as giestas;
Iam sangrando os pés nos ásperos espinhos;
—A neve amortalhava os lividos caminhos.

«Ah como os ricos são serenos e felizes!
«— Elles sórdidos, vis, pôdem comer raizes,
«Não ter lume, nem pão, andarem macilentos,
«A's nevoas, ou aos soes, aos gelos dos relentos;
«São os párias, os Jobs, os vís: — e rejeitados
«Como os mortos que traz o mar, esverdeádos!

«E as mães se não serão leaes, boas, contentes!..
«Sempre os filhos com pão, os filhos sempre quentes,
«Cheios d'amor, de sol, vestidos de cuidados,
«De beijos, d'affeições, d'arminhos, de bordados,

«Amados seraphins, olympicos amores,
«E áquella hora, talvez, em leitos como em flores.
— Em quanto os seus, da fome encovados, immundos,
Tremendo, d'ella ao pé, sublimes e profundos,
«Sem pão, talvez sem pae, sem leito brando e leve,
— «Choravam semi-nús, descalços pela neve !

Em toda a parte a neve amortalhava o sollo.

Por fim cada mais chorava o filho ao collo;
Não rompia o luar, não tremia uma estrella;
Nem mesmo proprio Ceu se amerciava d'ella;
Lembrou lhe as lendas más de mortos e de roubos,
E ouviu-se, já mais perto, uivar de fome os lobos.

Cada vez, cada vez se aproximavam mais.

Ella poz-se a correr, por selvas, por pinhaes.
Mas caiu-lhe a lanterna. — Os filhos, aturdidos,
Açoutavam o ar de chóros, de gemidos.
Já tinha em sangue os pés dos rijos matagaes.
— Os lobos cada vez se approximavam mais.

Na sombra, então, ouviu-se um grito lacerante.
Tinham levado um...

Terrível, n'este instante,
Voltou-se para traz, como hyéna ferida,
Desvairada, feroz, trágica, enfebreçada,

Desejando rasgar, rugir, lutar tambem ;
Mas logo, na sua dôr, lembrou-se que era mãe,
E que ia expôr os mais aos deutes aguçados
Dos animaes crueis.—Elles os desgraçados,
Eram filhos tambem! —Tambem seu coração !
—Fraca e vencida emfim poz-se a chorar então.

«Ella vivêra sempre entregue á dura sorte,
«Tão avara, cruel, que era mais doce a morte ;
«Sempre a escrava fiel da Familia, do Lar,
«Das duras afflicções; sabia só chorar; —
«Não invejára nunca as pompas nem os brilhos;
«—E até nem mesmo o Ceu lhe concedia os filhos !

Dir-se-hia a noute eterna, a noute desolada.
Começou a correr nos campos desvairada.
Depois voltou atraz... ouviu-se um ai profundo;
Uivavam outra vez — Levaram-lhe o segundo.

Então o medo escuro apoderou-se d'ella!...
Não se via no ceu tremer nem uma estrella,
A solidão profunda, a nevoa fria, intensa,
E em toda a parte só chovendo a neve immensa.

Proseguiu a correr, louca, feroz, sem tino,
Quasi o filho a esmagar d'encontro o seio fino,
Na dura escuridão, chamando em altos brados
Os nomes immortaes, os symbolos sagrados,

Pedindo compaixão, miseravel, vencida,
Fracca, chorando já aquella negra vida,
Convulsa de terror;—mas, longe, lentamente,
Começaram a uivar os lobos, novamente.

De novo retomou a barbara carreira,
Desalentada já; até que quasi á beira
D'um fosso, aberto ali, n'uma veréda escura,
Como um cadaver cae em uma sepultura,
Por fim, quebráda, hostil, olhando os turvos ceus,
Caiu, cheia de dôr, injuriando Deus.

No ceu surgia a lua — e já se ouvia agora,
Mais perto, elles uivar na solidão sonôra.
Ali, ella aguardou que fossem devorá-la.

.....
Serena ergueu-se a lua, a lua côr d'opála.

MISERIA OCCULTA

Bate nos vidros a aurora,
Vem depois a noute escura...
E o pobre astro que ali móra,
Não abandona a costura!

Para uns a vida é d'abrelhos!
Para outros moita de lyrios!..
Bem o revelam seus olhos,
Pisados pelos martyrios!

Miseria afugenta tudo!
Miseria tem dons funestos!
— Quem é que gába o veludo
D'aquelles olhos honestos?..

Ninguém seus olhos brilhantes
Enxérga n'essas alturas...
E aquellas fórmãs tão puras,
E aquellas mãos elegantes!..

Sempre á costura inclinada !
Morra o sol, ou surja a lua,
Nunca vi descer á rua
Aquella loura encantada!..

Aquelle lyrio dobrado
Porque assim vive escondido?
Eu bem sei! — não tem calçado,
E é muito usado o vestido!

Por isso não tem porvir.
Morrerá virgem e nova.
E aguarda-a bem cedo a cova...
Que eu bem a oiço tossir!

Miseria afugenta tudo!
Miseria tem dons funestos!
Quem é que gaba o veludo
D'aquelles olhos honestos?..

Pobre flôr desfallecida
Tão nova, e ainda em botão!..
Como teve estreita a vida,
—Terá estreito o caixão.

LISBOA

Cette ville est au bord de l'eau; on dit
qu'elle est bâtie en marbre...

BAUDELAIRE

De certo, capital alguma do Occidente;
Tem mais affavel sol, ou um céu mais clemente,
Mais collinas azues, rio d'aguas mais mansas,
Mais tristes procissões, mais pallidas creanças,
Mais egrejas e caes — e várgens onde a esteira
Seja em tardes d'estio a flôr da laranjeira!

A Cidade é garrida e esbelta de manhã! —
È mais alegre então, mais limpida, mais sã.
Com certo ar virginal ostenta suas graças...
Ha vida, confusão, murmurios pelas praças.
— E, ás vezes, em roupão, uma violeta bella
Vem regar o *cratoiro* e assôma na janella.

A Cidade é beáta — e, ás lúcidas estrellas,
O Vicio, á noute, sae aos becos e ás ruellas
Sorrindo, a perseguir burguezes e estrangeiros...
E á triste e dúbia luz dos baços candieiros,
— Em bairros immoraes, onde se dão facadas —
Corre ás vezes o sangue e o vinho nas calçadas.

As mulher's são gentis. — Umas altas, morenas,
Graves, sentimentaes, amigas de novenas,
Ebrias de devoções, relêem as suas *Horas*.
— Outras fortes, viris, os olhos côr d'amóras,
Os labios sensuaes, cabellos bons, compridos,
— Ás vezes, por enfado, enganam os maridos!

Os burguezes banaes são gordos, chãos, contentes,
Amantes de Cupido, egoistas, indolentes,
Graves nas procissões, nas festas, e nos lutos.
Bastante sensuaes, bastante dissolutos,
Mas humildes christãos!.. e, em mysticos momentos,
—Tendo, ainda, crueis saudades dos conventos!

Viciôsa ella se apraz n'um somno vegetal,
Adversa ao Pensamento e contraria ao Ideal.
— Mas, mau grado assim ser viciosa, egoista, á lua,
Como Nero tambem, dá concertos na rua.
E, em noutes de verão, quando o luar consolla,
— Põe ao peito a guitarra e a lyrica viola.

No entanto a sua vida é quasi intermitente.
Chafurda na inação, feliz, gorda, contente.
E, eclipsando as acções dos seus navegadores,
Abrilhanta a *batóta* e as *casas de penhores*.
Faz guerra á Vida, á Acção, ao Ideal!.. e ao cabo
—É talvez a melhor amiga do Diabo!

A SÊSTA DO SENHOR GLORIA

E' no fim do jantar. — Déram tres horas
No bom relógio antigo dos avós.
E o senhor Gloria pega n'uma noz,
Com um ar de quem trata com senhoras.

A casa de jantar toda pintada
E o estúque cheio d'aves, de paisagens,
De nymphas, prados, d'aguas, de boscagens,
Tem uma forma antiga e recatada,

D'involta com seus goles de Madeira,
Saboreia a senhora o seu café.
E ao lado, um filho rúbido, de pé,
Parece um prégador sobre a cadeira.

No collo da matrona dorme um gato
No melhor somno commodo do mundo,
Em quanto, em baixo, um cão grave e profundo,
Contempla uns restos, que inda estão n'um prato.

O senhor Gloria fâla, chocarreiro,
Do seu cunhado Aleixo de Miranda.
Lá fóra, um papagaio, n'um poleiro,
Diz cousas aos burguezes, da varanda.

Com um ar meio cómico e boçal,
Um sisudo creado atraz, de pé,
De vez em quando fala menos mal :
— O senhor Gloria aspira o seu café.

Muito tempo assim ficam n'esse estado
De santa somnolencia e beatitude,
Mais que assaz conhecido da Virtude,
Quando tem digerido e bem jantado.

No entanto, o senhor Gloria, olhos dormentes,
Contempla, na parede, os bons pastores,
Confidentes fieis dos seus amores,
— Que outrora hão já sorrído aos seus parentes.

Duas pastoras falam com poesia,
N'uma vereda d'alamos umbrosos,
E isto accôrda-lhe os tempos virtuosos...
Que a hora de jantar era ao meio dia !

Bellos tempos — pensa elle — de virtude,
De gloria, amor, coragem, fé ardente,
De longas procissões e de saúde,
De singelesa e paz — vida contente !

E o senhor Glória, aqui, n'um travesseiro,
Deita a cabeça, de pensar prostrado.
— O papagaio ri no seu poleiro.
— E a senhora sorri para o creado.

FARÇA TRISTE

Je suis son père.

FLAUBERT

Ninguém diria ao certo a idade que teria.
Era um velho devasso e bistrião — bom guia
Para mostrar, de noite, aos baços candieiros,
As casas de bordeis aos velhos estrangeiros.

Encontravam-o sempre a errar, imbecilmente.
— Era alto, magro, hostil, e dava-se á aguardente.

Tinha um certo tremor em todo o corpo : — o vinho
Dava-lhe um rir constante: tinha o sorrir mesquinho
E dúbio que nos faz arrepiar mau grado : —
Fôra mendigo e actor, ladrão, bobo e soldado.

Tinha os hábitos vis e as *farças* de caserna.
Ninguém sabia mais os casos de taberna.
E como elle era magro e esguio qual cypreste
Dobrava para o chão: o sopro do nordeste
Fazia-o tiritar: tinha os labios fendidos,
E uns oculos azues e linho nos ouvidos.

No entanto segue o Mal vários e negros trilhos!
O lívido truão tinha mulher e filhos
Esfomeados nus, amados, com paixão;
Por elles fôra tudo: — actor, bobo e ladrão.

Quando voltava, á noite, as lívidas creanças
Rotas, magras da fome, *ella* soltas as tranças,
Desfeita, emmagrecida, esqualida, doente,
Faziam-o chorar a vida e a aguardente.

Injuriáva Deus. Elle é sublime, augusto,
Bello, celeste, bom, dizem-o grande e justo,
E habita são, feliz, de sóes agasalhado,
Em quanto os *mais* tem fome, e que elle acabrunhado
Era velho e ladrão!... Tinha accessos, delirios.
E apostrophava o Ceu hermetico aos martyrios.
Abraçava a mulher e os filhos e de novo
Saía: — d'esta vez, voltava com um roubo.

Quando voltava então, os prantos da alegria
Tornavam-os boçaes: — e o pão era uma orgia.

A mulher tinha um riso alegre e natural,
E elle magro, faminto, exausto, machinal,
Chorava como um pae: tinha olvidado o inferno,
A miseria, a desgraça: era boçal e terno:
Tinha um ar virtuoso e angelico: os pequenos,
Cansados de soffrer a fome, o frio, ao menos
Sabiam comer bem!... Eram emfim felizes!
Não rojavam na terra a devorar raizes!
Comiam-lhe o seu pão! Custára-lhe trabatho!
Coitados! sempre assim, sem pão nem agasalho!...
Era uma vida atroz, ingrata, vil, escura!
Não tinham que comer, não tinham cobertura,
Tossiam tanto, á noite!.. Ah! Deus era um ingrato!

E os prantos, em roldão, caíam-lhe no prato.

MADRIGAL NA RUA

Ó irmã das açucenas !
Meu coração é um horto,
Semeado de mais penas
Que as chagas d'um Christo morto.

Tanto é vêr-te o meu desejo !
Tanto em mim poder conservas !
Que eu creio se não te vejo
Já ser debaixo das hervas !

.....

Debaixo d'essas janellas
Sempre crueis e fechadas,
Hontem á noite, ás estrellas,
Deram-me quatro facádas.

Mas nenhuma fez no peito
O mal, — que, por minha cruz !
Os teus olhos me tem feito,
Dando facadas de luz.

A LUA MORTA

Almas sentimentaes e ingenuas do lyrismo,
que cantaes do luar a luz que vos confôrta,
— varrida por atroz, remóto cataclismo,
ha milhões d'annos já que a antiga lua é morta (1).

Ha milhões d'annos já que esse alvejante rastro,
que ella espalha nos céos e sobre o mar profundo,
não é mais que o lençol do cadaver d'um astro,
do espectro d'um planeta e o phantasma d'um mundo.

(1) As observações telescópicas feitas sobre este astro comprovam que elle é um globo esfriado, d'onde a vida desapareceu ha muito, devendo o periodo do seu resfriamento remontar a épocas «muito anteriores á apparição do homem sobre a terra». Como não tem atmospherá, nem fluidos aquosos, não possui nuvens, nem rios, nem mares: — *não sôa ali o vento, nem música, nem species de ruído algum.*

Ha milhões d'annos já que, em torno á nossa esfêra,
o morto globo gira, errante, solitario,
como o vulcão d'um astro extinto e sem cratera,
— frio espectro de luz que arrasta o seu sudario!

Ha muito é morta já. — D'essas mansões sidêreas
onde paira, não ouve os ais que nos consomem
e a ruína estagnou-lhe o sangue nas artérias,
— muito antes de nascer o primitivo Homem.

Paira n'ella um atroz silencio d'orphanade,
de sombra tumular, de marmore, de crypta.
Lembra as praças e os caes d'uma horrenda cidade,
varrida pela mão d'uma peste maldita.

Reina uma assolação sinistra, immovel, séria,
lá dentro. Faz lembrar este astro extinto e frio
a gélida extensão d'uma *steppe* funérea,
— sem trinos d'ave, flôr, bosque, nem voz do rio!

Que cataclismo atroz, que deus negro irritado
fez cahir sobre este astro o açoute dos furores?
— Quem transformou em pedra este astro fulminado?
— Quem gelou seus vulcões, serras, bosques e flores?

Que catástrofe antiga, ou negro deus perverso
este astro converteu em sombra inerte e fátua?
— Que latego, sem dó, fustiga esse universo,
e o faz errar nos céos—como uma branca estatua?

No meio dos rosaes ou dos myrtaes floridos,
que irrisoria emoção, que aos astros pouco importa,
nos faz erguer as mãos, chorando, enternecidos,
Para essa sombra vã—essa *cidade morta*?

E, no entanto, alma humana! eterna atormentada!
tu quizéras vêr perto a morta nau errante,
quizéras abordar á extranha nau geláda,
com seu porão sem voz, seus mastros de brilhante.

Tu quizéras cruzar—tu, a quem nada pasma!—
n'esse barco espectral, excentrico, sombrio,
que corta o azul dos céos como um batel fantasma,
ou sobre o mar do norte o espétro d'um navio.

Tu quizéras sarar as afflicções internas,
n'essa immovel região, sem ar, nem movimento,
n'esses bosques sem voz e noites sempiternas,
— onde não sópra um ai, nem folha, mar, nem vento!...

Tu quizéras, emfim, da Vida soluçante
ver quebrar-se o rumor n'esse silencio enorme,
e, como em vasta crypta os membros d'um gigante,
repousar n'essa paz immovel e uniforme.

Descança, Homem, porém!—Como uma vil lanterna,
morrendo, um dia, o sol regelará no Oriente,
e, n'esse cataclismo e horror da noite eterna,
— os tristes sorrirão e dirão: — *Finalmente!*

PALAVRAS A UM ENFORCADO

Guincháva o carnaval nas ruas da Sodoma
plantada á beira mar.—N'uma deserta praça,
suja de lama vil, tremoço, pós de goma,
ecoáva a rouca voz da ébria populaça.

Farroupilhas foliões, mascarados pandilhas,
salsas, végétes, reis, semsaborões *chéchés*,
— que tinham ao bordel talvez vendido as filhas, —
rebolavam, cantando, em mil chinfrins cafés.

Era deserta a praça.—As arvores já núas,
mirrádas e espectraes, cobertas de geáda,
eram tambem banaes como essas púlhas ruas,
sem vida, graça, flor — como a turba avinhada.

N'uma arvore mais alta, á chuva e á ventaneira,
baloiçava no ar um tragico Narciso.
Tinha a lingua pendente e a negra cabelleira
cheia de pós tambem... no labio um máo sorriso.

Amarello, da côr dos claustraes pergaminhos,
jejuára talvez como as magras cadellas,
soffrêra privações, trilhára mãos caminhos...
— mas tinha botões de oiro e luvas amarellas.

Seu riso era medonho e as maxillas cavadas
dos brumosos jejuns faziam um tregeito.
Tinha as calças em baixo immundas e esgarçadas.
— Ostentava, porém, uma camélia ao peito.

Especádo parei, suspendendo meus passos,
quasi prompto a chorar, quasi prompto a sorrir,
d'esse enforcado atroz, dos corvos aos abraços,
que faria talvez meditar Shakspeare.

E assim eu lhe bradei á rouca ventaneira,
e á chuva que molhava os pés dos seus cabelos,
e ao granizo mordaz que apedrejava a fria
carcassa do que fôra um dos *dandys* mais bellos :

« — Quem foste tu, ó filho original de uma éra
egoista e chatin, n'um tempo píffio e falso?..
Ou marquez ou ladrão, tu trepaste como a hera
do esgoto do lameiro a um banal cadafalso.

«Quem foste tu, infeliz?.. N'uma noite de entrudo, empoado e a sorrir, depois de larga ceia, depois de haver's vendido ou empenhado tudo, preferiste a luz da lua á luz de uma candeia?..

«Mas que ruína luar!.. O vento, ás casquinadas, zomba de ti, e a lama ennodou-te os botins.
—Tua noiva talvez púla em salas douradas!
—Tuas irmãs, quiçá, em salsifrés chinfrins!

«Quem foste tu, infeliz?.. Foste o esturdo de fama, que andaste de *landau* e em trem puxado a quatro, e correste a empenhar os mãos lençoes da cama, para ires de casaca e camélia ao theatro?..

«Ou serías —quem sabe! —o mallogrado artista, que procura trepar, com gaudio e gentileza, pela escada immoral de um século egoista,
—sem ter o audaz valor de uma estoica pobreza?..

«Muitas vezes talvez disfarçaste a camisa suja, em ricos *plastrons*. Empenhaste a agiôtas o aureo medalhão da tua noiva Elisa, ou pintaste com tinta as tuas rôtas botas?..

«Escreveste, febril, rêsmas de branco almasso,
o olhar erguendo ao céu na misera trapeira,
procurando escalar o alto Ideal no espaço,
e ouvindo chilrear a alegre costureira?..

«Quem foste tu infeliz?.. Foste ladrão ou santo,
leitor de Michelet, ou bispo do Deboche?..
Semeaste o amor, o riso, a anciedade, o pranto?
—Abandalháste mais a loira Rigolbóche?..

«Viste Veneza á lua, aos ais das barcarólas,
quando escorre o luar sobre as lagúnas frias?..
Jogaste na roleta... e, ao som das castanholas,
osculáste á *manóla* as tranças lusidias?..

«Quem foste tu, charáda?.. Ou Hamleto ou Tartúfo?
Fadista, ou arlequim, ou salteador de estrada?
Quem és, ó morto atroz, grotesco como um buffo,
que serás ámanhã caveira esverdeáda?..

«A cabeça empoada, elegante, casquilho,
tregeiteando ao sabor dos tragicos nordestes,
— não sei se eu heide rir do teu faustoso brilho!
— não sei se heide chorar-te, ámanhã, nos cyprestes!

«Tu és symbolo vão de uma época impura,
em que tudo é mentira e em que tudo é tregeito,
e revelam-me toda uma tragedia escura
a tua rôta calça e essa camélia ao peito.

Todavia, — máo grado essa horrenda carêta,
que te dá o esgar de um burlesco truão,
máo grado os pós de gomma, a camelia, a sargêta,
— adeos, ó desesp'rado! . adeos, ó meu irmão!»

TERCEIRA PARTE

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

ANTES DE ABRIR A CARTEIRA

Aqui leitor socegado,
Velho burguez d'outras eras!
Depõe o livro de lado:
— Não leias estas chiméras!

Não corras esta carteira,
Meu velho amigo sem dentes!..
Em quanto geme a chaleira
— Sonha em teus mortos parentes!

Mas vós, amigos dos sonhos,
Dôces, mysticas violetas,
Castos selvagens tristonhos,
E solitarios poetas!...

Que amais as tristes paisagens
E as cousas mysteriosas,
A longa chuva, as viagens,
E as melodias nervosas...

Nas longas noites d'outono
Que o vento varre a poeira,
E a chuva bate — sem somno! —
Folheae esta carteira.

A NOITE DO NOIVADO

O primeiro conviva, em punho a taça,
Ergueu-se lentamente, e com voz rouca,
Bradou: Amigos! consenti que faça
Uma saude á Morte — a velha louca!

A minha historia é triste, extranha, e pouca!
Eu, como vós, sou filho da Desgraça.
Amei uma só vez. Que minuo e graça!
Oh que pé andaluz! que olhar, que bocca!..

Na noite do noivado — ouvi, devassos!
Beijei-a doidamente entre meus braços,
E arrojé-a no mar, trémula e nua...

Ninguém não mais a gosará um dia!..
Reposa ali a minha noiva fria,
— Olháda pelo olhar frio da lua.

A TORTURA DAS CHIMÉRAS

Les édifices éloquents...

BALZAC

Quantas vezes, nas noites pluviosas,
Ou nas limpidas noites estrelladas,
Como espectros de espinhos e de rosas —
Erguem-se em nós as cousas apagadas !..

Que vezes, n'esta vida positiva,
— N'esta comédia lugubre moderna —
Se eleva a outra esphera nobre e viva
Nossa alma mais poética, mais terna !

Os contornos das cousas despresadas,
Um fundo triste, um muro, umas ruinas
Um mosteiro, um luar — nas almas finas
São como umas celestes madrugadas.

Quem não terá jamais sentido um dia
As gostosas torturas do *mysterio*,
Surgindo, ao fundo, a mystica elegia
D'um nevado luar n'um cemiterio!..

Sim, n'estes climas lúcidos do Sul,
Tão propenso ás visões sentimentaes
E ás chimeras — quem não terá jámais
Tido a cruel *melancolia* azul?

Sim, quantas vezes n'uma tarde bella,
À dorida eloquencia d'um castello,
D'um sino, não pensei nos Ceus, n'*aquella*
Que eu podia partir como um cabelo!

Nuvens distantes, rubras, singulares,
Fórmias vagas... neblinas pardacentas,
Velhos musgos... azul... *cousas* nevoentas
Sois causas de phantasticos pesáres!

Quem não terá scismado em suas mágoas
E amado as *cousas* mysticas, celestes,
Por um luar calado sobre as aguas,
E um choroso sol posto entre os cyprestes!..

No entanto, sonhos vão que nos prendeis
Qual prendem velho muro as verdes héras..
— É tempo brancas pombas que deixeis
Os laranjaes e as ruas das chimeras!

E é tempo que ás torturas assassinas
Que nos rasgam melhor do que um punhal,
— Bem o sabeis mãos brancas pequeninas!—
Vos não junteis *farrápos* do Ideal.

TARDE DE VERÃO

Trepam-lhe pelas janellas
Jasmins, cheirosas serpentes,
E soltam-se as bambinellas
Em pregas indifferentes.

Os lyrios que são uns ais
Suspiram melancolías...
Riem quadros sensuaes
Nas largas tapeçarias.

Sátyro ri nas florestas,
Nióbe soluça magoas,
E escuta-se, entre as giestas,
A voz rythmica das agoas.

E á luz dúbia dos ocasos
Ensanguentados do Sul,
As camelias dos seus vasos
Olham voltadas o azul.

Lá dentro das gelosías
Volteiam como desejos...
Perfumes, melancolías,
Como sruidades de beijos.

Jaz ao pé do seu bordado
Um cofre de filigrana,
E um mandarim espantado,
Com olhos de porcelana.

Uma violeta esfolhada
Chora um amor n'um jardim,
Uma vareta quebrada
Rí, n'um leque de marfim.

Nádam no quarto perfumes
D'oleos, pomadas cheirosas :
Um collar mostra os seus lumes :
—Vôam aves gloriosas.

N'um album perto olvidado
Ha uns idyllios d'amores,
E ao pé d'um Christo chagado
Morrem, nas jarras, flores.

Mas, pasmada, alheia a tudo
Junto d'um missal já velho,
Uma masc'ra de velludo
Olha idióta no espelho.

Olhos vãos d'espanto.
Olha, olha, nada vê...
— Ri-se uma Venus a um canto.
— Um cravo murcha-lhe ao pé.

.....
.....
.....
.....

Assim eu sou moço velho.
E em minha alma, ó minha amada!
Como a masc'ra no espelho
Eu olho e não vejo... nada.

NA CABECEIRA D'UM LEITO

Quando as tuas mãos inermes
Forem em cruz sobre o peito,
E que te rôam os vermes,
—O' corpo branco e perfeito!

E sejas cheia de terra,
Boca cheia de risadas!
Chora este amor que me aterra,
Pelas noites estrelladas...

MADRIGAL EXCENTRICO

Tu que não temes a Morte,
Nem a sombra dos cyprestes,
Escuta, Lyrio do Norte,
Os meus canticos agrestes :

.....
.....
.....

Tu ignoras os desgostos
D'um coração torturado,
Mais tristes do que os soes postos,
Ou de que um bobo espancado!

Eu bem sei, ó musa louca
Que não conheces a mágoa...
E tens um riso na bocca
Como um cravo aberto n'agua.

Eu bem sei... bem sei que rís
Dos meus madrigaes modernos,
Sem cuidar, ó flor de liz!
Que hão de chegar-te os invernos...

Que nos corre a Mocidade,
Qual folha verde do val,
E ha de vir-te a tempestade,
O' branco lyrio real!...

Que has de ser como a açucena,
Varrida pelo nordeste,
E os prantos da minha pena
Que hão de regar teu cypreste!...

Que ha de a terra agreste e dura
Servir-te de ultimo leito...
E a Pedra da sepultura
Quebrar teu corpo perfeito!

E has de, enfim, ser devorada
Na fria noite, entre os bichos...
O' tu que andas adorada,
Como as santas sobre os nichos!

—Eu bem sei que te não dões
Do meu coração ralado,
E fazes aos rouxínoes
Paródias sobre o teclado.

Que amas vêr — como n'um drama—
O meu coração ferido,
Como um gladiador de fama,
Sobre um theatro vencido.

—Ah! mas eu que já estou velho,
Carcomido como a Cruz...
Digo adeus ao ceu vermelho...
E ás boas tardes de luz!

.....
.....

Adeus, adeus, ó Amor,
Sinistra farça divina,
Mais sonoro que o tambor
De bohemia bailarina!

Adeus, adeus, ó outomno!
Vão-se as folhas amarellas!..
Sinto-me cair de somno,
Olhando para as estrellas.

Sigam todos os meus rastros!
Andei errado o caminho!
E sinto-me ébrio dos astros
Como um bebado de vinho.

Adeus, adeus, rôla amada!
Não chores a minha viagem...
Vou hospedar-me no Nada,
Como na boa estalagem.

Adeus, adeus, Mocidade!
Já chega o inverno do Mal!..
Vae despir-te a tempestade
Nevado lyrio real.

Chegou a noite fechada!
Adeus tardes das janellas!
—Pintai-me agora no Nada
Sobre as tristes aquarellas!

AQUELLA ORGIA

Nós eramos uns dez ou onze convidados,
— Todos buscando o gozo e achando o abatimento —
E todos afinal vencidos e quebrados
No combate da Vida inútil e incruento.

Tocava o termo a ceia — e ia surgindo o alvor
Da madrugada vaga, etherea, crystallina,
A alguns trazendo a vida, e enchendo outros de horror,
Branca como uma flôr de prata florentina.

Todos riam sem causa — A estólida batalha
Da Materia e da Luz travára-se afinal,
E eram já côr de vinho os risos e a toalha,
— E arrojavam-se ao ar os copos de crystal

Cruzavam-se no ar ditos como facadas,
Escandalos de amor, historias sensuaes.
— Rebolavam alguns, no chão, ás gargalhadas,
Sujos como truões, torpes como animaes.

Um agitando o ar, com risos desmanchados,
Recitava canções, farças, Hamlet e Ophélia:
— Outro, perdido o olhar, e os braços encruzados,
De bruços, n'um divan, roía uma camélia.

Outros, fingindo a dôr, falavam dos ausentes,
Das amantes, dos paes, com gritos d'afflicção.
— Um brandia um punhal, com ditos incoherentes.
— Outro, sobre um sophá, ladrava como um cão.

Era um delirio atroz de risos pelos ares.
— Ah! mas eu, que só quero a paz dos vegetaes,
Feliz! então feliz! matava os meus pesares
N'aquelle ocio imbecil da pedra e dos metaes!...

Havia extincto em mim as ultimas scentelhas,
Julgava achar-me só n'aquelle frenesim,
Não sentia pungir as minhas mágoas velhas,
Feliz! muito feliz! — ai! descansava emfim!

Repousáva afinal da pálida batalha,
Espalhava-se em mim o grande esquecimento...
Cuidava achar-me emfim cingido da mortalha,
Ou minhas cinzas já dispersas pelo vento.

Quando um d'elles então — n'uma ironia rude,
E erguendo-se, de pé, na vasta confusão,
Com um rir bestial, ergueu uma saúde
— *Aquella* que tornou-me em cinza o coração.

.....

— Ah ! seu nome cruel, de súbito lembrado,
De novo reabriu todas as minhas mágoas !..
E desfeito, de pé, sentí-me transmutado,
Como um morto trazido á praia pelas aguas.

E como o morto errante ás luas silenciosas,
Ao vento, aos temporaes, ás algas das marés,
Trazendo inda a visão das noites tempestuosas,
— Todos calou o horror da minha pallidez.

E em lagrimas bradei, então: — Ó Infelizes !
Imbecis ! histriões ! heroes do Soffrimento !
Como haveis de fechar as vossas cicatrizes,
— Se nem aqui deixaes matar o pensamento !

— — —

O VISIONARIO OU SOM E COR

A EÇA DE QUEIROZ

I

Eu tenho ouvido as symphonias das plantas.

Eu sou um visionário, um sabio apedrejado,
Passo a vida a fazer e a desfazer chyméras,
Em quanto o mar produz o monstro azulejado
E Deús, em cima, faz as verdes primaveras.

Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,
E erro como estrangeiro ou homem d'outras eras,
Talvez por um contracto ironico lavrado
Que fiz e já não sei n'outras subtís esphas.

A espada da Theoria, o austero Pensamento,
Não matáram em mim o antigo sentimento,
Embriágam-me o Sol e os canticos do dia...

E obedecendo ainda a meus velhos amores,
Procuo em toda a parte a música das côres,
— E nas tintas da flôr achei a Melodía.

I

J'ai vu les Espèces et les Formes,
j'ai vu l'Esprit des Choses.

BALZAC. SERAPHITA.

Bem sei que a planta engana e a Natureza mente,
E que a flexa do Sol nos póde assassinar,
Que a Peste torna o azul sereno e resplendente,
E que a pérola sáe das infecções do Mar.

Tudo é Materia, Força, e Lei onnipotente!
E enquanto o lyrio incensa e azula-se o luar,
Impassivel talvez, em baixo, surdamente,
A terra cria a flôr que mêm hade envenenar.

Bem sei!— mas, na floresta immensa das Theorias,
Eu amo divagar, ouvindo as melodías,
Que as plantas musicaes dão aos astros e aos Ceus.

— Ah! eu vejo Jesus no coração das'rosas!
— Só eu oiço as leaes flôres melodiôsas!
— E o lyrio é para mim a hóstia onde está Deus.

III

O vermelho deve ser como o som d'uma
trombeta...

Um cego.

Allucina-me a Cór!—A Rosa é como a Lyra,
A Lyra pelo tempo ha muito engrinaldada,
E é já velha a união, a nupcia sagrada,
Entre a côr que nos prende e a nota que suspira

Se a terra, ás vezes, brota a flôr que não inspira,
A theatral camélia, a branca enfastiada,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota alada
Como a perdida côr d'alguma flôr que expira...

Ha plantas ideaes d'um cantico divino,
Irmãs do oboé, gémeas do violino,
Ha gemidos no azul, gritos no carmezim...

A magnólia é uma harpa ethérea e perfumada.
E o cacto, a larga flôr, vermelha, ensanguentada,
—Tem notas marciaes, sôa como um clarim.

IV

Mas aquella que adoro, a hierática duqueza,
Nobre como as reaes senhoras de Brabante,
Como a hei de pintar egual e semelhante,
Se não ha Som nem Côr em toda a Natureza!

Seu collo tem do lyrio a rigida firmeza.
Seu amor é um ceu cathólico e distante...
Mas a luz d'esse olhar sonôro e radiante
Eléva como a Côr, sôa como a Belleza!

Nunca lhe ousei falar, nem sei se amor lhe inspiro.
Mas quando enfim morrer, então, como um suspiro
Meu seio florirá, em vez do meu amor...

N'uma flôr que porá talvez sobre a janella.
Uma flôr rubra e negra, em forma d'uma estrella,
— Como uma symphonia obscura de terror.

MADRIGAL FÚNEBRE

Na mortalha alheia não temos mais que fazer.

BERNARDIM RIBEIRO.

To die to sleep

SHAKESPEARE.

A ti, que os meus ais resúmes
Estas quadras dolorosas,
Corpo inundado em perfumes,
E de pomadas cheirosas :

.....
.....

A mim custa-me a morrer,
—Não porque esta vida valha ! —
Mas porque sei que heide ter
Teu coração por mortalha.

E depois d'estes abrólhos,
Hei de ter a valla escura
Do teu peito, e esses teus olhos
Coveiros da sepultura.

Não terei pompas de pasmos,
Nem a estatua que lastima:
E hão de mandar pôr-me em cima
Uma cruz dos teus sarcasmos!

E para que a morte atteste
Epitaphio de bocejos,
— E, ao pé, erguido um cypreste,
Nascido dos meus desejos.

E ao escutar's as enxadas
No que morreu sem confortos,
Serão tuas gargalhadas
As ladainhas dos mortos.

E então alli que me róa
O verme dos teus olvidos,
E não tenha uma corôa
Dos teus cabellos fingidos.

.....
.....
.....
.....

Ó filha vã de Magdála !
Quanto cadaver desfeito
Não tens lançado na valla
Voraz e fria do peito? . .

Quantas crenças enterradas!
E que mortos, sem capellas,
Sem pombas, nas madrugadas,
Nem os prantos das estrellas! . .

DEBAIXO DE UMA JANELLA

A BATALEA REIS

FAUSTO E MEPHISTÓPHELES

FAUSTO

Nas noites brancas de lua
É que se abrem as janellas.
— Vem vêr, meus olhos escuros,
A sementeira d'estrellas!

Quem me déra a mim que fosse,
— Para te poder fallar,—
O teu peito uma janella,
E o meu amor o luar!

UMA VOZ (*cantando dentro*)

As estrellas mais brilhantes,
Entre as outras as primeiras,
São os prantos de Maria
E o suor das Oliveiras.

ÆPHISTÓPHELES (*cantando n'uma guitarra*)

O nosso bom arcebispo
Perdeu a sobrepeliz,
Uma vez em casa d'uma...
São cousas que o povo diz.

FAUSTO

Eu era um rei poderoso,
Sem legiões, nem castellos,
Tendo a c'rôa de teus braços,
E o manto de teus cabellos!

Meu amor são os teus olhos,
Mais negros que a noite escura,
Dois trigueiros assassinos
Cavando-me a sepultura!

A VOZ (*cantando*)

Os rubins são umas pedras
Feitas de pingos de luz,
Foram as gotas de sangue
Dos roxos pés de Jesus.

MEPHISTÓPHELES

Escrevi o meu amor
No muro do coração...
N'uma noite de relento,
Com teus olhos de carvão.

FAUSTO

Por que estaes, sóes encobertos,
O' tristes olhos amenos!
Receias, ó minha esquiva!
Não te crestem os serenos?..

A VOZ (*cantando já ao longe*)

Quando subiu ao Ceu Christo
Depois da paixão da Cruz,
Subiu por vós, ó estrellas!
Que sois escadas de luz.

MEPHISTÓPHELES

Eu deixarei, ó trigueira,
D'amar tuas tranças negras...
Quando mandarem os sapos
Sonetos ás toutinegras.

FAUSTO

Fecharam-se as violetas
E dormem as andorinhas.
A mim ha muito que o somno
Desertou das noites minhas!..

O' bem amada das almas,
Tão avara de carinhos!
Acaso, nos teus canteiros,
Sómente crescem espinhos?..

(Affastam-se, e vão de braço dado.)

MEPHISTÓPHELES *(ao longe)*

O nosso bom arcebispo
Perdeu a sobrepeliz,
Uma vez, em casa d'uma...
São cousas que o povo diz!

A SELVAGEM

As vezes, como os grandes *fantasistas*,
Sinto o desejo intenso das viagens...
E ir sósinho habitar entre os selvagens,
Como, n'um êrmo, os ásperos trapistas.

As grandes, vastas, limpidas paisagens,
Que sabem vêr os immortaes artistas ..
Teriam novos tons, novas imagens.
Longe do mundo aváro e as suas vistas!

Com uma virgem — flôr d'essas montanhas —
Entre os mil sons das arvores estranhas,
Dos coqueiros, bambús... fôra feliz!...

Dormiria em seus braços nus, lustrosos,
E ouviria, entre uns beijos voluptuosos,
—Tintinar-lhe as argollas do nariz,

A LANTERNA

A SALOMÃO SARAGGA

O sabio antigo andon pelas ruas d'Athenas,
Com a lanterna accessa, errante, á luz do dia,
Buscando o varão forte e justo da Utopia,
Privado de paixões e d'emoções terrenas.

Eu tambem, que aborreço as cousas vãs, pequenas
E que mais alto puz a sã Philosophia,
Ha muito busco em vão — ha muito, quem diria! —
O mais cruel ideal das concepções serenas.

Tenho buscado em balde, em vão por todo o mundo.
Esconde-se o ideal no sitio mais profundo,
No mar, no inferno, em tudo, aende existe a dôr...

De sorte que hoje, enfim, descrente, resignado,
Concentrei-me em mim só, n'um tédio indignado,
E apaguei a lanterna — E' só um sonho o Amor.

ULTIMA PHASE DA VIDA DE D. JUAN

(AMOR DE COSINHA)

Afinal! D. Juan viria, hoje, a morrer d'indigestão.
(*Palavras d'um grande realista.*)

Cauçado de vãos fogos de Bengalla,
Como Pansa, odeei o Pensamento,
E abandonei os ideaes de salla,
—Pelo amor da cosinha succulento!

E os meus fortes desejos sensuaes,
— Desejos que hão de dar na morte escura!—
Soluçam só, ó deuses immortaes,
— Só pela ama d'um florido cura.

Ella é o forte e o esplendido ideal!—
Seu cabello é mais fino do que o ouro,
E a sua voz mais bella que o metal,
— Ou os cantos cathólicos do côro.

Os seus labios vermelhos e discrétos
Lembram romãs das cercas clericasas,
E os seus olhos sombrios são mais pretos
Do que o latim escuro dos missaes.

Se, acaso, o mundo nota-lhe alguns erros,
Compensa-os para mim com bons presuntos...
Os olhos d'ella fazem mais defuntos,
Dos que o padre acompanha nos enterros!

Fugiu de mim a vã melancholia!...
Ella é franca e risonha como a vinha...
E em quanto o padre está na sacristia,
Eu devoro-lhe as aves na cosinha.

—Mas, hontem, que eu fruindo o seu amor
Dormia, santamente, entre os seus braços,
Baten, trágicamente, o bom prior,
E a escada ranguen sob os seus passos.

O coração pulsou-me, accelerado...
Ella quedou-se trémula, suspensa...
Mas conduziu-me a um sitio agasalhado;
—E dormi, toda a noite, na dispensa.

A ULTIMA CEIA DE FALSTAFF

Nunca mais me permite a sorte crua
Que ande ás portas batendo, tresnoitado,
Vae morrer, em um beco, abandonado,
O maior bebedor que olhou a lua!

Dos braços da creada seminua
Nunca mais rolarei sobre o telhado,
E, ao relento, encherei, com passo errado,
De letras cabalisticas a rua.

Vae morrer, morrer sim, por seus castigos,
O estomago que foi mais forte e cheio,
Que na Páscoa ceou com Satanaz...

Cáe o rival dos bebados antigos.
O' toneis immortaes, abri-lhe o seio.
— São-me fataes as ceias de *goraz*! —

FALSTAFF MODERNO

In vino veritas

Quando eu morrer, ninguém lerá no craneo
Se eu fui mouro ou judeu.
Se presava o *cognac* ou o *Madeira*.
—Que soffrer foi o meu!..

Ninguém dirá se era trigueiro ou louro,
Se eu fui Pope ou Camões,
E os sabios não dirão, coçando a calva,
A côr dos meus calções.

Não saberão dizer se foi a pipa
O hotel em que vivi,
Ou se fazia sol ou aguaceiros
No dia em que nasci.

Se, apóz a doida orgia, o meu enterro
Pela manhã, sair,
Tu virás á janella, bocejando,
E em coifa de dormir.

E não conseguirás verter um pranto
Da tez no teu setim...
Em quanto os gordos padres irão lentos,
Ressonando em latim.

Os annos jogarão com os mais craneos,
E o meu magro esqueleto,
Uma especie do jogo das caveiras
Dos coveiros do Hamleto.

Ninguem, mulher, dirá que *funda mágoa*
Minou-me coração.
E eu mandarei pôr, por epitaphio:
— *Maldita indigestão!*

Mas que ideas tão negras!.. O que importa
Rôa a terra mais um!
Depois da morte, o nada. — O' minhas lagrimas,
Não me estragueis o *rhum!*

NA RUA

Vejo-a sempre passar séria, constante,
—A's vezes, inclinado na janella,—
Tranquilla, fria, pallido o semblante,
Como uma santa triste de capella.

Seu riso sem calor como o brilhante
No nosso labio o proprio riso gella,
E ella nasceu para chorar deante
D'um Christo, n'uma estreita e escura cella.

Seu olhar virginal como as creanças,
Jámais disse do amor as cousas mansas,
Jámais vergou da Força ao choque rúde...

Abraza-a um fogo divinal secrêto.
E eu sinto, mal a avisto, ao seu aspecto,
— O odio intenso e negro da Virtude.

PHANTASIAS DA LUA

Terret, lustrat, ag't, Proserpina, Luna, Diana,
Ima, supernas, feras, sceptro, fulgore, sagitta.
(*Distico de Hieronim*)

Hontem fui atravez dos arvoredos,
— Os bons carvalhos épicos rugosos! —
Com *ella*, como dois novos esposos,
— E a lua então contou-nos mil segredos.

Ella vinha estreitada contra mim,
E atravez das veredas seculares,
Dava a lua umas sombras singulares,
A' sua alva bolinha de setim...

Não havia estatuas nas veredas,
— As estatuas crueis entre as ramagens! —
E ouvia-se o ranger das suas sedas
Sobre as folhas, —seguindo-a como uns pagens.

Tremia todo unido contra o meu,
Como uma ave, seu braço palpitante,
E era vago, qual música distante,
O azul nocturno mystico do Ceu.

De vez em quando unia contra a minha
A sua mão mais branca do que um cirio,
E, como um casto anante uma rainha,
Seguia, atraz do seu vestido, um lyrio.

As fontes tinham agoas de brilhantes,
E em quanto a sua voz vibrava em mim,
Eu fitava olhos ávidos, amantes,
Na sua alva botinha de settim.

Ella é fragil e timida. Ama as rosas,
Crê nos sonhos, *visões*, nos malmequér's,
E chora com as musicas nervosas
Como as debeis e hystêricas mulher's.

No emtanto, mais ninguem do que eu receia
Seus pobres, frageis nervos delicados...
Ninguem mais me seduz do que a sereia,
Correndo a mão fransina nos tecládos.

Iamos assim, falando d'escudeiros,
Paladins, lendas, dramas, toda a escura
Edade media, em quanto, na espessura,
Os rouxinões cantavam nos loureiros.

Mas eis que pára... e diz-me de repente,
Cravando-me o olhar tragico, sublime:
— Mata-me um dia! — E eu li perfeitamente,
Em seus olhos azues *o amor do Crime*.

Mata-me tu, cruel! disse-lhe eu rindo,
Em quanto o seu olhar cravava em mim,
E enterra-me depois n'um sitio lindo,
— N'um loureiro que cresce em teu jardim!

Minha alma alli será perto da tua,
Como as almas irmãs, gracil sereia...
E eu tremerei, nas folhas, pela lua,
Ao sentir teus pésinhos sobre a areia!

Manda pôr o meu corpo em sitio lindo,
Debaixo d'um loureiro, em teu jardim...
Men bem! Máta-me tu! disse-lhe rindo:
— Ensanguenta as botinhas de setim!

.....
.....
.....
.....

E eis aqui como, em noites amorosas,
N'estes bons climas callidos do Sul,
Produce sonhos, *chiméras* fallaciosas
A *triforme* immortal — a lua azul.

O SELVAGEM

A SILVA PINTO

Eu não amo ninguém. Também, no mundo,
Ninguém por mim o peito bater sente.
Ninguém entende meu sofrer profundo.
E rio, quando chora a demais gente.

Vivo alheio de todos e de tudo,
Mais callado que o Esquife, a Morte, as Lousas,
Selvagem, solitario, inerte, mudo,
— Passividade estúpida das Cousas.

Fechei, de ha muito, o livro do Passado,
Sinto em mim o desprezo do futuro,
E vivo só commigo, amortalhado
N'um egoismo barbaro e escuro.

Rasguei tudo o que li. Vivo nas duras
Regiões dos glaciaes indifferentes.
Meu peito é um covil, onde, ás escuras,
Minhas penas calquei, como serpentes.

E não vejo ninguém. — Saio sómente
Depois de pôr-se o sol, deserta a rua,
Quando ninguém me espreita, nem me sente,
E, em lamentos, os cães ládram á lua...

O AMOR DO VERMELHO

(NEVAÓSE D'UM LORD)

A idéa de teu corpo branco e amado,
Belleza esculptural e triumphante,
Perségue-me, mulher, a todo o instante,
— Como o assassino o sangue derramado !

Quando teu corpo pallido, beijado,
Abandonas ao leito — palpitante,
Quem jámais contemplou, em noite amante,
Tentação mais cruel, tom mais nevado ?

No emtanto — duro, excentrico desejo !
— Quizera, ás vezes, que a dormir te vajo,
Tranquilla, branca, inerte, unida a mim . .

Que o teu sangue corresse de repente,
Fascinação da Côr ! — e extranhamente,
Te colorisse, pallido marfim.

A UM CORPO PERFEITO

Nenhum corpo mais lacteo e sem defeito,
Mais rôseo, esculptural, ou femenino,
Póde igualar-se ao seu branco e divino
Immovel, nú, sobre o comprido leito! —

Nada lhe eguála! — O ferro do assassino
Podia, hoje, matal-a, que o meu peito
Seria o esquite embalsamado e fino
D'aquelle corpo sem rival perfeito.

Por isso é muito altiva e apetevida.
E o goso sensual de a vêr vencida
Ha-de ser forte, extranho, singular...

Como o das cousas dignas de castigo,
— Ou qual amante sacerdote antigo,
Derrubando uma deusa d'um altar.

CARTA AO MAR

Ó ondas fugitivas...

GAMÕES

Deixa escrever-te, verde mar antigo,
Largo Oceano, velho deus limoso,
Coração sempre lyrico, choroso,
— Eterno visionario, meu amigo!

Das bandas do poente lamentoso,
Quando o vermelho sol vae ter contigo,
— Nada é mais grande, nobre, doloroso,
Do que tu, — vasto e humido jazigo!

Nada é mais *triste*, tragico, profundo.
Ninguém te vence ou te venceu no mundo,
Mas tambem, quem te poudo consolar?..

Tu és Força, Arte, Amor, por excellencia.
E, comtudo, ouve-o aquí, em confidencia:
— A Música é mais triste inda que o Mar.

A LENDA DAS ROSAS

No principio, eram mais doces os olhares
— Socegados de Deus.

Era mais verde o manto d'estes mares,
E mais azues os ceus.

Não tinha nuvens este sol na róta,
Nem tormentas o Sul.
Nem era, como o olhar d'um idiôta,
Impassivel o Azul.

Não choravam no val escuros casos,
À noite, os tristes ventos!...
Nem eram, como hoje, nos occasos,
Os ceus sanguinolentos.

Deus não tinha vibrado ainda o açoite
A gerações inteiras.
Nem o Christo suára a longa noite
No Jardim d'Oliveiras.

Não andavam os tristes miseráveis
Torcendo os braços nús...
Nem erravam na treva, inconsoláveis,
Os Expulsos da Luz.

E não haviam sangue ainda chorado
Os santos nos desertos...
Nem, no cráneo do morto esverdeado,
Inda lyrios abertos!

Não pisára inda um pé selvas umbrosas
E florestas bastas.
Os mares eram mansos,— sempre as rosas
Eram brancas e castas.

Não era, côr de sangue, assim vestida
Inda a rosa vermelha.
Nem o Ceo tinha a côr desvanecida
D'uma túnica velha.

.....

Toda uma noite, a Mãe primeira, errante
E todo um dia andou. —
Da noite a branca luz de diamante
Os passos lhe guiou.

E abandonavam seus pombaes as pombas,
Seguindo-a pela estrada...

E o mar dizia ao vento:—Porque zombas?
Pobre mãe desgraçada!

E as montanhas choravam:— pois podéram
Prantos de mãe fendel-as!
E toda a noite pelo ceu correram
Mais tristes as estrellas.

E o mar tinha uma voz dorida, como
Na noite dẽ Salem.
E quando o sol nasceu, em rubro assomo,
Arrastava-se a Mãe.

E perguntava, ao vento: Onde está elle?
— Quem o meu filho viu?
E o vento respondeu:—Não sei d'Abel!
E o mar, ao fim, carpiu.

E arrastava-se assim no fim do dia...
Já quando, toda exangue,
Uma roseira avista, que tingia
A côr rubra do sangue.

Então, dorída estatua, — hirtos os passos:

«Ai de mim ! ai de mim !»

Gritou, convulsa a Mãe, torcendo os braços,

«—Aqui passou Cain !»

No principio, eram mais doces os olhares

Socegados de Deus.

Era mais verde o manto d'estes mares,

E mais azues os ceus.

E a Rosa era só *branca*, pura, exangue :

— Pois que, como hoje, assim,

Não jorrára sobre ella ainda o sangue

Que derramou Cain.

NO ENTERRO D'UM CORAÇÃO

A BETTENCOURT RODRIGUES

Vaes a enterrar, nãs hervas verde-escuras,
Na fria terra, ó santa, que devias
Não ter roçado estas paixões impuras,
E estas lépras, — irmã das cotovias!

Vaes a enterrar sob as folhagens frias,
— Voz alegre, rir cheio de doçuras!
O' lindo coração! que só te abrias
Para a dôr das alheias amarguras!..

Vão-te levar á terra, ó casto e amado! —
Mas olha! — os vegetaes tem mais cuidado
Dos seios virginaes do que a paixão...

Adeus, triste!.. Adeus peito amante e ardente!
— Quem me dêra contigo, juntamente,
Ir também a enterrar, ó coração.

A JOVEN MISS

Tocar que impio se atreve !...

(*Campo de Flores,*

Ella é tão loura, lyrica, franzina,
Tão mimosa, quiêta, virginal,
Como uma bella virgem d'um missal,
Toda dourada; e preciosa, e fina.

Não ha graça mais casta e femenina
Do que a d'ella! — Seu riso angelical
Cria em nós todo um mundo de moral,
Melhor que tudo o que Platão ensina!

Por isso, e, pela sua castidade,
Deve ser goso intenso, na verdade,
Sentir fundir-se em nós seus olhos régios...

E o goso de a beijar, trémula, amante,
Deve ser quasi extranho! — e semelhante
Ao de fazer terríveis sacrilégios.

O DOENTE ROMANTICO

Eu sei que morrerei, discreta amante,
Antes do inverno vir... mas, lentamente,
Quero morrer á tua luz radiante,
Como um tisico, á luz do sol poente!-

Sou romantico assim!.. O tempo ardente
Das chiméras vae longe! Só, constante,
Morrerei crendo em ti... e o azul distante
Olhando como um sabio ou um doente!..

— Mas, eu não préso a tarde ensanguentada,
Nem o rumor do Sol! — quéro a caláda
Noite brumosa junto do Oceano...

E assim, sem ai, nem dôr, entre a neblína,
Morrer-me, como mórre a balsamína,
— E ouvindo, em sonho, os ais do teu piano.

QUADRA D'UM DESCONHECIDO

Eu morrerei, ó languida trigueira !
Sem sentir teus cabellos sobre mim...
Coroádo dos lumes da poncheira,
— Sobre o chão immoral de um botequim !

EM VIAGEM

Ia o vapôr singrando, velozmente,
O verde mar antigo e caprichoso...
Á rude voz do capitão *Contente*,
— Um rubro homem do mar silencioso.

Demandava a Madeira, — a ilha bella,
A patria excelsa e célebre do vinho.
A viagem foi curta — e no caminho
Intentei relações com *Arabella*.

Arabella era a lyrica ingleza,
Loura, pállida, e fragil como um vime,
Que traz sempre a sua alma meiga presa
D'algum amor profundo, mas sublime.

O londrino, — o Antony d'estes amores,
Era um rubro e excentrico burguez,
Mais amigo do bife que das flôres,
— A extravagancia de chapéu inglez.

Seu olhar dúbio, incerto, traiçoeiro
Tinha visões de sangue derramado
Em toda a parte, ao todo um ex-banqueiro,
— Um calvo, velho amigo do Peccado.

Nunca o olhar fitava em sitio certo.
Vogava, ás vezes, só no tombadilho,
Com um comprido e merencório filho,
E ninguém viu-lhe um riso franco e aberto.

Punha, ás vezes, no mar o olhar sombrio:
E, ao vento, a fita branca do chapen
Dir-se-hia a vella triste d'um navio
De naufragos, n'um lúgubre escarceu!..

— Mas comtudo, a ingleza, a triste amante,
Com seus longos e louros caracões,
Fitava, ás vezes, no azul distante,
Os seus olhos astraes como dois soes.

E, mau grado andar languida, doente,
Ser branca, loura, e frágil como um vime...
— Um sábio lêra-lhe a attracção ardente
Pelas viris fascinações do crime.

NOITES DE CHUVA

Eu não sei ó, meu bem, cheio de graças !
Se tu amas no Outomno — já sem rosas —
A longa e lenta chuva nas vidraças,
E as noites glaciaes e pluviosas!..

N'essas noites sem luz, que — visionarios —
Temos chyméras misticas, celestes,
E scismamos nos pobres solitarios
Que tirítam debaixo dos cyprestes!..

Que evocamos os lyricos passados,
As chyméras, e as horas infelizes,
Os velhos casos tristes olvidados,
E os mortos corações sob as raizes!..

N'essas noites, meu bem, em que desfeito
Cae o frio granizo nas estradas,
E tanto apraz, sonhando, sobre o leito,
Ouvir a longa chuva nas calçadas!..

N'essas noites, electricas, nervosas,
Todas cheias d'aromas outonaes,
Que a tristeza tem formas monstruosas,
Como, n'um sonho, os pórticos claustraes.

Noites só em que o sabio acha prazeres,
— Tão ignorados dos crueis profanos! —
E em que as nervosas, mysticas mulheres,
Desfallêcem, chorando, nos pianos.

N'essas noites, meu bem! é que os poetas
Teem ás vezes seus sonhos mais brilhantes,
Folheiam suas obras predilectas...
— E evócam rostos... e visões distantes!

IDYLIO MERIDIONAL

Sem ti, vejo o meu futuro
Um horto cheio d'abrolhos! —
Ah não me deixem teus olhos
Por este caminho escuro!..

No inverno, as candidas aves
Abandonam os pombaes ..
Meu bem, teus olhos suáves
Não me desterrem jámais!

Quando á tarde o ceu flammeja,
Junto de ti encostado,
Que vezes, não tenho inveja
Da agulha do teu bordado!..

Eu quizêra a toda a hora
Contar-te, ó sol, os meus dias,
Como os sonetos que á Aurora
Enviam as cotovias.

—O' labios que pedem beijos!
—O' brancas mãos delicadas!
Vôam a vós meus desejos
Quaes pombas ensanguentadas!..

O' rival das açucenas!
Nenhum punhal faz no peito
As chagas que me teem feito
Essas tuas mãos pequenas!

E, comtudo, o amor só dura
Entre as lagrimas da mágoa,
— Como uma violeta escura,
Que se morre á mingoa d'agoa!

Um horto todo d'abrolhos
Sem ti, será meu futuro.
Ah! não me larguem tens olhos
Por este caminho escuro!..

DUAS QUADRAS DE DIOGENES NO ALBUM DE LAIS

Quando, no meu, o teu olhar se esquece,
A minha alma, mulher! é como um urso
Que dança pelas feiras e obedece
Ao magro saltimbanco e ao seu discurso.

E os meus velhos desejos violentos
Solúçam — histriões esfomeados! —
Como os gatos nocturnos, friorentos,
Que miam, lamentosos, nos telhados.

A CAMÉLIA NEGRA

Por isso vos espera
O dia da vingança!

SOLZA CALDAS

Como as urnas das rosas mal fechadas,
Cujos aromas boiam no poente,
Quando passas, nossa alma aspira e sente
As sensações das ilhas ignoradas.

E o teu cabelo, ó lubrica serpente!
Rescende todo a unguentos e a pomadas,
Como as múmias que habitam no Oriente,
Debaixo das pyramides sagradas.

Mas que te serve e val' tanta fadiga,
O' pó doirado e vão?... e o mundo diga:
Meu leito, meu pomar de sensações!..

Se o vento que hoje o teu sorrir perfuma
Na tua cruz gargalhará: — Mais uma
Das lobas maternas das gerações!

A ULTIMA SERENADA DO DIABO

No tempo em que *Elle*, nas lendas,
Era amante e cortezão,
Jogáva, e tinha contendás,
Cantava assim em Milão:

.....
.....
.....
.....

O' flôres meigas, ó Bellas!
Para prender os tucados,
Eu dar-vos-hei as estrellas:
— Os alfinetes dourados!

Só pelo amor québro lanças ! —
A Rainha de Navarra
Enleou um dia as tranças
No braço d'esta guitarra !

Sou um heroe perseguido !..
Mas inda ha luz nos meus rastros.
A lança que me ha ferido
Foi feita do ouro dos astros.

Mas um dia, ó bem amadas !
Eu tornarei ás alturas...
Subindo pelas escadas
Das vossas tranças escuras !

O amor que em meu peito cabe
Não conta diques, ó bellas !
Só minha guitarra o sabe,
E aquellas velhas estrellas !..

Ó batalhas amorosas !
— Vida d'aventuras cheia !
Ó brancas noites saudosas
Que eu andei pela Judéa !

— Ó flôres apeteçadas!
— Livros escriptos com beijos!
— Ó brancas aves fugidas
Dos jardins dos meus desejos!...

Não me deixeis no abandono,
Ó tristes olhos leaes!..
Como as pombas, no outomno,
Que abandonam os pombaes.

Que fosse eu crucificado
N'alguma bem alta Cruz,
— E vos tivesse a meu lado,
Como vos teve Jesus!..

Esses olhos me consómem!..
Mas, Mulher, da lucta ao cabo,
Se perdeste o antigo Homem,
— Tu matarás o *Diabo*.

A MUSA VERDE ⁽¹⁾

Il apellait l'abaytibe sa «Muse verte.»

(*Les derniers bolémes*)

Io vidi, già al cominciare del giorno,

La parte oriental del ciel tutta rosata.

DANTE.—*Purg.*

Infelizes! — os sujos, verdes limos,
Que vezes! não tem visto os afogados
Corações, tantas vezes sobre os cimos
Do Ideal... e que o Vício tem marcados!

Quem os levã por esses vis atalhos
Do Desespero, a Fome, o Suicidio,
Ao verde absintho e aos sórdidos baralhos!
— Elles que leram Dante, Homero, Ovidio?

Quem os conduz? — A hostil fatalidade
É quem os leva às pérfidãs ciladas...
E é tal secreta e livida deidade
Quem lhes esmaga os craneos nas calçadas?

(1) Esta poesia só tem referencia ao estrangeiro: Hespanha, Italia, e principalmente França. Em Portugal, o absyntho não faz estragos.

Quem, pois, os empurrou um dia — e disse:
— Aquéce o Alcool... mais que o Paraizo!
E, nas cavadas faces da velhice,
Gelou-lhes, sempre, imbecilmente, o riso?

— Quem foi? Quem é que arrasta, eternamente,
A velha e a nova geração que perde
O seu calor, seu sangue, febrilmente,
Aos braços infernaes da *Musa Verde*?

A Miséria — a irmã velha do Peccado,
— E o Luxo, o Mal, — tão negros conselheiros!
São quem os faz, no asphalto abandonado,
Vêr apagar, com dia, os candieiros?..

Ou será, tambem, — goso triste insano
Da alma escura!... e nova podridão
Do homem de hoje, *blazé* como um tyrano:
— De se sentir boiar na perdição?

IDYLIO D'ALDEIA

Oh! que harmonia!
Cadeute, s'esvoaça, pela fresta
D'um visinho postigo!..

Hostia d'ouro.

Não sei que ha que me impelle
Para o teu escuro olhar!..
E' mais branca a tua pelle,
Do que o linho de fiar.

E' tua bocca um botão,
E o teu riso a lua nova.—
Quem me déra ter na cova
Os ais do teu coração!

Mal pôdes saber o gosto
Que tive da vez primeira,
Que te avistei, ao sol posto,
Debaixo d'esta amoreira!..

Desde esse dia, andorinha!
Desde essa tarde infeliz,
Fiquei preso na *covinha*,
Que fazes quando te ris!

Não sei que ha que me impelle
Para o teu escuro olhar!...
E' mais branca a tua pelle
Do que o linho de fiar.

A minha alma não descança:—
Morra o sol, ou surja a aurora,
Só tu me lembras, *creança*,
De cabellos còr d'amora!

A tua dôce ignorancia,
Tão cheia de *singelesas*...
Faz todas as almas presas,
Como as perguntas da infancia!

Tu és como um pomo d'ouro,
E o vivo sol que me alégras.
— Amo mais teu rir sonôro
Que o cantar das toutinegras!..

Quando eu fôr a enterrar,
N'algum dia, ao pôr do Sol,
Quero levar por lençol
A estolla do teu olhar.

.....

— Mas tu só vives cantando! —
E ao vir da fonte com agua,
Mais sentes que estou penando,
Mais te ris da minha magua!..

Ah! nunca eu tivesse o gosto
Que tive da vez primeira,
Que te avistei, ao sol posto,
Debaixo d'esta amoreira!..

CARTA ÀS ESTRELLAS

Ninguém soletra mais vossos mysterios,
Grandes letras da Noite! sem cessar...
O' tecidos de luz! rios ethéreos,
Olhos *azues* que amolleceis o Mar!..

O que fazeis dispersas pelo ar?..
E ha que tempos ha já, fogos sidérios,
Que ides assim, como uns brandões funéreos,
Que levaeis o Deus Padre a sepultar?

Ha que tempos, dizei! — Ha muitos annos?...
E, com tudo, astros santos, deshumanos,
A vossa luz é sempre clara e egual!..

Ha muito, que sois bons, castos, brilhantes.
— Mas, tambem... ó crueis! sempre distantes,
Como dos nossos braços o Ideal.

NA FOLHA D'UM LIVRO

Uma é a fôrma ideal do triste anjo vencido.

— Á outra, a dôce luz diaphana da manhã.

E, entre ellas, chora e diz meu coração perdido :

— Em mim vencerá Deus, ou ganhará Satan?

OS BRILHANTES

Não ha mulher mais pállida e mais fria,
E o seu olhar azul, vago, sereno,
Faz como o effeito d'um luar ameno
Na sua tez que é mórbida e macia.

Como *Levana*... esta mulher sombria
Traz a Morte cruel ao sen aceno,
O Suicidio e a Dôr!.. Lembra do Rheno
Um conto, á luz crepuscular do dia.

Por isso, eu nunca invejo os seus amantes.
— E em quanto, hontem, gabávam seus brilhantes,
No theatro, com vistas fascinadas...

Tortura das visões incomprehensíveis!
Em vez d'elles, crí vêr brilhar — horriveis
E verdadeiras lágrimas geladas.

O ASTROLOGO

Quem tem ouvidos que ouça.

Quem tem ouvidos que ouça, e o velho mundo
Que o aprenda de cór, pois que o que digo
E' fructo d'um estudo egregio e fundo,
Como a sciencia d'um Chaldeo antigo.

A Terra ha muito que é um charco immundo,
Vencida eternamente do Inimigo,
E ha muito lhe prevejo um fim profundo,
E um tremendo e tragico castigo.

Ora, hontem á noite, fui a um monte
Muito alto — e eis que avisto no horisonte
Dez signos, como em longa procissão...

E esses signos, a mim que sou vidente,
Tinham fórmãs de lettras, claramente :
— E n'essas lettras li **DESTRUIÇÃO**.

NEVROSE NOCTURNA

—Bella ! dizia eu, como um navio á vella,
para um paiz polar, por um silencio amigo.
—Bella ! como uma estatua e gélida como ella.
—Bella ! dizia eu, como um sepulchro antigo.

Bella ! dizia eu, agil como um jaguar,
assim me inspire o Fado e Satanaz me deixe !
Bella ! dizia eu, fria como o luar
sobre o dorso lusente e excepcional d'um peixe.

Bella ! dizia eu, como uma meza lanta
para um festim pagão : a Fórma, o Som, e a Côr.
Bella ! dizia eu, como nocturna flauta,
desfilando, no mar, a ladainha — Dôr.

Bella! dizia eu, fria como o marfim.
Bella como um calado e longo cemiterio,
em que se vê vagar, como no seu jardim,
o coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bella! como um perdão ao pé do cadafalso.
Bella! como o luzir do orvalho nas seáras.
Nevada como um pé curto, branco, descalço,
fugitivo atravez das grandes hervas claras.

Bella! como o sentir as espiraes do gozo
n'um fundo sensual de sombras perfumadas.
Bella! como, aos clarões d'um ceu calamitoso,
as plantas tropicaes, direitas como espadas.

Bella! como os portaes e as torres ao abandono
saxónias, que entreviu Anna Radcliffe.
Bella! e solemne, sim, como o tranquillo somno,
d'um perfil virginal, na sombra d'um esquife!

Bella! como um espelho esphérico, polido,
aonde collos nús lusem pallidamente.
Bella! como o sentir a seda d'um vestido
arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bella ! como o sorrir vermelho d'um rainunculo.
Bella ! como uma flôr aquática do Mar.
Bella ! como na treva o brilho d'um carbunculo.
Bella ! dizia eu, como um azul polar.

Bella ! como a expressão das notas de Méhul.
Bella ! como uma flôr n'um muro de cadeia.
Bella ! como a sonhar, sobre um divan azul,
fumando, perseguir a nebulosa Idéa.

Bella ! dizia eu, como uma Feiticeira
da Thessalia, evocando a ensanguentada lua.
Bella ! como, no outomno, a luminosa esteira
azulada e sem fim d'uma comprida rua.

Bella ! como arrendado e flammejante altar,
onde se vão unir os corações dos noivos.
Bella ! como o silencio algente e tumular,
em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

Bella ! dizia eu . . . Mas, n'isto, sobre o leito,
em que scismava assim, voltou-se, levemente,
a invencivel mulher que me inflammava o peito.
E os meus olhos no quarto erráram novamente.

E foram-se cravar n'um pente de metal,
e as várias coisas mil que, ao baço candeieiro,
vinham-se reflectir sobre um espelho oval
destacando da côr branca do travesseiro.

E, então minha nevróse armou um largo cinto
de monstros colossaes, fatidicos de vêr!
á hora em que o burguez profunda o labyrintho
das mil complicações do *deve* e do *ha-de haver*.

Desfilava-me em torno um batalhão medonho
de monstros anormaes, d'escamas reluzentes.
Tomavam Som e Côr as proporções do Sonho.
— Olhavam-me animaes d'olhos surprehendentes.

Bella! dizia, eu, por todas as potencias
celestes, infernaes, terrestres e de horror!..
Bellai concordo eu, cheia de transparencias:
mas sem um grande *quid*... a crispação da Dôr!

Sim, a Dôr, sem a qual a argilla humana passa,
sem um rasto deixar na vasta natureza:
—a Dôr, gâmma final na música da graça:
—a Dôr, ultimo tom na escalla da Belleza:

a Dôr, fóco, onde vão reconcentrar-se as côres
do vivo sol do Amor despótico e cruel:
— o perfume subtil que completa as flôres:
— a volúta ideal que beija o capitel.

Por isso, eu quero vêr como o seu bello rosto
se crispa, á sensação extranha do meu braço:
e quero, na tenaz sinistra do Desgosto,
fazel-a resaltar como uma mola d'aço!

Quero vê-la quebrar essa monotonía
de linhas ideaes, divinas, impassiveis:
coagil-a a sair da gélida apathia,
que é como a estagnação das Cousas Insensiveis.

Quero vê-la tremer, os labios roxeados,
fazendo exclamações euphónicas na salla:
e, em varias gradações, seus olhos injectados
terem a fulva côr chimérica da opála.

Quêro sim! quero vêr!.. Mas, n'isto rudemente,
prostrou me o plumbeo somno invicto, pesado,
e a cabeça cabiu-me, ah! invencivelmente!..
no seu negro cabello esplendido e azulado.

QUARTA PARTE

MYSTICISMO

DEDICATORIA

Este livro é dos poetas
E mais de vós — pombas minhas !
— Podeis-me lêr, violetas !
— Podeis-me lêr, andorinhas !

OS DEUSES MORTOS

À MEMORIA DE J. M. FERNANDES

Parce diis

Eu nunca os insultei!.. Se estão enfim vencidos
Silencio! Cubra luto a natureza inteira!
Núvens, dilacerae os pálidos vestidos!
Verte gôtas de sangue, ó flôr da laranjeira!

Onde estaes, onde estaes! — Extactica palmeira,
Viste acaso passar os grandes foragidos?
Onde estão Zeus, Jesus?.. Velhos cedros erguidos!
Núvens, ventos e mar, guardae sua poeira!

Deixae-os descansar! — Luzentes mariposas,
Cuidado! não piqueis o coração das rosas!
Lavrador cava a terra, a terra, devagar!..

Silencio! Orpheu, Jesus, dormem no seu mysterio.
— A Natureza é toda um vasto cemiterio.
Eu nunca os insultei! — Deixae-os repousar!

DEBAIXO DAS HERVAS

Podesse ir eu, contigo, que m'encantas
Como um vinho, no pó da terra dura,
Dormir ambos na mesma sepultura,
Entre os braços das ervas e das plantas?..

Dormir no mesmo leito, e a mesma cóva
Sentir os nossos pallidos abraços,
De noite, quando branca nos espaços,
Nas ervas desmaiasse a lua nóva.

E aquellas tristes coisas que disséram
Os meus olhos nos teus, adormecidos,
Dizel-as outra vez, já confundidos
Na poeira d'aquelles que morreram.

Sentir, meu bem, de novo, as tuas tranças,
Com que tu, tantas vezes, me vestiste,
Enlaçarem-me ainda à hora triste
Em que os astros reluzem como lanças.

E entre as hervas da terra e os acres cheiros
Dos cyprestes, dizer as coisas mil,
Que dizíamos, ó triste! quando abril
Fazia colorir os teus canteiros.

E debruçada estavas, á janella,
Nas horas religiosas do poente,
Como a mãe que, anciosa e dôcemente,
Espreita, no horisonte, a amada vella.

E quando íamos, depois, as nossas mágoas
Contarmos, pelo espesso das folhagens,
Cabellos desmanchados nas arágens,
E entre as vozes das folhas e das aguas...

E todas essas cousas que me dizes,
Quando estás debruçada na costura,
E que inda nunca ouviu a terra dura,
— E que chorar fariam as raizes!..

E eu quizera que o lenho do cypreste,
— Marco escuro da terra que nos come! —
Enlaçado tivesse o nosso nome,
Como um lenço bordado que me déste...

.....
.....
.....

Podésse ir eu, contigo, que m'encantas
Como um vinho, no pó da terra dura,
Dormir ambos na mesma sepultura,
Entre os braços das hervas e das plantas!

A UMA VOZ CELESTE

A A. C. DE CARVALHO

Na noite que passou
O Christo no Calvário,
Um rouxinol cantou
Sobre a Cruz, solitario.

Os trigueiros soldados,
E os lyrios de Salem
Perguntavam, pasmados,
— Que voz canta tão bem ?

Como sentindo os males
Das suas proprias penas,
Vergavam-se nos calix
Chorando as açucenas.

Choravam os caminhos,
Os dados, os cilícios,
A grinalda d'espinhos,
E a esponja dos supplicios.

Choravam os sem luz,
E os rijos peitos bravos,
—Começavam na cruz
A vacillar os cravos.

Pelo tranquillo espaço
Paravam as estrellas,
E o vagaroso passo
As mudas sentinellas.

E os peitos deshumanos
Resentiam mudanças :
— Deixavam os Romanos
Escorregar as lanças. .

Toda a noite pranteou
Assim lembrando o Ceu.
— Quando Jesus morreu,
Do lenho emfim voou.

Ora eu, mulher! que creio,
Que a Vida são das lousas,
Eu que nos astros creio,
E adoro a alma das Cousas!

Que sei que o que, hoje, existe
Foi nuvem, flôr, cypreste,
E escuto essa voz triste...
A tua voz celeste!

Eterno visionário,
E adorador do Sol...
Creio que, no Calvário,
— Cantaste, rouxinol!

Á POMBA QUE VOOU

Foste-te, ó luz das solidões amenas!
Ó grandes olhos tristes, ideaes,
Que éreis quaes astros nas mansões serenas...
Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
Em procura dos lúcidos pombaes.

.....

Tu estás hoje entre aservas e as poeiras,
Ou cheia de immortaes claridades.
Ó doce irmã das rôlas companheiras!..
Por ti vejo chorar as laranjeiras,
E de luto vestirem as saudades.

Ai! quantas vezes, n'este mar d'escólbos,
Contemplando este azul duro e sem fim...
E os pés ensanguentando nos abrólbos,
Eu, nas estrellas, creio vêr teus olhos,
Que estão chorando lagrimas por mim!

Teu corpo está, talvez, dilacerado,
Entre as plantas escuras e as raízes!..
E, ah! que vezes, talvez. n'um *ai* cortado,
Não me terá teu seio immaculado
Entre as hervas bradado:— *Não me pizes!*

Por isso vou curvado para o chão
Com medo de pizar-vos, tranças bellas.
— E ai! quantos, como eu, também irão,
Correndo o mundo atraz d'uma illusão,
Ou soletrando as mysticas estrellas!..

.....

Foste-te, ó luz das solidões amenas!
Ó grandes olhos tristes, ideaes,
Que ereis quaes astros nas mansões serenas...
— Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
Em procura dos lúcidos pombaes!..

TRISTÍSSIMA

N'um paiz longe, secreto,
Lendaria ilha afastada,
Jaz todo o dia sentada,
N'um throno de marmor' preto.

No seu palacio esculpido
Não entram constellações.
Os tectos dos seus salões
São todos d'ouro polido.

Nas largas escadarias,
Sobem vassallos ao cento.
De noite soluça o vento
N'aquellas tapeçarias,

E pelas largas janellas,
Fechadas, sempre corridas,
Ha flôres desconhecidas
Que não olham as estrellas.

Na dextra segura um calix,
— Calix da Dôr e da Mágoa! —
Onde está contida a agoa
E o sangue dos males.

Pelas florestas sósinhas,
Escuras, sem rouxinoes,
Erram, chorando os Heroes,
E as desgraças Rainhas.

Seguida, á noite, de servas,
Caminha, em cortejo mudo,
Rojando o negro velludo
De seu cabelo nas hervas.

Sómente ao vél-a passar
Ficam as almas surpresas :
— Ha todo um mar de tristezas
No abysmo do seu olhar.

IDYLLIO TRISTE

A LÉON DE LA VEGA

Olha! sinto me exausto
Pomba da minha vida!..
Eu serei o teu Fausto,
Sê minha Margarida.

Deixa que o Alegre ria,
Alma que me estremeces!
Que ruja fôra a orgia
Os prantos, as *kermesses*!

Vamos a colher rosas,
Rôla dos meus carinhos!
Pelos brancos caminhos,
Nas noites luminosas.

Sob esta curva azul,
Amemos, bem amada!
Na torre levantada
Que gema o rei de Thule.

Que o mundo chore e gema
Em quanto o Tempo dura !
Da nossa noite escura
Façamos um poema !

Deixa na róca os linhos
Pomba dos meus amores !
E aos sabios e aos doutores,
Os livros e os cadinhos.

E aos tristes, aos ascêtas
As grútas, os cilícios,
E a esponja dos supplicios
Aos labios dos poetas !

Nas noites estrelladas,
Amemos solitarios.
Deixemos as estradas
Que levam aos Calvários !

Olha ! sinto-me exausto
Pomba da minha vida !
Eu serei o teu Fausto,
Sê minba Margarida.

A UM LYRIO

A. A.

Conta como é que existe
A tua vida á luz...
Lyrio mais casto e triste
Que os olhos de Jesus!

Quando nasceste, flôr?
Quem te arrancou do chão?
Gerou-te occulto amor
De morto coração?..

— Ó lyrio delicado!
— Ó lyrio branco e fino!
Talvez fosses creado
N'um seio femenino?..

Escuta, ó lyrio amado,
A flôr confunde os sabios.
Talvez fôsses os lábios
D'aquella que hei amado!...

Talvez fosses seus dedos!
Seus olhos innocentes...
— Conta-me os mil segredos
Profundos das sementes.

O morto que se enterra
Leva as paixões secrétas?..
Dize, se, sob a terra,
Se amam as violetas!

Ouviste aves chorosas,
E o mar nos seus delirios?
— Quem é que pinta as rosas?
— Quem é que veste lyrios?

Já viste alguma estrella?
Viste uma lua nóva?
— Abriste n'uma cella?
— Floriste n'uma cova?

O que é que mais desejas
De tudo quanto existe!
— O amor? — O que é que invejas
Bom lyrio branco e triste?

O' vil sorte mesquinha!
E eterno desejar!
— Invejas a andorinha
Que vòa pelo ar?...

A UMA ANDORINHA

Nas brisas da tardinha
Pára teu vôo um pouco.
Ouve um poeta, um louco,
— Escuta-me andorinha.

Um pouco deixa os ninhos.
Attende ás vãs loucuras.
— Tambem, nas sepulturas,
Vôam os passarinhos !

Nem sempre o azul etherio,
Quaes fléxas vão]cortando,
— Tambem riem, voando,
No chão do cemiterio.

Lávam os pés rosados,
Nas urnas funeraes.
— Tu, mesmo, nos telhados
Móras das cathedraes.

Não fujas d'um poeta,
Que ha nuvens mais sombrias !
— Tu já moráste uns dias
No nicho d'um propheta.

Por tanto, tu que adoras
A primavera e o Sul,
Dize-me, — no alto azul,
Quem fez sempre as Auroras ?

Quem dá tintas vermelhas
Ao Sol poente, que arde ?
— Quem cóze as nuvens velhas,
E acende o astro da tarde ? . . .

Os campos dão renóvos
Tambem, n'outras espheras ?
— Quem faz as primaveras ?
— Quem faz os astros novos ?

Quem faz a ave-flôr ?
Quem tinge o temporal ?
— Quem faz a pomba, côr
Do lyrio alvo do val ?

No sol ha violetas,
E rios, campos, vinhas ?
— Dize. se nos planetas
Tambem ha andorinhas ?

E tu que mais almejas ?
Tens sol, astros e ninhos,
Tens tudo o que desejas.
— Luz, grãos, pelos caminhos...

O triste ambicionar !
Ó santo e vão delirio !
— Eu sei, ó filha do Ar,
Invejas sêr o lyrio.

ENTRE OS ARVOREDOS

Calma silentia lunae.

VIRGILIO

Recordas-te d'essa noite, ó bella desgostosa,
Que nós andámos sós e tristes, divagando,
Entre as folhas e o vento, o vento leve e brando,
Aos lividos clarões da lua silenciosa?..

Calládos, e atravez da grande sombra escura
Dos cerrados pinhaes e augustos castanheiros,
Como as almas leaes e antigos companheiros,
Unidos a gemer a mesma desventura!

E eu sentia-te, ó grande e triste Abandonada,
Em meu seio verter as tuas fundas mágoas,
Ao rythmo trivial e nítido das agoas,
E á alva e fina luz da hostia levantada.

E andámos a gemer a nossa dôr intensa,
E abrindo os corações, os languidos segredos,
Aos ais soltos no ar dos grandes arvoredos,
E ás vastas afflicções da natureza immensa.

Que dôr assim será? — Que dôr será igual ;
Áquella immensa dôr, ó pallida vencida,
N'aquella natureza immensa e condoída,
E áquella branca luz, mais fria que um punhal !. .

.....

Ah ! nunca mais virá, — ó branca desgostosa —
Aquella vez que nós andámos divagando,
Entre as folhas e o vento, o vento leve e brando,
Aos lividos clarões da lua silenciosa !. .

CONFISSÃO A UMA VIOLETA

Eu confesso me a ti, — doce flôr delicada —
Recalhida, modesta, e sol da singeleza,
Das vezes que atravez da verde natureza
Fiz soar com orgulho a bulha do meu nada !

Em vez de amar a vida humilde, chã, calláda,
Do sabio estoico e são, exemplo d'inteireza,
Quantas vezes cuspi no Justo e na Belleza
E cri-me o Fogo e a Luz da geração creada !

Orgulho ! orgulho vão ! Vaidade e mais vaidade !
Como disse o rei sabio e justo á claridade
Dos astros da Judea, e ao gyro dos planetas . . .

Feliz de quem, como eu, ri das Academias,
E estuda as novas leis e as grandes Theorias,
Nas folhas femeúis e meigas das violetas.

A SUA CAMARA ⁽¹⁾

No ar calado e bom da camara fechada,
Como um ninho d'amor casto e silencioso,
Um grande cravo branco érgue o caule cheiroso,
N'uma jarra de jaspe antiga e cinzelada.

Vòam aromas bons no ar tranquillo e molle.
Algumas flores vão morrer nas jarras finas.
— Elle sereno vê, nas rendas das cortinas,
Silencioso, morrer, na sua gloria do Sol.

Todas morrem ao pé. Só elle altivo é bello,
No seu vaso de jaspe, entre as demais existe,
— Como um rei infeliz n'um ultimo castello,
Com sen ar virginal e com seu modo triste.

(1) Esta poesia ja foi publicada sob um pseudonymo.

Cheio de vida, ainda, idyllico, ideal,
Talvez lamente o amor, na sua jarra d'agua.
— Mysterosa flor — que caprichosa mágoa
O virá a pender na haste virginal ?

Talvez lamente o Sol — a luz vermelha viva.
O sol que vae morrer — o bello agonisante.
Talvez que chore a lua — a lua pensativa,
Que lhe venha lavar a alvura soluçante.

Quem foi a branca mão — olympica, divina,—
A mão macia, ideal — traidora — que o colheu,
Que o foi roubar á terra, um dia, e que o prendeu
Na fria solidão d'aquella jarra fina?

E foi roubar ao amor, aos cantos, ás folhagens,
A' bondade da luz e ás noutes meigas bellas,
Exilado do sol e orphão das paisagens,
O cravo virginal — viúvo das estrellas ?

Mysterosa flor a sua estranha mágoa
A ninguém o dirá seu calix pensativo,
E a morrer, morrerá, calado, firme, altivo,
E nobre como um rei, na sua jarra d'agua.

.....
.....

Lá fóra morre o sol, como um desgosto humano.
Vôam aromas bons, no ar quente e calado.
Vae-se esvaindo a luz... e triste e socegado,
Vê-se um jasmim morrer em cima d'um piano.

Nas parêdes estão, nas preciosas telas,
Pintados menestreis, pastoras, e guitarras.
Debruçam-se os jasmims, nas grades das janellas.
E os lyrios, como uns *ais*, morrem nas finas jarras.

Tudo agonisa ao pé. n'aquella solidão,
— Solidão de mulher distincta e perfumada,
Cuja pelle é talvez mais fina que a pomada,
E as farinbas d'Italia e as sedas do Indostão.

.....
.....

Tudo agonisa ao pé.— Só elle altivo e bello,
No seu vaso de jaspe entre as demais existe,
Como um rei infeliz, n'um ultimo castello,
Com um ar virginal e com um modo triste.

E no entanto, talvez a *mystica* amorosa,
A *noiva*, a dona d'elle, occulta uma outra mágoa,
No morto coração, mais morto que uma rosa,
E do que elle amanhã, na sua jarra d'agua!..

ROSA MYSTICA

Hour of love
BYRON. *Parísina.*

Do pôr do Sol áquella luz sagrada,
Eu perdia-me... ó hora dóce e breve!..
Meu peito junto ao seu collo de neve,
— N'uma contemplação vaga e elevada

Nossas almas s'erguiam, como déve
Erguer-se uma alma á Luz afortunada.
Do mar se ouvia a grande voz chorada.
— Palpitavam as pombas no ar leve.

Eu então perguntei-lhe, baixo e brando:
Em que mundos de luz é que camínhas?
Que torre está tua alma architectando?..

— Ella travando as suas mãos das minhas,
Me disse, ingénua, então: — Eston scismando
No que dirão, no ar, as andorinhas.

JUNTO DO MAR

Que vezes viajando no Passado,
— Nas horas das torturas das Chimeras —
Meu bem! scismo nas límpidas espheras,
Junto do verde mar lento e chorado.

N'esses astros talvez já habitámos,
— N'outros tempos mais santos e felizes—
E ó nuvens, bem sabeis se entre as raizes
Dos mortos, para os sóes nos elevámos!..

Talvez que ali também fômos romeiros
Sedentos do Ideal — sem o encontrar!
— Melhor vós o sabeis, castos luzeiros!
Ó chorosa e sonóra alma do mar!

Talvez ali também — riste, amorosa,
Cantando, entre as torturas assassinas,
Como as rosas que tapam d'uma lousa
As vãs e escuras inscripções latinas.

Talvez, tambem choraste nos caminhos,
E alegre riste, ás virações contrarias,
Como, ó meu bém, ao sol, os passarinhos
Riem dentro das urnas funerárias.

Talvez! quiçá! Talvez! — O' mar eterno!
Tu que és sonóro e minas os rochedos,
Duro, sombrio, esguedelhado, terno,
Como a rabéca cheia de segredos...

Tu que sabes d'antigas desventuras,
Tu que sabes chorar!.. que és musical!..
Dize se encontras mais amargo sal
Do que os prantos das nossas amarguras?

E comtudo, que és tu... mar lastimoso!
Guardando, como o avaro, nm vão thesouro,
Doido, vago, cruel, mysterioso...
— Senão d'um mundo extincto um longo choro!

E o que são essas vozes laceradas,
E, ó gigonte! essas vastas convulsões,
Senão... senão... mortaes lamentações
De cidades e egrejas sepultadas.

Que blasphemias, que chôros vem do fundo
Do teu peito tão largo e descontente!..
— São talvez das galés do Novo Mundo,
Ou dos ricos navios do Oriente.

Quem tem, na voz, suspiros mais convulsos,
E mais doridos, lúgubres lamentos,
Do que á tormenta e aos desgrenhados ventos,
— O mar cheio de *acédias* e soluços?..

E quem, como elle, assim nos dá confôrto,
Ou balsamos leaes, desconhecidos,
Alento e amor aos corações vencidos,
— E quem mais e melhor falla dos *mortos*!

.....
.....

Por isso eu irei só — ó Mar eterno —
Triste e só, escutar-te entre os rochedos,
Meigo, sombrio, esguedelhado, terno,
— Como a Rabéca cheia de segredos.

DOENTE

A D. ALICE MODERNO

Podesse eu — junto a mim — eternamente
Sentir roçar, meu bem, o teu vestido,
E ó ventura! o teu bafo enfebrecido,
Teu doce olhar e o teu sorrir doente.

— Caia do monte o cédro, a grande molle!
— Que feneça a *herva prata* lá no val'!
Que me importa? E qual é meu grande mal
Que morra o cedro, ou a planta s'estiôle!...

Mas tu, meu bem, mais bella que a *herva prata*,
Banhada pelo orvalho transparente,
Não quero que te vás de mim, ingrata,
— Nem teu olhar, nem teu sorrir doente!

Mais depressa em mim võe ave agoureira,
Ou que o sepulcro aváro me abra os braços,
Não veja herva crescer, apoz meus passos,
— E me excommungue a flor da larançeira!

Mais depressa, em meu leito, morra o somno,
Não brilhem mais no ceo constellações...
Que as folhagens me lancem maldições.
— Nem hájam fructos para mim no outomno!

Mais depressa que a vinha que confôrta
Me uegue a sua sombra!...Noite e dia,
Não lúza para mim luz de alegria,
— E que a Tristeza durma á minha porta!

Por que tū, se te váes... no teu lençol,
Levarás, doce riso dolorído,
Como uns fios pegados n'um vestido,
Todos os raios d'ouro do meu sol!...

E, em tudo, julgarei vêr teu vestido,
No mar, na estrella azul, nos céus, em tudo.
— E quando, acaso, a fronte erguer do estudo,
Faltar-me-ha o teu riso dolorído!..

Por que tu tens disperso em meu caminho
O teu sorriso triste... ah! triste e puro...
— E abrigarei depois... um odio escuro,
Mais rude do que um cardo, ou que um espinho!

E não mais, nada me ha-de consolár!...
Nem a estrella da tarde mensageira,
Nem o amor, nem a flor da laranjeira,
— Nem a sombria música do mar!

.....
.....

Ah! podésse eu — meu bem! — o teu vestido
Sentir roçar por mim, eternamente.
E, ó ventura! teu báfo enfebrecido,
Teu doce olhar e o teu sorrir doente!...

N'UM CEMITERIO

Surgite mortui.

Apocalypse.

Invideo quia requiescunt.

Pa'avras de Luthero, no cemiterio de Worms.

Mortos! eu vos invêjo! — As frias lagens
Cóbrem-vos, hoje, os corações defeitos!..
As brancas pombas voadam n'esses leitos...
E as meigas aves trinam nas folhagens...

A Natureza enflora os vís defeitos.
Ri nas estatuas, urnas, nas imagens,
E, ali emfim, contentes, satisfeitos,
Vós descansais das lívidas viagens!...

Mas comtudo, no inverno, á triste Morte,
Talvez seja mais duro o vento norte,
E lhe géle inda mais os ossos nús!..

Emquanto nós — ingratos, descuidados! —
Os deixamos chorar, abandonados,
— Os Astros, outro pó, mas feito luz.

A CASINHA BRANCA DO VALLE

A BULHÃO PATO

Meu amor! meu amor! os meus desejos
são vêr-te junto a mim...
estreitando-me ao peito, em rubros beijos,
no relvoso capim.

E, quando o vento agita as laranjeiras
pelas tardes de estio...
ouvir chilrar as aves nas balseiras,
ou lastimar-se o rio.

Meu amor! meu amor! casta andorinha,
o meu desejo é
ter, entre os laranjaes, uma casinha
cheia de folhas d'héra,

uma casinha branca... com parreiras...
cheia d'aves e flôres,
— toda ornada de róseas trepadeiras, —
róseo ninho de amores!..

Nas telhas côr de grã ou nas janellas,
rôllas e pombos vários...
e em gaiólas, doiradas como estrellas,
mil trinos de canários.

As aves tropicaes, que teem nas pennas
arco-iris multicôres...
casarão as cantigas mais amenas
às eçsencias das flôres.

O laranjal cheiroso e as araucárias
crescerão á porfia:
e a begónia unirá suas côr's várias
á fúchsia macia.

De manhã, pela relva inda orvalhada,
veremos os renóvos...
iremos lançar grãos á passarada,
e aos estorninhos novos.

Fartaremos as ágeis andorinhas,
pousadas sobre a tilia,
— sem esquecer as patriarchaes gallinhas,
boas mães de familia !..

A' tardinha, entre a rôxa bouganville,
dos bons caramancheis,
tu bordarás os teus bordados mil...
— Eu, livros e papeis.

Migalhas deitaremos aos milheiros
aos cysnes, na agoa clára,
afagaremos nossos cães rafeiros...
— mais a pompósa *arára*.

Toda a casinha branca, entre os gorgeios,
no poente côr de brasas...
será risos, trinados, garganteios:
— toda plantas e azas ! —

Emquanto, nos palacios brazonados
de sessenta janellas,
passeiam tórvos, lívidos Cuidados,
de olheiras amarellas...

nossas risadas, quaes pandeiros d'oiro,
logo, ao romper do dia...
farão sorrir a giêsta, o cacho loiro,
e a vivaz colovia.

E, quando o pardo cão estruge o val,
com uivo aterrador,
ou que prateia a rama do olival
a estrella do pastor...

os zagaes, ao entoar branda harmonia,
na flauta agreste e franca,
dirão:— *É noite para nós, mas dia,*
lá, na casinha branca! . .

O TRISTE MONGE

A D. JOÃO DA CAMARA

Em uma cerca de arvores frondosas
de um convento de irmãos hospitaleiros,
passeia um monge, ás horas religiosas,
ouvindo os rouxinoes nos castanheiros.

E o jardineiro passa... e diz olhando
o monge entregue a soluções divinas:
— Que bella vida a d'este Venerando!
— Comer, beber, orar, cantar matinas!..

Mas n'uma rua de álamos fechada
—onde não entra o vão rumor da gente—
ante um retrato de mulher amada,
o monge chóra, silenciosamente.

Passam na rua, em passo lento e incerto,
as solemnes e hirtas procissões.
E o monge passa, no seu livro aberto,
lendo psálmos latinos e orações.

E o Vulgo diz, ao vel-o: — «Bello estado
o d'este monge pallido e tranquillo!
— Cantar psálmos ao povo prosternado!
— Depois das refeições, fazer o chylo!...»

Mas n'uma ermida góthica e fechada.
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amáda,
o monge chóra, silenciosamente.

Do seu escuro e hostil confessionario,
d'onde sáe um catholico terror,
fulmina imprecações o Solitario,
contra o pecádo lyrico do Amor.

E a penitente diz, laváda em pranto:
«— No vosso rosto calmo e socegado,
bem se lê que não tendes, monge santo,
assim como eu, um coração varádo!...»

Mas, n'uma cella lugubre e fechada,
— onde não entra o vão rumor da gente —
ante um retrato de mulher amáda,
o monge morre... silenciosamente.

A SENHORA DE BRABANTE

A ALBERTO CSÓRIO DE CASTRO.

Tem um leque de plumas gloriosas,
na sua mão macia e scintillante,
de anneis de pedras finas preciosas
a Senhora Duqueza de Brabante.

N'uma cadeira d'espaldar dourado,
escuta os galanteios dos barões.
— E' noite: e, sob o azul morno e callado,
concêbem os jasmins e os corações.

Recorda o senhor Bispo acções passadas.
Fallam damas de joias e setins.
Tratam barões de festas e caçadas
á moda goda: — aos tóques dos clarins,

Mas a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
vêla seu rosto de um solemne véo.

— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...

— Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

Dizem as lendas que Satan vestido
de uma armadura feita de um brilhante,
ousou fallar do seu amor florido
á Senhora Duqueza de Brabante.

Dizem que o ouviram ao luar nas ágoas,
mais louro do que o sol, marmóreo, e lindo,
tirar de uma violla extranhas mágoas,
pelas noites que os cravos veem abrindo...

Dizem mais que na seda das varetas
do seu leque ducal de mil matizes...
Satan cantára as suas tranças pretas,
— e os seus olhos mais fundos que as raízes!

Mas a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
vêla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

O que é certo é que a pallida Senhora,
a transcendente Dama de Brabante,
tem um filho horroroso... e de quem còra
o pae, no escuro, passeando errante.

E' um filho horroroso e jamais visto! —
Ractitico, enfêzado, excepcional,
todo disforme, excentrico, malquisto,
— pellos de fêra, e uivos de animal!

Parêce irmão dos cerdos ou dos ursos,
abôrto e horror da brava Natureza. .
— Em vão tentam barões, com mil discursos,
desenrugar a fronte da Duqueza.

Sempre a Duqueza é triste. — Occulta mágoa
véla seu rosto de um solemne véo.
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

Ora o monstro morreu. — Pelas arcadas
do palacio retinem festas, hymnos.
Riem nobres, villões, pelas estradas.
O proprio pae se ri, ouvindo os sinos...

Riem-se os monges pelo claustro antigo.
Riem villões trigueiros das charrúas.
Riem-se os padres, junto ao seu jazigo.
Riem-se nobres e peões nas ruas.

Riem aias, barões, erguendo os braços.
Riem, nos pateos, os truões também.
Passeia o duque, rindo, nos terraços.
— Só chóra o monstro, em alto chôro, a mãe!..

Só, sobre o esquife do disforme morto,
chóra, sem trêgoa, a misera mulher.
Chama os nomes mais ternos ao abôrto...
— Mesmo assim feio, a triste mãe o quer!

Só ella chóra pelo morto!.. A mágoa
lhe arranca gritos que a ninguém mais deu!
— Ao luar, sobre os tanques chóra a agoa...
— Cantando, os rouxinoes lembram o céu...

SENHORA DOS OLHOS VERDES

A E.

Senhora dos olhos verdes
teu olhar me torna louco!..
Attenta bem que me perdes,
mas d'alma não me desherdes
se o meu canto é triste e rouco.

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

Senhora dos olhos lindos
tem piedade de um louco.
A' sombra dos tamarindos,
Jesus, nos prados infindos,
amou, amou, sem bíôco....

Senhora dos olhos lindos,
se tu me amasses um pouco!..

Bater-me-hia com gigantes,
no Adamastor déra um sóco,
só por teus olhos brilhantes...
que são quaes dois soes levantes,
verdes, da espuma n'um flôco...

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

Ando errante e mysantrôpo.
Fallam, não oiço, estou mouco.
Sou como que o heliotrópo,
e o lyrio altivo n'um côpo,
que acham tudo inglório e ôco.

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

Vagueio sem consciencia,
como um ébrio ou dorminhôco.
Só me falta a incoherencia,
de, em trajos de penitencia,
vestir-me de farricôco.

Senhora dos olhos verdes.
se tu me amasses um pouco!..

Quando eu morrer—chêque-máte
que eu não temo, nem apouco,
digam:—*Eis um pobre váte,*
que o amor tornou orâte,
que um verde olhar tornou louco.

Senhora dos olhos verdes,
se tu me amasses um pouco!..

A MORTA

À MEMORIA DA MINHA INOLVIDAVEL IRMÃ MARIA FAUSTA

«Cavalleiro da Dôr, peito deserto!
— disse-me a Sorte um dia — «acaso é certo
que nunca um pranto no teu rosto cõe?...
«Cavalleiro infeliz da cõta escura!
«eu te farei chorar, estatua dura!»

E eu disse : — Exp'rimentae.

«Põço do Orgulho! retrucou a Sorte,
«chamarei em auxilio a Angustia e a Morte.
— E o Pranto, a Angustia, a Dôr, tudo chamou.
«Soberbo coração, eis-me a combate!»
— E com sanhudo e formidando embâte
a luta começou.

.....
.....

Alçado então, de pé, disse o Tormento:

«— Quem és tu, que és maior que o meu lamento?

«És um monstro, és um santo, heroe, abôrito?..

«Quem és tu, triste irmão da trêva fátua,

«que és mais frio que a sombra e do que a estátua?»

E eu respondi: — Um morto.

«Sim, morto!.. repetiu o Desengano

«se perdeste a illusão do sonho humano,

«globo vil de sabão, um fumo, um véu!..»

«O que perdeste tu? clamou a Cova.

«Uma filha de um rei, galante e nova?..»

E eu respondi: — O céu.

«Se perdeste o teu céu, volve o Sepulchro

«abro-te o peito, vêm! — Sou frio e pulchro.

«Meu largo peito todo o mal confôrta!

«Aliás, torvo, errante, sem abrigo,

«acharás em cada alma o meu jazigo.»

E eu respondi: — Que impôrta!

«Se perdeste o teu céu, disse a Floresta,

«passarás, sombra pávida e funesta,

«sem risos, prantos, beijos de ninguém.

«Se perdeste o teu céu, disse-me a Ossada,

«virás rolar-te no lençol do Nada...»

E eu respondi: — Que tem!

«Se perdeste o teu céu, voltou a Morte,
«jámais avistarás no mar sem norte
«o bergantim do amor, trémula a falla...
«Homem da dôr, tornou-me a desdentáda,
«que boca ha de beijar-te a alma ulceráda?»

E eu respondi: — A valla.

«Se perdeste o teu céu — então baixinho
«gemeu, tremendo a flôr — no teu caminho
«jámais verás aquella *morta ideal*...
«que se soltou d'entre os maternos braços,
«como as pombas que vão pelos espaços
«em busca do pombal.

«Não mais encontrarás, ó miserando!
«esse vulto gentil, aéreo, e brando
«da tua *Irmã*, mais pura do que a Aurora...
«nem cingirás jámais, n'um longo abraço,
«aquella sombra errante pelo espaço,
«que talvez por ti chora!..

«Não mais escutarás, álma enlutáda!
aquella flebil voz, lenta e arrastada,
«queixosa voz que enternecia o ar...
«e aquellas débeis expressões profundas
«que outro tempo — ai de ti! — já moribundas,
«ouviste, devagar...

«Não mais a encontrarás, homem das dôres,
«ai de ti! ai de ti!.. nos sóes, nas flores,
«na paz do azul do céu, no amor, na lei...»
— Mas de súbito, aquí perdendo a calma:
«Basta! gritei.— Não me arranqueis a alma!
«Eu dou-me por vencido! E' vossa a palma!...»
E a chorar desatei.

A SÚPPLICA DE OPHÉLIA

Aquellas apparições alvas e sangrentas
que ali surgem, pertencem ao côro tragico
das Abandonadas. Escutemos a mais va-
porosa d'ellas...

G. L.

OPHÉLIA (*de mãos postas, ao principe Hamlet*)

Como se dóbra o cannavial gemente,
ao rijo báfo do Aquilão que o opprime...
minha alma dóbra, miserandamente,
em vão, pedindo ao teu desdem algente: •
— Ai, não me abátas, como o vento o vime!

Se és o carvalho, que qual rei levanta,
no bosque, a rama para o Azul sublime,
que o raio affronta e o vivo sol quebranta,
— porque desdenhas a rasteira planta?..
— porque desprezas o oscillante vime?..

Tens verde a cópa e o tronco magestoso.
A seiva, a flux, força e vigor exprime.
Quanto mais forte, pois, mais generoso !
— Protége e ampara o cannavial choroso !..
— Estende a sombra sobre o fragil vime !..

Olha que eu sou o cannavial gemente,
que oscilla e treme... e o teu desdem opprime !
Ouve a minha alma, inconsoladamente,
em vão pedindo á tua mão potente :
— Aí, não me québres ! Que mal faz o vime ?..

DESPEDIDA AO SOL

Adeus, adeus, ó Sol, grão moribundo
Tão amado dos mysticos amantes !..
Vae dourando inda os ninhos e os mirantes
E os sinceirae, o Mar, o velho mundo.

Vae! vae! ó astro lyrico! no fundo
Das aguas apagar-te!... Os teus instantes
São curtos, coração largo e profundo,
Mas da minha amargura semelhantes.

E no emtanto, astro de fogo, astro tyranno,
Se a tua chaga é funda, no oceano
Todo o teu sangue ali pódes lavar...

Mas eu recalco, ó Sol, meu mal no seio.
Peja-me o pranto e a mágoa!... e até receio
Que os ais da minha dôr vibrem no ar.

QUINTA PARTE

HUMORISMO

A ARANHA

A MONIZ BARRETO

N'um sonôro theatro antigo da Allemanha,
D'um violino aos ais, banhada de luz viva,
Surgía d'um covil uma grotesca aranha,
Dos banquetes do Som habitual conviva.

O ser sombrio e obscuro — ó meu amor! — não priva
Da adoração do Bello, a adoração extranha!...
E assim se embriagava a escura pensativa
Da lyrica emoção que nossa alma banha.

Mataram-a uma vez. — Não mais a pobre amante
Da Musica, surgiu aquella luz brilhante.
Foi-lhe o velho theatro a sua sepultura...

Assim preso tambem pela attracção que chôro,
— Não te rias cruel! Ó idolo que imploro!..
Tu és o Violino... e eu sou a aranha escura.

NOVA BALLADA DO REI DE THULE

A ANTHERO DO QUANTAL

N'um paiz nada visinho...
Em Thule, até mui distante,
Houve outr'ora um rei farçante,
Um rei amigo de vinho.

Quando sua amante fiel,
Mimosa e cheia de graça.
Morreu, deixou-lhe uma taça,
Que semelhava um tonel.

Era tamanha a grandeza
Da taça que nada iguála.
— Ficava sempre, ao esgotal-a,
El-rei debaixo da mesa.

Quasi sempre ao lusco-fusco,
De noite, até horas mortas,
Folgava, as pernas já tortas,
Este rei velho e patusco!

Em noite d'agreste vento,
Na sua mais alta torre,
Pensando em que tudo morre,
Tratou do seu testamento.

A sua amisade cêga
Legava a todos dinheiro.
E a seu filho e seu herdeiro
Seu reino, seu povo... e a adegá.

Da sua amisade em prova,
A todos dava uma graça.
Só aquella enorme taça
Levava El-Rei para a cova!

Um dia, os altos barões,
Fez juntar, para uma orgia,
N'uma sala onde curtia
As suas indigestões.

E ali, depois de libar...
Passados curtos momentos,
Começou a vêr, aos ventos,
Os seus castellos dançar.

Assoma, trocando o pé,
De taça em punho, a janella,
Mas n'isto, tropéça... e ella
Vae levada da maré.

E afunda-se... mas tal revez
Tomba o rei morto de mágoa.
— Era esta a primeira vez
Que a taça se enchia d'agua!

PHANTASIA D'UM ABORRECIDO

A FERNANDO LEAL

Eu vivo só, das multidões distante,
E tenho um tom solemne, grave, emphático.
Amo Flaubert, Gustavo Droz, e o Dante.
Sou misanthrópo, hystérico, limphático.

Sou phantástico, altivo, caprichoso,
E tenho uns paradoxos meus protérvos.
E, entre elles, conto um livro volumoso...
Em que explico o Remorso pelos nervos.

.....
.....

Às vezes, vou pensando, ó tranças negras!
Quebrados, sensuaes, olhos celestes,
Que has de ainda, entre as plantas verde-negras,
—Morar debaixo, um dia, dos cyprestes!..

E n'esses braços lisos, indolentes,
Hão de os vermes travar a escura guerra.
Hão de infundir pavor, inda, esses dentes,
—E de beijos fartar-te a immunda terra!

Teu rir, sem labios, metterà assombros.
— O' tu que fazes rastejar as lyras! —
E serão ossos nús teus lisos hombros,
Costumados ás leves cachemiras.

Que vezes scismo assim, quando tu passas,
E eu estou fumando ás portas dos cafés...
E que insultas as lépras e as desgraças,
Coberta de velludos e *plaquets*!..

E eu penso, ó corpo esculptural, perfeito!
O' corpo de Phryné cheio de graça!
Que has de ainda ser pútrido e desfeito,
E tornar-te azotáto de potassa.

E não terás então,—ó minha Impúra! —
Serenadas debaixo das janellas,
E escondida no pó da sepultura,
Terás medo dos olhos das estrellas.

Hontem, rojando estofos ruidosos,
Inclinada e indolente sobre o braço...
Contemplavas, com olhos cubiçosos,
— As contorsões e saltos de um palhácio.

E eu, suffocando dentro os meus anhélos,
Soluçava d'amor, ó crua filha!
E exaltava-me o olor dos teus cabellos,
Onde escorrem perfumes de Manilha...

Mas eu heide viagar-me, ó tranças negras!
O' cansados, mortaes, olhos celestes!
Quando fôres, nas plantas verde negras,
— Morar debaixo, um dia, dos cyprestes!...

Quando morrer's, meu *nenuphar* d'um dia,
Açucena que puz no peito a abrir,
Farei da tua tez fina e macia
— Um prosaico barrete de dormir.

Farei da tua trança azevichada
Um *cachenez*, por causa dos catárros.
E será no teu craneo, ó minha amada!
— Que eu deitarei as pontas dos cigarros.

D'essa carne farei abertas rosas,
Que enganarão as brancas borboletas...
E os teus olhos — em jarras preciosas —
— Olharão, como duas violetas.

Farei da boca um cravo, que no *frack*
Porei sempre que eu saia de passeio.
E mandarei fazer um almanack
— Na pelle encadernado do teu seio.

Forrarei as paredes do meu quarto,
Com tuas longas cartas de namoro...
E ali passearei, de illusões farto,
— Como o avaro no meio do seu ouro.

E então tu serás *minha*, ó tranças negras!
Quebrados, sensuaes, olhos celestes,
Quando fôres, nas plantas verdes negras,
— Morar debaixo, um dia, dos cyprestes!..

EL DESDICHADO

A NARCISO DE LACERDA

Ninguém pôde dizer que mal eu tenho!...
Eu não amo a princeza da Golconda,
Nem da prisão livral-a é meu empenho,
Qual paladim da Távola Redonda.

E sinto-me ir minando... um mal estranho
Que ninguém sabe, e vista alguma sonda,
Me mata lentamente, como um lenho
Que vae levando, mar em fóra, a onda.

Todas as tardes fujo ao sol poente.
Recolho cedo a casa, e durmo quente,
E a Medicina já me desengana...

E o meu mal é d'amor... e a minha amada,
Uma Chinezta ideal, que vi pintada
N'uma taça de chá de porcelana.

A VALENTINA DE LUCENA

Eu tambem, já em tempos não distantes,
Fiz versos sensuaes e namorados,
Aos ocáso de luz ensanguentados,
E á meiga e boa lua dos amantes.

E escrevi, pelos albuns elegantes,
Idyllios, em papeis assetinados,
E, como a luz dos ponches inflammados,
Fiz ódes ideaes e extravagantes.

Mas hoje emfim mudei, e inda ha bem pouco,
A diva, por quem choro e vivo louco,
— A flôr, a flôr ideal das maravilhas...

A minha deusa de cabello preto,
Pedi-me, rindo, a graça d'um soneto,
— E eu mandei-lhe uma caixa de pastilhas.

PHANTASIAS

Tenho, ás vezes, desejos delirantes
De a todos te roubar, meu lyrio amado!..
E levar-te, em um vôo arrebatado,
Aos paizes phantasticos, distantes.

Á India, China, ou o Iran, e os meus instantes
Passal-os, a teus pés, grave e encruzado,
N'um tapete chinez avelludado,
Com flôres ideaes e extravagantes.

Nossa vida seria, — ó pomba minha! —
Mais leve do que a aza da andorinha,
E, nas horas calmosas, eu e tú. . .

Olhando o mar sereno, o mar unido,
Comeríamos os dois arroz cozido. . .
— Emballados n'um junco de bambú!

A BIOGRAPHIA DE SATAN

A TRINDADE CORELHO

Eu vou contar a grande lenda escura
Do fulminado trágico da Luz...
Seu antigo esplendor e sorte dura,
Quando andava entre os povos da Escripura,
E comprava os juizes de Jesus.

Elle é o Velho Mal, o Orgulho, o Enfado,
E sómente Satan é um pseudónimo.
É o auctor do Remorso e do Peccado,
O morcego da Bíblia, e o cão damnado
Que espancava de noite S. Jeronymo.

No tempo em que era bello, grande, e forte,
Fez a guerra dos astros contra Deus.
Tem-lhe sido inconstante e vária a sorte.
— Andava roto e pobre, por Francfort,
Nos bairros tortuosos dos Judeus.

Ó Anjo expulso, triste, e escarnecido,
Que foste mais fulgente do que o dia!..
Deus adorado em Delphos, mais em Gnido,
Ai! quem mais do que tu terá soffrido,
E teve essa ideal melancholia!...

Já Vier contra ti, perdendo o tino,
Fez dos seus crús libellos um açoite.
Fez-te sonetos lúbricos o Aretino,
E S. Thomaz contou o teu destino,
E as aventuras célebres da noite.

Quem dirá os espinhos que cingiste,
Quem pesará teu calix de agonias...
E quantos longos séculos carpiste,
Aquella luz que cáe magoáda e triste,
— Ó grão crucificado d'irónias!..

Eu sei que hoje estás morto ou retirado,
Ó corvo escuro e mau do firmamento!..
E que andavas no mundo, envergonhado,
Já doentio, calvo, e desdentado,
E que era o teu catárro a voz do vento.

Tu foste sabio, confessor, e medico
Nos tempos legendarios, medievaes.
Eras ás vezes mystico e prophético,
E o mocho que adejava escuro e tétrico
Nos conventos, egrejas, cathedraes,

Eu sei que foste tu que, um dia, impuro,
Tentaste a castidade de Rachel.
Em Delphos desvendavas o futuro,
E, cheio d'um pavor trágico e escuro,
Deixáste envenenar-te Daniel.

Em Sodóma, na noite derradeira,
Tentas as filhas sensuaes de Loth.
Fazes de Roma toda uma fogueira! . . .
E és tu mesmo que escolhes a figueira,
A Judas, natural d'Iscarioth.

Foi *Elle* que abrasou na carne, um dia,
A tribu sensual de Benjamin.
—Prégou na cathedral d'Alexandria.
—Era pae d'um senhor de Normandia.
—Foi amigo de Nero e de Kain.

Ia tentar o asceta á sua cella,
Nos claustros escuros do Occidente.
Aos Magos escondeu, nos céus, a Estrella,
E andava disfarçado em sentinella,
Guardando o Justo, o Bom, o Resplendente.

Ao homem tinha uns odios velhos, tragicos,
E era elle o que andava entre as pelejas...
Corrompeu os conselhos areopágicos.
E fazia roubar, pelos seus magicos,
As hostias consagradas nas egrejas.

Fazia distrair a S. Clemente
Com a bulha invisivel de corceis...
E era elle, nas horas do poente,
Quem apagava as luzes, de repente,
Quando oravam nos templos os fieis.

Tomava, ás vezes, ordens e a tonsura,
E benzia as prostradas povoações...
Fazia a voz, então, austéra e dura,
Explicava os segredos da Escriptura,
E cantava, entre as lentas procissões.

Dava, n'um tom dogmatico, uma idéa,
E vinha discutir com S. Thomaz.
Iniciava os sábios da Chaldéa.
E, nos biblicos tempos da Judea,
Andava a intrigar Christo com Caiphaz.

Tem no rosto o descor d'um fulminado.
— Era mulher nas lendas monacaes:
Outras vezes gigante e corcovado,
E vagava, no mundo disfarçado,
Como os deuses, nas formas d'animaes,

Nas regiões serenas, luminosas,
Encontra-se inda os seus lícidos rasros.
O' constellações felizes, piedosas!..
Inda, ás noites, choraes, silenciosas,
A grande lucta biblica dos astros?..

Nasceu nas doces, puras regiões?
— Ah! quem dirá onde nasceu Satan?..
— Nasceu entre as demais constellações?
— Commandava as flammantes legiões?
— E seria seu pae Leviathan?..

N'esses tempos do exílio as penas méstas
Jupiter não soffrêra inda proscripto. . .
Ápis não inventára suas festas,
Não errava inda Pan pelas florestas,
E não ladrava Ánubis no Egypto.

Pára, aqui, n'este ponto, a humana lista.
— Quem sabe se do velho Cáhos nasceu? . .
Só quando, contra Deus, a lança enrístá,
E' que segundo, o Eleito, o Evangelista
Não se acha mais o seu logar no Céu.

AGUA FURTÁDA D'UM ORIGINAL

Eu moro, altivo e só, n'uma trapeira,
Doce e alegre, onde as pombas deixam rastos...
Exposta todo o dia á soalheira,
E onde passo, dormindo, a vida inteira,
Nas visinhanças limpidas dos astros.

Como na era feliz das serenádas,
Das graves castellãs nos seus balcões,
E góthicas varandas recostadas...
— Vejo, em baixo, passar as cavalgadas,
Os enterros e as lentas procissões.

Professo o culto só do *far niente*,
Deitado, todo o dia, num colchão...
Na posição immovel d'um vidente,
Fumando o meu cachimbo, eternamente,
Com os tranquillos modos d'um sultão.

O filhas do *spleen* malfadadas
Vãs poesias, sem razão nem senso!...
O' *sebentas* do estudo empoeiradas,
E tristes quaes sultanas desprezadas,
A quem o Grão Senhor não deita o lenço!...

E vós teias d'aranhas, inquietos
Tecidos, onde o sol brilha e reluz!..
O' Musas que inspiraes os meus sonetos!
Qual foi o deus, ó astros dos meus tectos,
Que vos creou ao seu *fiat lux*?

Sois vós que me escondeis, qual caracol,
E servis de cortina e bambinellas...
Quando eu declamo, involto n'um lençol,
E as visinhas que estão tomando o sol
A espreitar-me se põe entre as janellas!..

Ali tenho um cachimbo de cigano,
Sobre uns versos que fiz a uma Felicia.
E onde puz um retrato de Trajano,
Dentro d'um casacão diluviano,
Soffrendo como Cesar de calvicia.

Nas paredes estão phrases symbolicas,
E aqui e ali borrados a carvão :
— Uma Venus com ar de grandes cólicas,
— Um santo d'umas barbas apostolicas,
— E dous frades jogando o bofetão.

Mais ao pé, tenho as cartas de namôro,
E uma Biblia mui velha, onde no fim . . .
Se pinta o Padre Eterno, em nuvens d'ouro,
Tendo, n'um grande pé, chinello mouro,
E vestido com ar de mandarim.

Defronte, rí, sinistra. uma caveira,
A que puz uns bigodes com cortiça,
E d'um truão a loura cabelleira . .
Que me acompanha a rir da vida inteira,
Como um Marte do Papa ajuda á missa.

Ao lado móra-me um visinho manco,
Que faz dos sinos único regallo . . .
E gosa da união d'um saltimbanco,
Que anda pintado de vermelho e branco,
E toda a noite canta como um gallo.

Defronte, uma visinha costureira,
Doce lyrio, que treme a um vento vário...
Que canta a manhã toda e a tarde inteira,
E tem deixado cá para a trapeira
Duas vezes fugir o seu canario!...

Toda a noute o sineiro tem secrêtos
Desejos de espreitar como é que eu passo!...
Imita o som dos sinos indiscretos,
E canta, n'um voz que abala os tectos,
Ao som das cambalhótas do palhaço.

E assim eu vivo só n'um trapeira,
Onde as pennas das pombas deixam rastros...
Exposta todo o dia á soalheira,
E onde passo dormindo a vida inteira,
Nas visinhanças limpidas dos astros.

BILHETE D'UM ESTUDANTE

D'aquelle esguío telhado
— Onde tu sabes que eu móro —
Eu acho os astros d'um ouro
Já bastante mareado!..

Nenhum d'elles vale a trança
Dos teus cabellos compridos!...
Por isso meu peito lança
Ao teu telhado gemidos.

Se eu fosse Deus, minha amada,
—Dar-te-hia, Satan m'esfôlle! —
Uma cartinha fechada,
Servindo de lacre o Sol.

Mas sou um predio em ruínas,
— Não tenho nada commigo!—
Sou um deus, feito mendigo,
Que tomo o sol ás esquinas.

Divágo, roto e contente.
— Odeio um lente... e o Philyntho!
E, sob este azul clemente,
Triumpho, alegre e faminto.

Meus deuses são Vico e Dante! —
E gosto, no meu caminho,
Encontrar Minerva amante,
E as Musas cheias de vinho.

Como um barco sem amarra,
Navégo, turgidas vellas.
E desafio as estrellas,
A' noite, sobre a guitarra.

E a cabello louro ou a preto,
—Fragilidades do barro!—
Envio sempre um soneto,
Na mortalha d'um cigarro.

Vágo sem norte e sem tino.
— Ninguém m'estende o seu braço! —
Quer-me por força o destino
Commendador ou palhaço.

• POST-SCRIPTUM

Desculpa-me, flôr amada,
— Ó minha Musa divina! —
Não fui hontem á escada,
Por que empenhei a batina.

A LADY

Aquella que me tem, agora, presa
Minha alma, meus sentidos, meus cuidados...
E me faz sonhar sonhos desmanchados,
É uma altiva e olympica ingeza.

Nunca typo ideal de mais pureza
Vi nos góthicos quadros mais presados...
Seus dôces olhos castos e velados
Teem um ar, infinito, de tristeza.

Tem uns gestos de deusa que caminha,
Fronte grega, e um ar grande de Rainha,
E umas mãos, como as ladys de Van Dyck...

Ségue-a sempre um laçao, e tristemente,
É por ella que eu morro, lentamente...
E ponho no bigode *cósmétique*.

DEDICATÓRIA D'UM LIVRO

A Ti, a quem eu sempre, em meus idyllios.
Sublimo, em phrases ternas,
Te dedico, eu, vergonha dos Virgílios!
Estas rimas *modernas*.

Para que, minha fama, inda hoje escura,
A tua bocca espalhe,
Ao lê-as, no intervallo da leitura
Das obras do *Terrail*.

E as guardes na gaveta, onde costúmas
Guardar os teus velinos. . .
Entre os frascos, essencias, mais as plumas,
E os novos figurinos.

Que possam ocupar teus pensamentos
Meus lyricos ensaios!..
E, ó meu bem! lhes concedas os momentos
Que dás aos teus lacaios.

E vejas quanto em mim é aviltante
O amor das fórmulas tuas...
Que me faz baixo, vil, e semelhante,
Aos histriões das ruas.

A Ti, que com teu rir sempre me ánimas
A sagrar-te em meus mótes,
Dedico eu estas modernas rimas,
Para os teus... *papelótes*.

HUMORISMO MYSTICO

AO DR. THOMAZ DE CARVALHO

Quando eu morrer, se acaso inda presares
Aquellas nossás digressões antigas
Ao verde campo, e as joviaes cantigas
Da aldeia inda apagar os teus pezares...

Se, acaso, inda a giesta, o rosmaninho,
A lorangeira e o grande muro branco,
Te lembram... e te vâes sentar no banco
A's tardes... junto ás tilias do caminho!..

Se, acaso, aquelle nome solitario
Que eu fui gravar um dia no pinheiro,
Vinha descendo o sol... como um guerreiro
Cheio de sangue... atraz do campanário...

Se, acaso, aquelle nome o tronco duro
Inda o guardou fiel... e a laranjeira...
E eu não passei por este valle escuro
Como uma ave lúgubre e estrangeira !..

Se acaso inda te lembras d'esse, a quem
Tanta vez tu vestiste com as tranças...
E, á cova, em que eu jazer, vier *alguem*,
Sem ser as meigas pombas e as creanças !...

Se acaso aquelle fogo em que te abrasas
Inda não se apagou !.. nem o encanto !..
— Mais que a ideal palpitação das azas,
Ser-me-ha doce, meu bem ! ouvir teu pranto.

E n'essa cova então bella e dourada,
— Como a nessa união antiga e calma —
Colhe tu uma flor branca e raiada...
Que n'essa flor occultarei minha alma.

Toma cuidado n'ella... Ali se encerra
O que amaste !.. e, ai ! não vás como as mulheres,
Curiosas d'amor, lançando á terra
As folhas virginaes dos *malmequêres*.

Planta-a dentro d'um vaso predilécto.
Entre os outros, á luz... sobre a sacada...
E eu gosarei como um prazer secreto,
— Sentindo a tua mão pequena e amada!

Será esse o meu goso derradeiro!
O meu sol, meu azul, o meu espaço!
E, ao sentir-me *regar* pelo teu braço...
Lembrar-me-ha o teu osculo primeiro.

Lembrar-me-ha a giêsta, o rosmaninho,
A laranjeira e o grande muro branco,
— E quando iamos falar, no velho banco,
Às tardes... junto ás tilias do caminho!

O CANNIBAL

A CESARIO VERDE

Tenho, defronte, uma visinha loura,
Cuja carne alva, fina, e setinosa,
Faz lembrar, quando á tarde o sol descôra,
A côr humana pallida da rosa.

Não é fragil, nem debil, vaporosa,
Como as virgens mortaes que a luz não doura...
Antes é forte, esbelta, a voz sonora,
— Tranquilla e altivamente magestosa.

Nasceu formada assim para os amores:
E o modo com que rêga as suas flores,
Na varanda, a sorrir, não tem rival...

Ao vê-la, os D. Juans baixam a fala.
— Mas quanto a mim... quizêra *devoral-a*
Com a fome imbecil d'um cannibal.

ROMANTISMO

Quando ergue o transparente da janella,
Ou que o seu quarto se inundou de luz,
Eu amo vel-a, seductora e bella,
— Longos cabellos sobre os hombros nús.

Oh como é bella! e como a fico a olhar,
Dos seus cabellos desatando a fita!..
Lembram-me as virgens que do austêro Ermita
Vinhão as noites d'orações tentar.

Oh como é bella! — Tem na luz do olhar
Quaes violetas quando as fecha o somno,
Não sei que doce e languido abandono,
Não sei que vago que nos faz scismar!..

Como eu a espreito, palpitante o seio,
Como eu a sigo nos seus gestos vários,
N'aquelle quarto, aquelle ninho cheio
Da doce voz dos joviaes canarios!...

Como eu quisera ser, nos sonhos d'ella,
Um rei das lendas, o fatal *D. Juan*,
Pirata mouro, em galeões á vella,
Com minarêtes sob o ceu do Iran!...

Como eu quizera — e que vontade intensa! —
Só pelo brilho d'essa longa trança,
Ser cavalleiro de invencível lança,
Ou rei normando d'uma ilha immensa!..

Como eu quizera, no seu pensamento,
Ser o rei bardo no rochedo duro,
E ambos, fugindo, recortar o vento,
Sobre a garúpa d'um cavallo escuro!...

Se me morresse, que comprido chôro!
Como vergára sob a cruz de Malta!
Como eu deitára a minha taça d'ouro,
Por causa d'ella, d'uma torre alta!...

.....

E assim por ella' fico preso, em quanto
O sol s'esconde no occidente triste...
Um cravo murcha, n'uma jarra, a um canto,
— E as aves vôam, debicando o alpiste.

AVENTURAS

Tenho bem fundo, ainda, a sua imagem
Gravada na minha alma. Era alta e bella.
Tomei *cognac* muita vez com ella,
E aos circos a levei de carruagem.

Era nervosa e lyrica. De pagem
Não faltavam *Destins* áquella Estrella.
Lembra me ainda a scena da janella,
E aquella em que morria na estalagem.

Depois viajou muito. — Foi a Hespanha,
A França, Italia, Londres, a Allemanha,
Teve um naufragio, junto de Delhí...

Um corsario vendeu-a na Turquia.
— E hoje ahi, vive emfim, e leva o dia
A enxotar as moscas d'um *kadí*.

INCONVENIENTE DE MATAR A MULHER

A ALEXANDRE DUMAS, FILHO ⁽¹⁾

Matei-a !.. Sobre o leito desmanchado
Morreu !.. Mas o remorso me povôa.
E, agora, vâgo solitario e á tôa,
N'uma tristeza immensa despenhado.

Quando o punhal no arminho immaculado
Enterrei... Sempre a mágoa me corrôa !
Ella chorou, gritando-me... *Perdôa !*
Morro !.. e morreu !.. O' lyrio ensanguentado !

E agora aonde irei ? Horror ! Tortura !
O céu é o seu olhar ! A noite escura
Lembra-me sempre o seu cabello preto...

E, ô supplicio dos crimes verdadeiros !
— Ouço, em chusma, gritarem-me os livreiros :
Quando é que sâe agora o seu folheto ?..

(1) Este soneto foi dedicado a Dumas, filho, pela occasião da celebre questão do Homem-Mulher, que deu origem a um diluvio de folhetos e publicações

UM BLASÉ

A SANTOS NAZARETH

Olhando o mundo, assim com ar d'enfado,
Casaco abotoado e de luneta,
Caminha, com ar grave, no Chiado,
Com ar de quem achou algum planeta.

Dizem que nutre uma paixão secréta
Este Musset dos homens ignorado!..
E pulsa um coração esphaceládo,
Ali, debaixo da casaca preta.

A todos diz ha muito andar *blasé*.
E falla em vasar copos d'absyntho,
Como quem bebe orcháta ou capilé...

Mas, Bacho! ó ceus! perdõem-me se minto!..
Reférem que uma noute, n'um café,
Acharam-o a libar do... *vinho tinto*.

O VELHO

D'entre os males crueis da Humanidade,
A que os vís animaes estão sujeitos,
Nenhum mais triste e cheio de defeitos
Do que a dura e imbecil senilidade.

N'esta quadra de prantos e saudade,
Ha velhos, d'alvas barbas sobre os peitos,
Que nos fazem lembrar, pelos seus geitos,
Orango-tangos de provecta idade.

E eu vi um velho assim!... Seus fortes braços
Tinham como a rijesa dos bons aços,
E os seus gestos seriam d'um guerreiro...

Se não fossem seus labios já sem dentes,
Fazendo uns gestos cómicos, ridentes,...
— Como um macaco em cima d'um coqueiro.

O PAE DA HUMANIDADE

Nos troncos colossaes dos cédros d'outra edade,
pelos grandes cipós, pelos bambús gigantes,
— foi onde marinhou o Pae da Humanidade.

Já tinha o mesmo gesto e as mãos erguidas, d'antes.
Já tinha o mesmo aspecto e o mesmo rir sardónico
quando via passar os grossos elephantes.

Foi elle que, ao surgir d'aquelle mundo harmonico,
formoso, colossal, nas sonóras florestas,
primeiro fez ouvir o grande Riso Irónico.

Elle assistia então da Natureza ás festas.
Trepava nos bambús, corria nas folhagens,
e, ao meio dia, dormia as confortaveis séstas.

Já era então o Rei d'essas virgens parágens.
Tinha inventado a caça e ia fazer a guerra
levando, em batalhões, presbyteros selvagens.

Tudo lhe obedecia: o estreito valle e a serra.
Rugiam os leões — e os tigres e os chacaes
tremiam, ao passar o Ancião da Terra.

Com seu nodoso páo corria os bambuaes.
Dava inicio á primeira e nova sociedade,
e o seu jugo assentava aos outros animaes.

Taes estas reflexões, modernas na verdade,
em commigo fazia, um dia, contemplando
um filho dos sertões que expunham na Cidade.

Elle era velho e ruivo: o olhar profundo e brando:
o riso sensual, e desdenhoso e ufano,
—tinha as pernas em cruz, como um fakir scismando.

Olhava, com desdem, o hostile vulgo profano.
E a escoria, as multidões, miravam com respeito,
—comer uma banana o Páe do Gén'ro Humano.

O Burguez trivial, solemne, satisfeito,
que a toda parte vai, sorria-se contente
dos gestos do Macaco — e ria a cada geito,

Apupáva-lhe a cauda e a mimica coerente.
E arrojava-lhe, a rir, com seu sorriso alvar,
caroços e avelãs, puxava-lhe a corrente.

O filho dos sertões com seu tranquillo olhar,
parecia-lhe dizer: — Ó sórdido Vindouro
dos que ergueram primeiro as suas mãos ao ar!..

Tu és a nos sa nódoa, e unico desdouro.
—Porque crês valer mais, néto degenerado?..
—Talvez por tua pança e tua burra d'ouro!

Que tens feito de bom, de justo, de sagrado?
Que sabes tu de Deus, que sabes tu do mundo,
—senão se as inscrições desceram no mercado?..

Porque crês o Macaco um ser abjecto e immundo?..
Talvez porque não tem teus candidos peitinhos,
e não conhece as quatro operações a fundo!

Porque dos teus botões não tem inveja aos brilhos.
Porque não dá saraus, porque nos seus sertões
não costuma ensinar o contrabando aos filhos!

Deixa pois, meu burguez, estultas presumpções.
Não te rias de nós, nem zombes de Littré,
—nem Darwin, immortaes macacos-perfeições!

Não tenhas pejo em ser filho do Chimpanzé.—
Peór é; quanto a mim, cré isto piamente,
roubar cada vez mais no grão e no café.

Mas o Burguez cruel, sem ver o olhar ardente
do venerando Ancião—como os seus semelhantes—
cada vez ria mais, interminavelmente.

Pungia-o d'irrisões e ditos cruciantes.
E renegando a Historia, o Homem, todos nós,
atirava-lhe a rir carochos sibilantes...

— apedrejando, n'um, todos os seus Avós.

SEXTA PARTE

RUINAS

FARRAPOS

A OLIVEIRA MARTINS

A ALMA

Já estou lassa de ti, mundo em ruínas.
Velho mundo cruel, nada m'ensinas
De grande ao coração.
Acaso estás tão gasto e gangrenado?...

A CARNE

— Ah como é bom, sob este azul arcádo,
Fazer a digestão!

A ALMA

Prefiro antes cerrar-me solitaria
A sós e o ideal, ó visionaria
Grande ambição do bem!
Como é que o vicio affronta as violetas?..

A CARNE

Que olhos tão sensuaes que tranças pretas
Que aquella mulher tem?..

A ALMA

Cansada de soffrer, em vão anseio
O Jústio, o Bello.— O' terra, abre-me o seio,
Bastante, enfim soffri!
Estou lassa do Vicio e da Impostura!..

A CARNE

Dizem que a terra é fria, a cova escura,
E tudo acaba ahi!

A ALMA

Estes tempos são vis e sem virtude.
Os corpos sem valor e sem saude.
Os peitos sem amor.

A CARNE

Mas ha *corpos* mui brancos e perfeitos.
Olhos cheios de luz — formosos peitos,
Tranças de negra cór!..

Ha noites de prazer pelo caminho.
E abunda muito velho e forte vinho
Sem ser falsificado!..

Nem tudo é luto e dôr. — Ha muito riso.
— E é mais quente que o antigo Paraíso
O peito do Peccado!

A ALMA

A Morte, a Morte, é o termo das tristezas.
E' ali que emfim livres das torpezas,
Se pode ser feliz...

A CARNE

Mas, mau grado essas nobres *theorias*,
— O que passar por mim, findos dous dias,
Tapará o nariz!

A ALMA

O que importa? — Melhor é que pereças!
Antes na terra ali tu apodreças...
Do que eu, n'estas paixões!..

A CARNE

Assim será talvez. Santas doutrinas!
Mas as pernas gentis das dançarinas
Teem grandes tentações!...

A ALMA

Calculos vãos. Contemplações pequenas.
— Seculo vil d'aspirações terrenas,
Kain do Pensamento
Mátas as creanças e os bons sonhos puros...

A CARNE

Vou vêr se ponho um capital a juros,
Quo dê *cento* por cento!

A ALMA

Hontem, foram levar á sepultura.
Uma santa mulher formosa e pura,
Celeste, livre d'erros...
Tão virginal!.. Ninguem lhe orou na cova!

A CARNE

Mandei fazer uma casaca nova
Para os grandes enterros.

A ALMA

Nada é mais triumphante que o Egoismo,
A ambição de brilhar, o vil cynismo,
E, n'este carnaval...
Custa a encontrar um peito bom, sincero.

A CARNE

Foram-se os castellões e o negro clero.
— Saúde ao *Capital!* .

A ALMA

O Capital, bem sei! — A eterna historia
Do assassinio das honras e da gloria,
Do Talento e da Idèa.
— Vil raça de tyrannos e bandidos!...

A CARNE

Silencio! que as paredes tem ouvidos!..
— Cuidado na Cadeia!

A ALMA

Tem quebrantado as almas, as mais fortes.
— Tyrano algum jámais fez tantas mortes,
Nem mais vis proscricções!..

A CARNE

Talvez! Talvez! Mas fez, na Sociedade,
Guardar a Lei... firmou a *Propriedade*,
O juro e as inscripções!

A ALMA

E' elle o protector dos seus direitos.
— O' nobres corações, sem fel nos peitos,
Simples, castos, e bons...
Deixae-vos fuzilar por essas ruas.
Que vos afoguem as creanças nuas,
Sem sangue e sem *coupons!*

Deixae que o *senhor* goze — O' Natureza,
Curvae-vos, passa agora Sua Alteza
Que o mundo assim dispôz.
Callae-vos, rouxinoes melodiosos!...

A CARNE

Não sei por quê! — São muito saborosos
Cosidos com arroz!

A ALMA

Velho Bezerro d'ouro sóbe ao throno.
— O' alma escura, ó terra, ó abandono!..
A vil devassidão...
Rôe-vos mais que o bolôr, mundo em farrápos!..

A CARNE

Se as meigas andorinhas mais os sapos
Fizeram união!..

A ALMA

E' isso! O Capital faz maravilhas.
Elle bem sabe ás Mães comprar as filhas,
Dal-as ao lupanar,
Roubar as crenças, honras, a saúde!...

A CARNE

Não fazem mais, amantes da Virtude,
Que dar-lhes de jantar!

A ALMA

Quantas tristes que a tísica asphixia,
Sem pão, sem ar, cosendo noute e dia,
Vão nas garras do açôr...
Cair cheias d'opprobrios e martyrios!

A CARNE

Obedecem os sapos mais os lyrios
Á' lei do eterno amor.

A ALMA

Isto está desabando!... Homens cruentos,
Lançaê ao mundo novos fundamentos.
Venha o Direito e a Lei,
Venha armada a Justiça vingadora,
E que na grande ceifa... a espiga louira...

A CARNE

Que horror!... bem sei! bem sei!...

A ALMA

Visões, visões talvez. Mas preso e adoro
Estes sonhos vermelhos e côr de ouro
De Luta, Vida, Acção.
Se não fosse inda a crença santa e ardente...

A CARNE

— Deixa-me louca em paz, e enfim consente
Que faça a digestão!..

AOS VENCIDOS

Quando é que enfim virá o claro dia,
— O dia glorioso e suspirado —
Que não corra mais sangue desperdiçado
A' luz do Sol que os mundos alumia?!

Que os *vencidos* não vejam a agonia
Do seu tecto de colmo incendiado,
E se ouça retumbar o monte e o prado,
Ao tropel da veloz cavallaria?...

Quando é que isto será?... Quando na vida,
Virá ella, a doce hora promettida,
Hora cheia d'amor e desejada...

Em que fataes Kains, fartos da guerra,
Nosso sangue não beba mais a terra
— E nem mesmo a Justiça use d'espada?

O MUNDO VELHO

Nas crises d'este tempo desgraçado,
Quando nos pomos tristes a espalhar
Os olhos pela historia do passado...
Quem não verá, contente ou consternado,
— Mundo velho que estás a desabar ! —

Sim ! tu estás a morrer, vil socio antigo,
E Pae de nossos vicios e paixões,
Camarada dos crimes, torpe amigo !..
— Morre enfim, correrá no teu jazigo,
Em vez de vinho, o sangue das nações.

— Deves morrer, provecto criminoso !
— Tens vivido de mais, vil animal !
Tu estás velho, cansado, e desgostoso,
E, como um velho principe gotoso,
Ris, cruelmente, ás convulsões do mal.

— Que é feito do teu Deus, do teu Direito?
— Onde estão as visões dos teus prophétas?
— Quem te deu esse orgulho satisfeito?
Monstruoso Caipház, junto ao teu leito,
Morrem, debalde, os gritos dos poétas.

No tempo em que eras forte, foi teu braço
Que apunhalou os sácos ideaes!..
Hoje estás gordo, sensual, devasso,
E vágas, torpe a rir, como um palhaço,
N'um circulo lúscido de punhaes.

Tu tens vendido os justos no mercado,
Crucificado o nobre, o bello, o bom.
Vaes cahir templo pódre e abandonado,
Não á voz do Jesus ensanguentado,
— Mas ao verbo nihilista de Proudhon.

E' Elle que te arrasta ao teu jazigo.
Andas vergado á sua maldição —
Cambalêas ao funebre castigo,
E passas corcovado, como o antigo,
Escravo, sob o lenho da paixão

O seu grande clarão inda t'inunda.
Fulminou-te, morcêgo, a sua luz. —
Marcou-te a consciencia rôta e immunda,
E a chaga que te abriu é mais profunda
Que a do lado direito de Jesus.

Nenhum deus, já ninguém pôde cural-a.
Has-de morrer, caído amphytrião!
E' essa a dôr eterna que te rála.
— Manda erguer o caixão na tua salla,
Prepara o funerário cantochão.

Tu tens quebrado os peitos mais robustos,
Tens dado aos santos o vinagre e o fel.
— Bom conviva de Nero e dos Procustos,
Andas ebrio do sangue de mil justos,
De mil sabios... do Christo e do Rossel.

Tens talhado a teu modo a Sociedade.
E por isso o infeliz que te condémne!..
Ensanguentaste as mãos da Mocidade,
Nunca amaste o Direito ou a Equidade,
Matas Vallès..... deixas viver Bazaine.

Tu viveste contente e agasalhado
Entre os brilhantes e as visões do gaz.
— Bem te importava a neve... e o ar gelado,
O Frio, a fome... E' tepido o Peccado.
Calvo amigo!... venceu-te Satanaz!

Tornaste o Templo casa de penhores.
— Mas ninguém ora a Deus nas cathedraes —
Pois quê, cheios de lastimas e dôres,
Nós lemos mais nas pétalas das flores
Do que em todas as folhas dos missaes.

Morre, morre, ó maráo, sem um gemido.
— Nem podes aprumar as mãos aos ceus!..
Ha muito que ris d'isso, aborrecido.
Em nada crêste, em nada! — Adeus vencido!
Morre ahi como um cão! — Vencido, adeus!

Morre, morre, palacio esburacado.
Cheio de hervas, caruncho, e de bolor!
— Adeus, velho navio destroçado!
— Morre! antigo conviva do peccado!
— Faltou-te sempre Deus, a Lei, o Amor.

AOS VENCEDORES

Visto que tudo passa e as épicas memorias
Dos fortes, dos heroes, se vão cada vez mais,
Que tudo é luto e pó, ó vós que triumphaes
Não turbeis a razão nos vinhòs das vãs glorias!..

Não ergais alto a taça, á hora dos gemidos,
Esquecidos talvez nos gosos, nos regалlos.
E não façaes jámais pastar vossos cavallos
Na herva que cobrir os ossos dos vencidos!..

Não celebreis jámais as festas dos noivados
Não encontreis, na volta, os lugubres cortejos.
E se amardes, olhae que ao som dos vossos beijos,
— Não respondam da praça os ais dos fuzilados!

Sim! — se venceste emfim, folgae todas as horas.
Mas deixae lastimar-se os orphãos, as amantes.
Nem façaes, junto a nós, altivos, triumphantes,
Pelas ruas demais tinir vossas esporas!

Pois toda a gloria é pó! Toda a fortuna vã! —
E nós lassos emfim dos prantos dolorosos,
Regámos já demais a terra — ó gloriosos
Vencedores, talvez, — *vencidos d'amanhã!*

A CANALHA

Eu vejo-a vir ao longe perseguida,
Como d'um vento lívido varrida,
Cheia de febre, rôta, muito além...
— Pelos caminhos asperos da Historia —
Enquanto os Reis e os Deuses entre a glória
Não ouvem a ninguém.

Ella vem triste, só, silenciosa,
Tinta de sangue, pallida, orgulhosa,
Em farrapos, na fria escuridão...
Buscando o grande dia da batalha.
— E' ella! E' ella! A lívida Canalha!
Kain, é vosso irmão!

Elles lá vem famintos e sombrios,
Rotos, selvagens, abanando aos frios,
Sem leite e pão, descalços, semi-nus...
Nada jámais, sua carreira abranda.
— Fizeram Roma, a Inglaterra e a Hollanda,
E andáram com Jesus.

São os tristes, os vis, os oprimidos.
— Em Roma são marcados e batidos,
Passam cheios de vastas aflições.
Nem das mesas lhes deitam as migalhas.
Morrem sem nome, às vezes, nas batalhas,
E andam nas sedições.

Veem varridos do lívido destino.
Em Roma, a velha Grecia, erram, sem tino,
Nos tumultos, enterros, bacchanaes...
Nas praças e nos porticos profundos,
E disputam, famintos e immundos,
O lixo aos animaes.

São os parias, os servos, os *illótas*.
Vivem nas covas humidas, ignótas,
Sem luz e ar arrancar-lhes as mães.
— Passam curvados nas manhãs geladas.
E, depois de já mortos, nas calçadas,
Devóram-os os cães.

Elles vem de mui longe... vem da Historia,
Frios, sinistros, maus, como a memoria,
Dos pesadellos tragicos e maus.
— Eu oiço os reis cantando em suas festas.
E elles, elles — maiores do que as florestas —
Chorarem nos degraus.

E' uma antiga e lúgubre legenda.
— Vão sempre, sempre avante, em sua senda,
Sublimes, rindo heroicos, rôtos, vís...
Cheios de fome, às luzes das lanternas,
Cantando sujas farças nas tabernas,
Chorando nos covis.

Alguns dormem em covas quaes serpentes.
Vogáram entre os povos e entre as gentes,
Vergados d'um remorso solitário.
— Sabem, de cór, os reinos devastádos.
E, vieram talvez ensanguentados
Da noite do Calvario.

Teem trabalhado, occultos, noite e dia.
O' reis! ó reis! as luzes d'esta orgia,
De repente, que vento apagará!...
— Corre no ar um écho subitaneo.
E escuta-se, feroz, no subterraneo,
O riso de Marat.

Chega, talvez, a hora das contendas.
O' legionarios ! desertaes as tendas,
Já demólem os pórticos reaes
Os que teem esgotado a negra taça.
— Cantam ao vento, os psalmos, da *Desgraça*,
E a historia dos punhães.

Vão, ha muito, na sombra foragidos,
Pelas neves, curvados e transidos,
Em quanto Deus se aquéce nos seus Ceus.
Vem do Sul uma lugubre toáda,
E escuta-se Rousseau, na agua furtada,
Gritar: — *Que me quer Deus?*

Erguem-se ebrios de mortes, de vinganças.
Assoma lá ao longe um mar de lanças,
Resôam sobre os thronos os machádos.
E a Europa vê passar, cheia de assombros,
Ferozes, em triumphos, aos seus hombros,
— Seus reis esguedelhados.

A voz das legiões rôtas, sombrias,
Desábam pelo mundo as monarchias.
Tremem os graves bispos. — E depois...
Que mais farão? perguntam, desolados.
— Vão ser inda depois, crucificados
Os deuses e os heróes.

.....
.....
.....
.....

Vão prolongada a dissonante orgia.
No silencio da noite intensa e fria,
Vem uns echos perdidos de batalha,
Como uns ventos do norte impetuosos.
— São os passos, nas trevas, vagarosos,
Os passos da *Canalha*.

Elles veem de mui longe, mui distantes
Como sonóros batalhões gigantes,
Como ondas negras d'um sinistro mar,
N'uma viagem tragica e sem gloria.
— Ha muito, pela noite da Historia,
Que os oiço caminhar,

Quem sabe se virão?.. É longa a estrada.
D'esta comprida e aspera jornada
Quem sabe quando, enfim, descançarão?
As pedras atapetem-lhes com flores.
Lá veem queimados, rotos, vencedores,
Altivos e sem pão!..

Não raion inda o dia da Justiça.

Mas, breve, talvez, se oiça a nova missa,

E a Liberdade emfim junte os seus filhos.

Vão talvez vir os tempos desejados!

— E, então, por vossa vez, ó reis sagrados,

Saúde aos maltrapilhos!

O NOVO LIVRO ⁽¹⁾

Vou cantar novos casos dolorosos,
E navegar n'outro épico Oceano,
Novas vellas soltar. — O ouvido humano,
Que se preste a meus cantos vigorosos.

Por que eu fulminarei os crapulosos,
O fanatico, o Escriba, o Publicano,
E arrastarei á luz — como um tyranno,
O santo d'olhos doces e amorosos.

E, por tanto, homens cheios de vaidades,
Preparaes-vos a ouvir rubras verdades,
Que vos hão de tisnar como carvões...

E se não receaes ver morto o Erro:
— Vinde á janella a ver o Grande Enterro,
E o desfilar das lividas visões.

(1) O Anti-Christo então em preparação.

A MORTE DO ATHLETA

(SYMBOLISMO)

O heroes! ó heroes! atletas estrangeiros!
viajantes que andaes á busca d'uma flor
mysteriosa e ideal, energicos mineiros,
sublimes corações que só sonhaes d'amor...
vós talvez morrereis da morte dos guerreiros,
um dia, ao pôr do sol, como este gladiador.

Vós talvez morrereis longe da patria um dia,
longe do amigo ceu que vistes á nascença,
longe do parreiral, da arvore sombria,
longe dos laranjaes sob que se ama e pensa,
sobre uma rocha nua, ou n'uma praia fria,
longe do vosso deus, longe da vossa crença!

E então erguendo as mãos, como n'um sonho ardente,
como um *vencido*...e olhando o Egoismo, a Ingratidão,
sentindo-vos morrer inevitavelmente,

lembrando a vossa aldeia, a infancia, a proscrição
talvez vos confesseis, amarguradamente,
—que não achastes nunca, oh! nunca, um coração!

Feliz inda comtudo o espirito-poeta!
que n'este desabar d'um mundo egoista e molle,
tendo perdido o Amor, a pérola secreta,
os astros do seu ceo, e um peito que o consôle,
poder inda expirar como o romano athleta,
— aos pés do seu Ideal, voltado para o sol.

.....
.....
.....

Era uma vez um bravo e energico athleta,
forte como os heroes, rijo como as espadas.
Ninguém em Roma tinha a barba assim tão preta,
músculos mais viris, pernas mais bem talhadas.
Ninguém tinha esse olhar claro como a lanceta,
—mágico como a luz das pedras lapidadas.

As matronas fieis e as bellas virgens brancas
sentiam perturbar as suas noites puras,
recordando o seu talho, o busto, as fortes ancas,
seu perfil excedendo as gregas esculpturas,
e os seus braços viris, fortes como alavancas,
—bellos para apertar a linha das cinturas.

Ninguém amava o sol e as noites rutilantes,
a herva, o mar, a luz, como este saltimbanco. —
Ninguém tinha também túnicas mais brilhantes,
mais braceletes d'ouro e o olhar d'um firme franco.
Os peitos virginaes batiam soluçantes,
— ante o seu busto altivo e o seu pescoço branco.

Vestaes e cortezãs, virgem ou messalina,
sentiam, como as mais, as rijas attracções
da energia do sangue e a força masculina
dos seus músculos d'aço e rígidos tendões,
ao vê-lo calmo, em pé, petulante a narina,
doirado, semi-nú, calcando os histriões.

De certo, as mais fieis matronas recatadas,
filhas, irmãs do edil, consul, ou senador,
sentiam perpassar, nas noites desmanchadas,
o imperio do perfil do extranho gladiador.
Mas elle tinha erguido, em rochas escarpadas,
— sagrado como um templo, o seu arisco amor!

Porém, por sua vez, o heroe da Roma esquiva,
gloria dos histriões, dextro no césto e lança,
que havia preso a loba, a Roma, essa lasciva
dos bordeis de Suburra, e preso pela trança...
amava uma mulher de marmore, uma altiva,
— amava sem remédio, amava sem esperança.

Era Livia o seu nome — E nunca as galerias
austeras e immortaes manchou dos seus Avós.
Jamais o Amor lhe fez velar noites sombrias,
e, erguendo as mãos, chorar, sobre o seu leito, a sós.
— Pólos! ha corações mais gelados que vós.
— Estátuas! não sois só as bellas coisas frias.

Embalde erguia as mãos, magras de um sonho ardente,
pelas noites febris, para o solemne céu.
Em vão elle exhibia um fato resplendente,
vencendo os histriões, heroes do poviléo.
Em vão, na via Appia, ia atravez da gente,
seguindo-a, como ao vento o pó d'um mausoleu.

Em vão ia passar as noites nas orgias
dos bordeis de Suburra, ás luzes amarellas.
Em vão ia, ao luar, á brisa das mar'zias,
sobre as aguas do Tibre errar nas noites bellas.
Em vão trepava, á noite, ás altas penedias,
pallido, a fronte em febre, ao frio das estrellas.

Em vão fez que lhe dêsse o tragico Tiberio
o bracelete d'ouro e o annel de cavalleiro.
Em vão fugiu, correu todo o romano imperio,
a Gallia, a Syria, o Egypto, o Oriente inteiro,
e, na Judea, viu ao Christo magro e serio,
ao sol posto, expirar em cima d'um madeiro.

Em vão correu a Lybia, as praias estrangeiras,
viu outros novos ceus, outros extranhos mares,
as rosas de Saron, as verdes laranjeiras,
as florestas da Gallia, a areia dos palmares,
e os prophetas Judeus, debaixo das palmeiras,
—magros, com largo gesto, erguendo as mãos aos ares.

Em vão elle viu Cypre, a bella ilha amena,
as Gregas sensuaes, brancas, dominadoras,
as bellezas de Cós, as tentações do Sena,
as Judias fataes, as do Ebro tentadoras,
e em cima d'um rochedo, á tarde, a Magdalena,
—chorosa, ao pé da cruz, rojando as tranças louras.

Em vão! Nunca a esqueceu! — Nem perto do inimigo,
nem junto dos leões, na paz, nos morticinios,
na areia do deserto, ou sob o tecto amigo,
entre as danças gentis dos batalhões virginios,
nem no vinho de Cós! nem no phalerno antigo!
—nem debaixo da hera e o myrtho dos triclinios!..

Quando chegou de Roma ás portas immortaes
sentiu seu forte amor mais joven renascer.
E o amor que busca a gloria, as palmas triumphaes,
para as lançar aos pés pequenos de mulher,
accendeu-lhe de novo as attracções fataes
do Circo! o Circo immenso!... a gloria de vencer.

Mas mal no Circo entrou, depois de tantos annos,
sentiu como um terror fatal, desconhecido.
O arado das paixões, do Amor, dos desenganos,
desbotáram-lhe a côr, tinham-o envelhecido...
Com um terror d'escravo, ao pé dos seus tyrannos,
o gladiador sentiu-se incógnito e esquecido.

O primeiro que entrou foi um Gaulez membrudo,
um louro montanhez, um rude retiário.
D'um duro golpe só d'amalgamar o escudo
o gladiador lançou na arena o adversario.
Todo o povo applaudiu. — Só Livia, o labio mudo,
desfolhava uma flor, debaixo do vellario.

O segundo era um negro e athletico selvagem
com laivos de chagal no duro olhar sombrio,
nostalgico da luz, das sombras, da paizagem,
vasto como um deserto e fundo como um rio.
Depois de uma feroz e insólita carnagem,
sob os pés do Africano, o gladiador caiu.

O gladiador cahiu, cheio da pallidez
da dôr que lhe causou a espada d'aço fino,
e olhou a turba egoista, essa que tanta vez
o applaudira feroz, com um rugir leonino.
Mas viu o povo todo — em trágica mudez —
dedo apontado ao pó, frio, como o Destino (1)

(1) Quando o povo romano inclinava o dedo pollegar, para o pó do Circo, era signal de morte para o gladiador vencido.

O atleta encarou o povo novamente,
mas ninguém se mexeu. — Não perdoou ninguém.
Então o gladiador volveu o olhar ardente,
o derradeiro olhar extático, ao seu bem...
Mas viu, cheio de horror! inexoravelmente,
— Livia o dedo fatal voltado ao pó também.

Ninguém pôde narrar o seu sorriso estranho.
Ninguém pôde exprimir o seu estranho olhar.
O triste coração do Homem é tamanho
como um convulso céu, ou como um fundo mar.
— Quem contará a dôr do escravo no seu lenho?
— Quem dirá o sorrir do herói que vão matar?

De certo ha de ser duro ao peito grande e forte
sentir que a sua máguia a nenhum peito arrou,
sentir que foi, no mundo, um naufrago que a Sorte
sobre um rochedo nú e trágico arrojou,
e vêr erguendo as mãos — pedindo a sua morte —
— seu marmóreo ideal, o idolo que amou!

O gladiador, então, ergueu-se de repente,
e pálido, affrontando as turbas aturdidas,
hírto, em frente de Livia, o idolo inclemente,
estas phrases soltou tristes e nunca ouvidas.
Como atravez do horror de um sonho incoherente,
vibravam-lhe, na voz, notas desconhecidas:

«Saúda o Cesar — disse — o athleta moribundo,
antes de abandonar o amphitheatro, o mundo,
onde a flôr do Ideal nunca viceja e médra...
Eu pois que vou morrer, inevitavelmente,
faço uma saudação extranha e dissidente:
-- Saúde, ó meu Amor! *meu Idolo de pedra!*»

Depois olhou o Sol. — Em meio da carreira,
elle vinha imitando o olho d'um dragão.
— E, ah! então, lembrou-lhe a sua vida inteira,
sua dôr, sua morte, a sua solidão,
a sua historia triste, arisca, aventureira,
sem jamais encontrar no mundo um coração!...

Lembrou-lhe tudo: a infancia e o sonho descuidado
na sua aldeia, em Chio, ao pé das carvalheiras,
o seu exilio em Roma, e o tempo torturado
sob o jugo servil das turbas estrangeiras,
depois a Gloria, o Circo, o seu amor frustrado,
— a musica da selva e o chôro das ribeiras.

Porque, não fôra elle um rude marinheiro,
luctando com o Mar, os Ventos, o Revez,
sem recear da plebe o grito carniceiro,
nem temer o histrião calcando-o sob os pés,
e, uma noite, morrer por entre um nevoeiro,
— ou junto á loira amante, á lua das marés?...

Porque não fôra elle um lavrador queimado,
d'essas almas viris, heroicas, e felizes,
que conhecem sómente o feno do seu prado,
nunca viram o mar e os ceus d'outros paizes,
e que enterram ao pé d'um álamo copado,
á boa luz do sol, debaixo das raizes?...

E de novo accudiu-lhe á triste mente cheia
de saudades crueis, de rápidas lembranças,
aquella grande cruz no monte da Judea,
entre mulher's chorando e reluzentes lanças.
— E, então, quiz ser um heroe, morrendo pela Idéa,
e ouvindo uma mulher chorar de longas tranças.

Mas era um gladiador, um histrião sómente,
escória de plebeus, e filho d'um liberto,
do qual o Povo Rei olhava indifferente,
sem mágua, a sua morte irremediavel, perto,
como o leão contempla as nuvens do Oriente,
ou como a Esphinge fita a areia do deserto!...

Não viria ninguem, de terras bem distantes,
como veio a Jesus José d'Arimathêa,
trazer o esquite novo, os cheiros penetrantes,
e o nítido lençol de preciosa teia!...
Nem feririam o ar gritos dilacerantes,
quando o seu corpo vil rolasse pela areia!

Não ouviria mais, pelos serões d'outono,
na tremula floresta o vento suspirar!...

E o seu corpo, votado aos córvos e ao abandono,
não teria um bom campo, um monte, ao pé do mar,
aonde os manes seus saíssem do seu somno,
— ouvindo o rouxinol e o pescador cantar!

Tudo isto lhe acudiu negro e tumultuoso,
rápido como o raio, ou sonho de mulher,
doce como a visão d'um bom paiz saudoso,
ao naufrago que vê a esp'rança fallecer...
Depois, com um sorriso extremo e doloroso,
dispoz-se o gladiador, enfim, para morrer.

Um pranto lhe rolou, lento e desenganado,
como o orvalho que cãe em resequida flor.
Porém quando, por fim, do tronco decepado,
a cabeça rolou aos pés do vencedor,
o carmezim do sol tornava ensanguentado
aquelle pranto. — Assim morreu o gladiador.

FIM

ALGUMAS PALAVRAS

ALGUMAS PALAVRAS ⁽¹⁾

NOTA À PRIMEIRA EDIÇÃO

Achámos sempre de supremo mau gosto vêr o auctor, na sua propria obra, demorar-se complacientemente n'um prologo, como que fabricando uma auréola.

Por isso, isto não é a demorada profissão de fé d'um poeta novo, nem a rhetórica pomposa e estéril de quem intenta dar realce a um livro. — E' apenas uma explicação.

Este livro, producto d'uma inspiração meridional e algumas verdades heroicas, não se filia, exclusivamente, em nenhuma escola conhecida.

E' uma obra na qual influiram muitas e varias correntes do espirito humano, e muitas impressões, muitas nobres ideas do seu tempo.

No entanto, o auctor conhece que fez uma obra sua, com ho-

(1) Rogâmes a todos os leitores — *sobretudo aos esthetas* — que não deixem de lêr as *erratas importantes*, logo em seguida a esta nota, pois que não é possível sempre n'um volume de mais de tresentas páginas evitar que não dealise um erro, que bastas vezes estrophia um verso, outras, lhe desfigura o sentido, mau gráo toda a escrupulosa revisão.

risontes particulares e pontos de vista seus, e não apenas uma synthese das ideas dominantes de qualquer escola aplaudida.

Na mysteriosa, singular, e complicada elaboração intellectual do espirito humano, qual será o auctor assás sincero que possa sempre assignalar, com segurança, a origem d'uma idea, ainda que essa idea seja tão luminosa como a rotação da terra, a descoberta da alavanca, ou a creação de João Valjean?

Quem poderá dizer á borboleta, ao lyrio, ao monstro marinho, e áquellas aves singulares da America que têm todo um arco celeste de tintas nas plumas, a parte que elles devem na vida, nas côres, no aroma, nas plumagens, ao Sol, ás nuvens, aos ventos — e a todas as forças chímicas da Natureza?

Do mesmo modo também, as grandes sementes que espalharam os espiritos que nos precederam, ou as d'aquelles que ainda hoje arroteiam o campo, fazem desabrochar uma infinidade de pomos intellectuaes, na grande planície dos seculos, por aquelle mesmo trabalho lento e maravilhoso, pelo qual o Sol vae preparar, ao mais fundo da terra, o diamante.

E assim é facil, por um contraste notavel, n'um dado espirito poderem ter operado as influencias da leitura de Proudhom, de Cicero, de Vico, de Dante, de Baudelaire, de Renan, Voltaire e de S. Agostinho: e d'ahi, depois, crear-se uma entidade tão diversa d'estas entidades, em particular, que nenhum d'elles o teria por discipulo.

Quem poderá assignalar a S. Jeronymo, o grave doutor da Egreja, o aspero e cavado ermita do mosteiro de Betlem, a influencia que tiveram nos seus escriptos o estylo delicado de Cicero, Horacio, ou dos licenciosos poetas pagãos? Nenhuma influencia se operou talvez visivel: mas talvez muitas secretas e particulares.

E' por isso que compete ao escriptor trabalhar a sua idea, lapidal-a, polil-a, desenvolve-la, facetal-a, de maneira que ella seja como que um grande élo em que se vão encatenar um ro-sario luminoso d'outras novas, e que ella saia transformada

d'esse vasto laboratorio intellectual, por um processo mysterioso semelhante ao do que faz a Natureza, transformando da lagarta a borboleta, do carvão o diamante, e da ostra doente a pérola.

O escriptor é um producto litterario do seu tempo, das suas leituras, do seu temperamento, do seu estudo:—e obedece, mais que tudo ainda, á sua consciencia e á influencia do Sol sob que nasceu.

O poeta que não obedece a nada d'isto — não é um poeta na grande accepção da palavra. E' um plagiario, um parasita que vive da imitação servil dos outros, e que é tão digno de se agremiar a elles como o sapo de fazer união com as borboletas.

E' por isso, pois, que este primeiro livro é d'um meridional: mas d'um meridional moderno, que celebra o Sol por que desperta o homem para a Acção, para a Vida, para o Trabalho, e que achou curioso, — no seu tempo — fazer um livro de vida, d'imaginação, de ironia, de sol, de liberdade — o mais heroico dos ideaes.

Mau grado algumas affeições litterarias dos começos do auctor — entre as duas escolas modernas de que tanto se tem discutido, o *satanismo* e o *realismo*, não preferiu nem uma, nem outra.

O *satanismo*, por que tem uma philosophia absurda que consiste em querer ao eterno equilibrio do Bem e do Mal, em que se baseia a harmonia da Natureza, que assombrava Rousseau e que lhe valeu de Voltaire a sangrenta sátira do doutor *Pangloss* — antepor, pertinazmente, o predominio do Mal.

E o *realismo*, reduzido ás condições de escola — isto é de convenção — por que debaixo d'uma vã rhetorica, e apparencia d'analyse, de critica, de experiencia, revéla o sordido e o obsceno, ou cáe como o *satanismo* na preocupação do Mal em tudo, e a descrevel-o:—o que é mais desagradável ainda.

Na pintura o *realismo*, com processos exagerados, e abusando das minuciosidades, tem procura lo impôr-se pela verdade, ora

procurando o *feio*, com um furor como nunca a Arte Antiga se lançou no Bello: ora, abusando dos pormenores, como se a pintura podesse retratar a Natureza, e se o fim da Arte não fosse servir-se d'ella como meio.

Alguns pintores inglezes da escola realista chegaram a fazer quadros curiosissimos de serem analysados a microscopio: — tal era a fidelidade e o rigor das *menores* cousas.

E, comtudo este exagero não pôde nunca dar senão a consciencia ou a medida d'um talento d'um artista, e não a vastidão d'um genio, que não pôde nunca restringir-se a pequenos effeitos visuaes, ou á fidelidade.

Alem d'isso, se a simples fidelidade fosse a maior aspiração da Arte, o microscopio d'um observador inglez teria direito quasi a procurar na pintura de um copo d'agua os animalculos que a povôam.

Todas as extravagancias da escola bolonheza, de Paulo Veronezo e seus seguidores, ostentando em todos os quadros as magnificencias da architectura, d'entre os quaes um d'elles ficou mui celebre, as *Bodas do Caná*, não teem nada d'exagerado em relação ao furor, e á preocupação quasi comica do *feio*, que domina Courbet e os seus neóphitos.

Os poetas realistas, — esses mais declamadores do que profundos, mais horriavelmente minuciosos do que verdadeiros, teem feito um mundo de mulheres perdidas, de Manfredos de crápula, de trufas, de velludos, e de lepras, e teem-se posto n'uma tal gamma d'inspiração, simulando a sciencia, e affectando chamar ao diamante *vil carvão*, que teem tirado a poesia a tudo: — á arvore, á flor, ao diamante, e até ao carvão.

Estes são os exageros em que ultimamente tem caído esta escola, e dos quaes já agora morrerá.. descrevendo ainda uma pústula.

Entre pois estas hesitações e absurdos d'escólas, o auctor achou melhor não preferir nenhuma, reservando todas as suas affeições para uma poesia mais sadia, forte e verdadeira, e que

não despreze nem o amor, nem a imaginação, nem a liberdade

Esta poesia nova, que procura o seu caminho tão gloriosamente, no meio d'estes tempos tão turbados, já certa de triumphos verdadeiros, e a que alguns teem chamado o *Humanismo*, é a que comprehendendo o homem com todas as suas paixões e as suas virtudes, nem deprimindo o scepticamente, nem fazendo-o perder chimericamente nos astros, ha de estabelecer o verdadeiro equilibrio entre o *ideal* e o *real*, e mirando, como a philosophia, a melhorar a humanidade e a alargar o ideal humano, ser digna da nobre missão que n'estes tempos lhe está confiada.

Mau grado as vãs declamações ultimas contra o *lyrismo*, por alguns pregoeiros d'uma theoria de que não ouviram senão a primeira palavra, o auctor está convencido de que a verdade, a pureza, o sentimento são e foram sempre os distinctivos d'um verdadeiro artista, e que aquelle poeta que jámais cantou a Mulher e o Amor, é um ente tão dúbio na Sociedade, como um sacerdote da deusa *Tani*, em Carthágo.

Alem d'isso, recorda-se e recorda aos declamadores levianos que Lucrecio no mais bello e admiravel poema philosophico sobre a Natureza, que se tem escrito no mundo, *De natura rerum*, começou por uma elevada invocação a Venus:—que é a Mulher na antiguidade feita Deusa.

Hoje, um poeta moderno que tem um ideal da mulher muito mais nobre, mais puro, mais casto, devido á philosophia christã, por que não ha de de tratar de a engrandecer, de a elevar e distinguir, dando-lhe—como Philosophia e como Arte—o papel que ella tem direito a representar na sociedade—banindo dos seus livros o ideal da cortezá?!

O auctor, no seu livro, apenas duas ou três vezes alludiu a ellas, e foi para as lamentar, e, talvez, injustamente, para as condemnar.

Injustamente: porque a bondade é tambem uma justiça superior: e uma das grandes missões do poeta é a, d'além de ser justo, ser bom.

E em nenhuns tempos a missão do poeta foi tão grande de cumprir como hoje.

Uma pretenciosa e depravadora lépra lavra na sociedade: uma enorme corrupção de gosto e de ideal nas letras. O jornalismo, a parte mais saliente e deficiente da litteratura portugueza, tóma sobre a desgraçada ignorancia geral um ascendente que seria comico, se não fosse para lamentar, e inváde, como, uma grande corrente sem dique, a opinião publica, reduzindo a Economia, a Arte, a Politica, a Philosophia, a questões de visinhas despeitadas.

A Mocidade, de quem ha tanto a esperar, explóra avidamente o *bel esprit*, que tanta indignação causava a Rousseau, todo forjado segundo os moldes mais deploraveis do espirito sem ideal francez, e que está para a verdadeira ironia austera e demolidora, como Proudhon está para uma *cocotte*, e o sentimento de Chénier está para o sentimentalismo de salla de Feuillel.

Tendo-se o auctor feito conhecer por algumas poesias liberaes, muitos perguntarão talvez a razão por que não deu, no seu livro, mais latitude á ultima parte.

Essa razão foi unicamente a de não querer fazer um livro exclusivamente didactico, e por que as poesias que publicou, e que entravam no plano do seu livro, lhes restringiram o espaço.

Alem d'isso, porque tambem, as luctas religiosas da Allemanha, os eternos combates entre a Egreja e o Estado lhe haviam feito conceber o plano do *Anti-Christo*, onde mais latamente poderia desenvolver algumas theorias e tratar questões do mundo politico e religioso.

Quanto a esta obra, seja qual fôr o logar que a Critica lhe faça occupar, ella não é mais do que a primeira pedra d'um edificio que existe todo construido na imaginação do auctor.

Mas, por muito insignificante que ella seja, elle recorda a todos que se teem visto n'uma sociedade esterilizadora, em lucta contínua com um Ideal novo e grande, como Jacob toda a noute

com o anjo, que o seu desejo constante foi sempre fugir do *exagero* e do *mau gosto*.

Se nem sempre o conseguiu—ainda assim os justos e os fortes, pela sua vontade, o saberão apreciar.

Taes foram as palavras que escrevemos, aos vinte annos, na nota da primeira edição. Pouco mais temos que accrescentar-lhes hoje, senão talvez a explicação do titulo que demos ao livro, e que um preclaro escriptor, já fallecido, ao enaltecer a obra, taxou todavia de immodesto. *Claridades do Sul* é a idealisação da poesia do Sol, das Arvores, das Flôres, da Música, das Paisagens, do Amôr, da Vida, e do Sonho: — emfim de toda a idiosyncrasia d'estas regiões suaves e musicaes do Occidente: d'estes paizes floridos, lendarios, e sonóros do Meio Dia, por onde trotou o heroico D. Quixóte e gemeu a guitarra de Almaguiva: onde gargalhou ruidosamente Rabelais. muito antes de Mephistopheles ter feito retumbar as suas gargalhadas sonóras na Germania: onde floresceu o senhor Pantagruel e Petrarcha suspirou sob os varandins da Renascença: onde devaneou Romeo e gemeu o lyrico Bernardim: e, finalmente, onde palpita esta sonhadora alma cavalheiresca, irónica, amorosa e ao mesmo tempo mystica do Sul, n'estas claras regiões benzidas pela Luz, e alagadas e lavadas pelas *celestiaes claridades*. O assumpto era de certo amplissimo, e o commetimento audaz. Mas o que é que não supõe, acaso, aos vinte annos, poder ousar e triumphar a aventureira Mocidade? — Eis tudo. Mais nada.

ERRATAS IMPORTANTES

A pag. 41, verso 10 deve lêr-se :

E já rôxo na Cruz, como um sol posto,

A pag. 202, verso 3.º :

Eu que nos astros leio.

A pag. 206, verso 8.º :

E o sangue dos nossos males.

A pag. 206, verso 12.º :

E as desgraçadas Rainhas.

INDICE

INDICE

	PAG.
PRIMEIRA PARTE. — INSPIRAÇÕES DO SÓL.....	9
Hymno ao Sol.....	11
Á janella do Occidente.....	14
Os Santos.....	15
D. Quichote.....	16
O Publicano.....	18
A lyra de Nero.....	19
Mysticismo humano.....	20
Os monges de Zurbaran.....	24
A bella flôr azul.....	28
Hora do meio dia.....	29
Cantiga do campo.....	30
A aguia.....	32
Accusação á Cruz.....	33
Lutlero.....	34
A terra.....	35
O ouro.....	37
O Budhá.....	38
No Calvario.....	40

	Pág.
Héli ! Héli !	41
As aldeias.....	42
Benefícios e philosophia do Sol.....	44
Disputa.....	45
As cathedraes.....	46
Lycanthropia.....	47
O Peccado.....	50
I Ubique Dæmon.....	50
II O Peccado.....	51
III A Cidade.....	52
IV O Inimigo.....	53
V Em toda a parte.....	54
VI Á janella.....	55
VII Ella.....	56
Soneto d'um poeta morto.....	57
A uma judia.....	58
A visita.....	60
Palacios antigos.....	61
Kain.....	63
Chrysanthemos.....	64
A uma noiva.....	66
Pequeninos nós.....	69
Flôres, flôres !.....	71
A primavera.....	74
SEGUNDA PARTE. — REALIDADES.....	75
Accusação a Christo.....	77
De noite.....	78
Aquelle sabio.....	81
Na taberna.....	83
Os lobos.....	85
Miséria occulta.....	92
Lisboa.....	94
A sêsta do senhor Gloria.....	97

	PAG.
Farça triste.....	100
Madrigal na rua.....	103
A lua morta.....	104
Palavras a um enforcado.....	108
TERCEIRA PARTE — A CARTEIRA DE UM FANTASISTA....	113
Antes de abrir a carteira.....	115
A noite do noivado.....	117
A tortura das chiméras.....	118
Tarde de verão	121
Na cabeceira d'um leito.....	124
Madrigal excêntrico.....	125
Aquella orgia.....	129
O Visionario, ou Som e Côr.....	132
Madrigal fúnebre.....	136
Debaixo de uma janella.....	139
A selvagem.....	143
A lanterna.....	144
Ultima phase da vida de D. Juan.....	145
A ultima ceia de Falstaff.....	127
Falstaff Moderno.....	148
Na rua.....	150
Phantasias da lua.....	151
O selvagem.....	155
O amor do vermelho.....	157
A um corpo perfeito.....	158
Carta ao mar.....	159
A lenda das Rosas.....	160
No enterro d'um coração.....	164
A joven miss.....	165
O doente romantico.....	166
Quadra d'um desconhecido.....	167
Em viagem.....	168
Noites de chuva.....	170

	PAG.
Idyllo meridional.....	172
Duas quadras de Diogenes no album de Lais.....	174
A camélia negra.....	175
A ultima serenada do Diabo.....	177
A musa verde.....	179
Idyllo d'aldeia.....	181
Carta ás estrellas.....	184
Na folha d'um livro.....	185
Os brilhantes.....	186
O astrologo.....	187
Nevrose nocturna.....	188
QUARTA PARTE.—MYSTICISMO.....	189
Dedicatoria.....	195
Os deuses mortos.....	196
Debaixo das hervas.....	197
A uma voz celeste.....	200
A pomba que voou.....	203
Tristissima.....	205
Idyllo triste.....	207
A um lyrio.....	209
A uma andorinha.....	212
Entre os arvoredos.....	215
Confissão a uma violeta.....	217
A sua camara.....	218
Rosa mystica.....	222
Junto do mar.....	223
Doente.....	226
N'um cemiterio.....	229
A casinha branca do valle.....	230
O triste monge.....	234
A senhora de Brabante.....	236
Senhora dos olhos verdes.....	240
A morta.....	243

	PAG.
A súplica de Ophélia	247
Despedida ao Sol.....	249
QUINTA PARTE — HUMORISMO.....	251
A aranha.....	253
Nova ballada do rei de Thule.....	254
Phantasia d'um aborrecido.....	257
El Desdichádo.....	261
A Valentina de Lucena.....	262
Phantasias.....	263
A Biographia de Satan.....	264
Agua furtada d'um original.....	270
Bilhete d'um estudante.....	274
A lady.....	277
Dedicatoria d'um livro.....	278
Humorismo mystico.....	280
O Iannibal.....	283
Romantismo.....	284
Aventuras.....	286
Inconveniente de matar a mulher	287
Um blasé... ..	288
O Velho.....	289
O Pae da Humanidade.....	290
SEXTA PARTE.—RUÍNAS.....	295
Farrapos	297
Aos vencidos.	306
O mundo velho.....	307
Aos vencedores.....	311
A Canalha.....	313
O novo livro... ..	319
A morte do Athleta.....	320
Algumas palavras.....	331
Erratas importantes.....	341

GOMES LEAL H.P. 1923



CLARIDADES DO SUL

SEGUNDA EDIÇÃO

(REVISTA E AUGMENTADA)



327 6 19

LISBOA

Empresa da HISTORIA DE PORTUGAL

1901



